



ANALIS

BOTÂNICOS

Lib. Ref. *L*
Date *nil*
Ab. articles: pp.

Herbário "Barbosa Rodrigues"

ANO II

22 de junho de 1950

N. 2

SUMÁRIO

	Págs.
Homenagem	5
Alcancamos o objetivo	7
SMITH, Lyman B. — Notas sobre as Bromeliáceas de Santa Catarina	13
SMITH, Lyman B. — Chaves para as Bromeliáceas de Santa Catarina	17
REITZ, P. Raulino — Notas sobre o gênero Canistrum de S. Catarina	35
REITZ, P. Raulino — Bromeliáceas de S. Catarina ...	39
REITZ, P. Raulino — Vegetação do Morro do Baú ...	57
REITZ, P. Raulino — Plantas Medicinais de Santa Catarina	71
REITZ, P. Raulino — Imbituba de Pé!	117
RAMBO, Balduino — Aráceas Riograndenses	119
RAMBO, Balduino — A Porta de Torres	125
BARBOSA, J. C. M. H. — Atividades Florestais no Estado de S. Catarina	137

ITAJAÍ

— SANTA CATARINA —

BRASIL



ANALIS BOTANICOS

DO

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES"

PERMUTA

Desejamos estabelecer permuta com todas as revistas similares.

Desejamos estabelecer el cambio con todas las Revistas similares.

Desideriamo cambiare questa Revista con altre pubblicazioni similari italiane.

On désire établir l'échange avec les Revues françaises similaires.

We wish to establish exchange with all similar Reviews.

Wir wuenschen den Austausch mit allen aehnlichen Zeitschriften einzurichten.

Ni deziras intersangôn kun ciuj samspecaj revuoj.

Volumus in permutationem omnes publicationes similes recipere.

ENDEREÇO (Address):

Diretor

Herbário "Barbosa Rodrigues"

ITAJAÍ — STA. CATARINA

BRASIL

ANAI S BOTÂNICOS
DO
HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES"

ANO II

22 de junho de 1950

N. 2

S U M Á R I O

- Homenagem
- Alcançamos o objetivo
- | | |
|----------------------|--|
| SMITH, Lyman B. | — Notas sôbre as Bromeliáceas de Santa Catarina |
| SMITH, Lyman B. | — Chaves para as Bromeliáceas de Santa Catarina |
| REITZ, P. Raulino | — Notas sôbre o gênero Canistrum de S. Catarina |
| REITZ, P. Raulino | — Bromeliáceas de S. Catarina |
| REITZ, P. Raulino | — Vegetação do Morro do Baú |
| REITZ, P. Raulino | — Nossas Plantas Medicinais |
| REITZ, P. Raulino | — Imbituba de Fé! |
| RAMBO, Balduino | — Aráceas Riograndenses |
| RAMBO, Balduino | — A Porta de Torres |
| BARBOSA, J. C. M. H. | — Atividades Florestais no Estado de S. Catarina |
-

HOMENAGEM AOS AMIGOS DA FLORA CATARINENSE

SÓCIOS BENEMÉRITOS

Governo da União	Rio de Janeiro
Governo do Estado	Florianópolis
Prefeitura Municipal	Itajaí
Banco Indústria e Comércio de Sta. Catarina	Itajaí
Bonifácio Schmitt	Itajaí
Deputado Prof. Orlando Brasil	Rio de Janeiro
P. Afonso Reitz	Luiz Alves
P. Raulino Reitz	Brusque

SÓCIOS BEMFEITORES

Cia. Fábrica de Papel de Itajaí	Itajaí
Dr. Guilherme Renaux	Brusque
Dr. José Bonifácio Schmitt	Itajaí
Cônego João Reitz	Sombrio
Usina de Açúcar "Adelaide" S. A.	Itajaí

SÓCIOS CONTRIBUINTES

Abdon Foes	Itajaí
Prefeito Arno Bauer	Itajaí
Dr. Arno Pedro Hoeschel	Florianópolis
Banco Nacional do Comércio	Itajaí
Camilo Mussi	Itajaí
Carlos Paulo Pfeilsticker	Itajaí
Dagoberto Alves Nogueira	Itajaí
Egídio Narciso	Itajaí
Deputado Heitor Liberato	Itajaí
Juvêncio Tavares de Amaral	Itajaí
Mons. Bernardo Peters	Lauro Müller
Dr. Norberto Bachmann	Joinville
N. Silveira Junior	Itajaí
Paulo Bauer	Itajaí
P. Germano Peters	Orleães
Walter Fleischmann	Itajaí
Wilson Alves Perpétuo	Florianópolis

ALCANÇAMOS O OBJETIVO

Iniciou-se a realização de nossas esperanças pela publicação do 1º Número de ANAIS BOTÂNICOS. Publicar trabalhos botânicos originais sul-brasileiros e, por meio do Serviço de permutas, trazer à biblioteca do Herbário "Barbosa Rodrigues" todas as publicações atuais do ramo era o objetivo ao qual nos propomos chegar. E já é realidade.

Aceitamos e agradecemos as manifestações de aplausos à iniciativa deste Herbário. Servirão de encorajamento à publicação anual ininterrupta dos futuros números.

"Com muito agrado recebi 15 número ANAIS BOTÂNICOS do Herbário "Barbosa Rodrigues" pt Envio-lhe meus agradecimentos e minhas felicitações pela louvável iniciativa pt Cords. Sauds. NEREU RAMOS" (Telegrama do ilustre Dr. Nereu Ramos, digníssimo Vice-Presidente da República — **RIO DE JANEIRO**)

"Regressando há pouco da excursão pastoral, fico muito grato pela remessa do nº 1 dos "ANAIS BOTÂNICOS", que apreciei devidamente.

E em particular o seu último trabalho sobre Itajaí com a significação "Rio dos Taiás". Pareceu-me trabalho concludente e exaustivo. Essa conclusão de certo já agora ninguém mais lha contestará.

Auguro ulteriores trabalhos, que abenço, permanecendo, servo em Jesus Cristo. JOAQUIM — ARCEBISPO METROPOLITANO. (De uma carta de S. Excia. D. Joaquim Domingues de Oliveira, dd. Arcebispo Metropolitano de FLORIANÓPOLIS e Conde Romano). **FLORIANÓPOLIS.**

"Tenho o prazer de agradecer a V. S. a remessa do exemplar "ANAIS BOTÂNICOS" do Herbário "Barbosa Rodrigues". Cordiais saudações. ARMANDO SIMONE. Secretário do Interior e Justiça, Educação e Saúde". — **FLORIANÓPOLIS.**

"I am wondering if sometime in the future an annotated list of these collections would be acceptable for publication in the ANAIS BOTÂNICOS. The mosses of S. Catarina and Rio Grande do Sul should be put on record in a systematic manner not only as a matter of interest but as a basis for future study as the explorations are continued. At your leisure I will be happy to have a frank expression of opinion from you on this subject. EDWIN B. BARTRAM. (Carta de Dr. Edwin B. Bartram, Bushkill, Pike County, Pennsylvania, U. S. A.).

"Obra en mi poder el primer número de ANAIS BOTÂNICOS do Herbário "Barbosa Rodrigues", editado por el instituto botânico de uds.

He leído con sumo interés y agrado ese primer número y junto com acusarle recibo, debo cumplir con la grata misión de hacer llegar a sus redactores mis felicitaciones mas cordiales.

Es una publicação llena de energia, escrita com entusiasmo y con la gran fé en el éxito científico que debemos tener aquellos que nos dedicamos a alguma ciencia. Prof. HUGO GUNCKEL L. Director del museo Araucano de Temuco" — **CHILE**.

"Sinceramente vos felicito. pelos "ANAIS BOTÂNICOS", cujo primeiro número nesta data recebi e tive oportunidade para rapidamente compulsar.

Agradeço a remessa destinada à biblioteca do Instituto. Igualmente sou reconhecido e grato pelos termos em que vos referistes à minha modesta pessoa. Com meu cordial abraço e cumprimento sincero. F. C. HOEHNE — Diretor" — Instituto de Botânica, S. PAULO.

"Yesterday hare received the first copy of" ANAIS BOTÂNICOS do Herbário "Barbosa Rodrigues" and while we not yet had sufficient time to read it we can see that it is a very worth while contribution. We wish to congratulate you for your very creditable work. MULFORD B. FOSTER" — Orlando, Florida — **U. S. A.**

"Recebi há poucos dias o 1º N. de ANAIS BOTÂNICOS de que gostei muito. Meus parabens pelas suas estupendas realizações. P. J. ENGÊNIO LEITE, S. J." — Campos Jordão — **S. PAULO**.

"Recebi com grande prazer o primeiro número dos ANAIS BOTÂNICOS do Herbário Barbosa Rodrigues". Posso cumprimentar o Sr. por essa iniciativa que me parece muito feliz, dando-nos a possibilidade de familiarizarmo-nos com os trabalhos dos nossos colegas do sul.

Em permuta enviamos os nossos Boletins 5 e 6 aos quais esperamos seguir logo o n. 7 presentemente no prelo. Juntamos também algumas separatas pessoais nossas.

Seria muito grato se pudesse receber para minha coleção particular separatas dos trabalhos valiosos e interessantes também para nossos estudos aqui. Prof. FELIZ RAWITSCHER" — Universidade de São Paulo — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — **S. PAULO**.

"Tenho em meu poder sua circular do dia 14 de outubro (a data dos nascimento de Frei Vellozo ou com mais segurança do seu batismo), bem como o número inaugural de ANAIS BOTÂNICOS sob sua brilhante direção.

Tanto a apresentação dessa nova e util publicação botânica, como a selecionada e interessante matéria que a compõe, agradaram-me sobremaneira e tenho a certeza que ANAIS BOTÂNICOS vêm preencher uma das lacunas existentes no país. E oxalá possam eles ser bem compreendidos e amparados. Prof. CARLOS STELLFELD", Diretor de "Tribuna Farmacêutica". — **CURITIBA**.

"Somente agora é que posso acusar o recebimento e agradecer o exemplar dos ANAIS BOTÂNICOS do Herbário "Barbosa Rodrigues", que o amigo teve a gentileza de me enviar.

Não o agradeçí há mais tempo em virtude da grande soma de afazeres que tive neste fim de ano. Ademais, não desejava escrever-lhe antes de percorrer as páginas da revista, e posso afirmar ao amigo que aprendí muito com essa leitura, principalmente através do bem feito e erudito estudo sobre a "História da Botânica em Santa Catarina".

Quero, pois, em meu nome, e no do Centro Cultural de Itajaí, felicitá-lo por mais essa brilhante realização do Herbário "Barbosa Rodrigues", cujo mérito só pode ser avaliado em toda a sua plenitude pelos estudiosos e especialistas na matéria. NEREU CORREA — Presidente do Centro Cultural de **ITAJAÍ**

"Recebemos o exemplar de ANAIS BOTÂNICOS, publicação com que inicia, no Estado, a divulgação sistemática dos estudos fitológicos.

Agradecendo, auguramos-lhe os maiores êxitos na manutenção de tão útil empreendimento. ROBERTO LACERDA — Diretor-Geral" Departamento Estadual de Estatística — **FLORIANÓPOLIS**.

Grato pela remessa de seu formidável ANAIS BOTÂNICOS. P. JOÃO REITZ" — **SOMBRIÓ**.

"Acusamos o recebimento do n. 1 de ANAIS BOTÂNICOS e agradecemos, sensibilizados, a gentileza da oferta". JOSÉ CARLOS DE MATTOS HORTA BARBOSA — Executor do Acôrdo Florestal" — **FLORIANÓPOLIS**.

"Vorgestern gab man mir Ihre ANAIS BOTÂNICOS, zu denen ich Ihnen gratuliere und fuer die ich herzlich danke. Spaet am Abend habe ich noch ziemlich viel darin lesen koennen und habe mir vor allem die "Galeria dos Botânicos" angesehen. Viel Glueck und Gottes Segen zu Ihrer Arbeit wuenscht Ihnen Ihr Fr. MIGUEL WITTE" — **RIO NEGRO**.

"Muito gratos pela distinta e honrosa oferta do N.º 1 dos ANAIS BOTÂNICOS, temos o prazer de comunicar que estamos organizando uma coleção completa quanto possível dos números já publicados da nossa Revista da Flora Medecinal para remeter ao Herbário "Barbosa Rodrigues" da sua superior direção.

Congratulamo-nos com o aparecimento de tão desejado trabalho e tão necessária publicação como são os ANAIS BOTÂNICOS e sentimo-nos muito honrados com o generoso oferecimento da permuta das nossas respectivas publicações. JOSÉ MONTEIRO DE REZENDE" — Redator-Gerente da Revista da Flora Medecinal — **RIO DE JANEIRO**.

"Felicitando o Herbário "Barbosa Rodrigues" por tão útil e valiosa colaboração que vem de emprestar à botânica brasileira agradecemos a oferta que nos fez pesosalmente o P. Reitz de um exemplar de ANAIS BOTÂNICOS. ABDON FOES — Diretor do Jornal do Povo — **ITAJAÍ**.

"Tengo el agrado de escribir a Ud. para hacerle llegar mis felici-

citaciones por sus magníficos ANAIS BOTÂNICOS del Herbario "Barbosa Rodrigues", que he recebido hace poco desde la casa de mi familia en Buenos Aires. Eis mi deseo que esta nueva publicación, que honra a la ciência botânica de su gran país, tenga una larga vida y contribuya desde sus páginas al esclarecimiento de tantos problemas botánicos comuns a las floras de su país y del mío.

Muy interessante su trabajo sobre la história de la botânica catarinense; si tiene algún separado disponible, le agradeceré me envíe uno.

Reciba los cordiales saludos de su siempre amigo ARMANDO T. HUNZIKER" — Córdoba — **R. ARGENTINA.**

"Agradecidos com os nossos parabens pela iniciativa louvavel — P. BERTOLDO ROTH, S. J." — Colégio Cristo Rei — **S. LEOPOLDO.**

"Many thanks — JASON R. SWAILLEN" — Smithsonian Institution — National Museum — WASHINGTON — **U. S. A.**

"Sinceramente agradecemos a remessa da utilíssima revista ANAIS BOTÂNICOS. ALVIM SEIDEL" — Orquidário Catarinense — **CORUPÁ.**

"Tengo el agrade de acusar recibo de ANAIS BOTÂNICOS do Herbario "Barbosa Rodrigues", que me ha resultado mui interessante. Al felicitar a usted por la feliz iniciativa de esta nueva publicación botânica de la Flora Sudamericana, se despide suyo affmo. CARLOS A. O'DONELL — Diretor interino del Instituto de Botânica Miguel Lillo" — TUCUMAN — **R. ARGENTINA.**

"Mit besten Dank! — Botanische Staatssammlung" — MUENCHEN — **ALEMANHA.**

O intercâmbio de publicações tornou-se uma realidade como atestam as seguintes comunicações recebidas:

"Nous vous inscrivons sur notre liste d'échanges pour 1950. Vous recevra notre Bulletin qui parait 6 ou 7 fois par an par les Echanges internationaux" — Museum National d'Histoire Naturelle — Paris — **FRANÇA.**

"Interessados como estamos em receber ANAIS BOTÂNICOS, propomos permuta com nossa revista mensal BRAGANTIA. CARLOS ARNALDO KRUG — Diretor do Instituto Agrônômico" — Campinas — **S. PAULO.**

"Your request will be considered by the Library Committee on 9 February 1950" — THE LINNEAN SOCIETY OF LONDON — Piccadilly — London — **INGLATERRA.**

"Respondendo sua carta de 6 de novembro de 1949, comunicamos-lhe que estamos de acôrdo com seu pedido e que já foi incluído o seu endereço na lista de permuta com a nossa revista "CERES". FÁBIO RIBEIRO GOMES, pelo Diretor — Escola Superior de Agricultura do Estado de Minas Gerais — **VIÇOSA.**

"Besten Dank fuer die Zusendung von Nr. ANAIS BOTÂNICOS do Herbário "Barbosa Rodrigues". Leider besitzt unser Museum keine eigene Publicationserie die ich Ihnen in Austausch senden koennte. Ich werde aber so ordnen dass Separat abdruecke von Arbeiten ueber Suedamerikanische Flora Ihnen zugesand werden. E. ASPLUND" — Naturhistoriska Riksmuseet — Botaniska Avdelingen — Stockholmo — SUECIA.

"You are hereby informed that the California Academy of Sciences has placed your library upon its exchange list. Our publications as noted below will be sent you under separate cover. V. J. SEXTON" — California Academy of Sciences — Golden Gate Park — San Francisco — California — U. S. A.

"Thank you for your letter of April thre tenth as well as ANAIS BOTÂNICOS n. 1 which we are indeed happy to add to our collection.

In exchange for your publications we can send you LLOYDIA or any of the publications on the enclosed list. Kindly let us know your selection and we shall be happy to send those which are available. — C. M. SIMONS — Librarian" — The Lloyd Library and Museum — CINCINNATI, OHIO — U. S. A.

"We have received with much interest the announcement of the forthcoming publication of your new journal ANAIS BOTÂNICOS, and we accept with pleasure your offer to send it to us regularly in exchange for botanical publication of the Smithsonian Institution.

The name of the Herbário "Barbosa Rodrigues", at the address given above, will be added do the Institution's mailing list to receive the **Contributions from the United States National Herbarium**, in future. This series of papers is published at irregular intervals. L. F. Clark — Librarian" — Smithsonian Institution — WASHINGTON — U. S. A.



NOTAS SÔBRE BROMELIÁCEAS DE SANTA CATARINA

por

Lyman B. Smith

(Conservador Associado do Department of Botany,
Smithsonian Institution)

Washington, D. C. — U. S. A.

Na preparação das chaves das Bromeliáceas de Santa Catarina encontram-se as seguintes instâncias em que se precisa estabelecer ou esclarecer os nomes:

- 1 — *Aechmea comata* (Gaud.) Baker, — "Journ. Bot.", vol. XVII (1879) p. 234.

Sin.: *Pothuava comata* Gaud. Atl. Voy. Bonite (1846) táb. 116.

Hoplophytum Lindeni E. Morr., — "Belg. Hortic.", vol. XV (1865) p. 164.

Aechmea Lindeni (E. Morr.) Baker, — "Journ. Bot.", XVII (1879) p. 233.

Observ.: A publicação do nome *Pothuava comata* é baseada completamente sôbre a lâmina de Gaudichaud porque não há descrição alguma. Esta lâmina não mostra coma apical notável como existe nalgumas espécies de *Aechmea*, e é difícil de compreender porque escolheu o nome "comata" para a espécie, a menos que tenha pensado de toda a inflorescência em forma duma coma.

Botânicos seguintes, desencaminhados pela idéa duma coma apical vistosa em *Aechmea comata*, têm utilizado o nome *Aechmea Lindeni* para esta espécie bem conhecida de Santa Catarina, mas comparando as duas não se descobre diferença essencial.

- 2 — *Aechmea ornata* (Gaud.) Baker, — "Journ. Bot.", vol. XVII (1879) p. 162.

Sin.: *Chevalieria ornata* Gaud., — "Alt. Voy. Bonite". (1846) táb. 62.

Observ.: Ainda que Gaudichaud mostrou apêndices bem evidentes sôbre os pétalos do seu gênero *Chevalieria*, botânicos depois dêle têm persistido em distinguir o gênero como de pétalos nus. Em realidade não podemos descobrir base constante para separar as espécies de *Chevalieria* das espécies de *Aechmea* com inflorescência simples e basta donde os apêndices dos pétalos variam de escamas vistas complicadas até faldas minutas quasi perdidas.

- 3 — *Billbergia distachia* (Vell.) Mez var. *Straussiana* (Wittm.) L. B. Smith (n. camb.).

Sin.: *Billbergia Bakeri* E. Morr., — "Belg. Hortie." vol. XXX (1880) p. 166, táb. 8.

Billbergia Bakeri E. Morr. var. *Straussiana* Wittm., — "Gartenzeit." vol. IV (1885) p. 487.

Distingue-se da variedade típica pelos pétalos completamente verdes, sem máculas azuis pelos ápices.

Observ.: Segundo as Regras Internacionais de Nomenclatura, temos para a planta não o nome mais velho de todo, mas o nome mais velho na categoria, que aqui é variedade. A planta era relatada para Santa Catarina sob o nome *Billbergia Bakeri*.

4 — *Canistrum Lindenii* (Regel) Mez var. *roseum* (E. Morr.) L. B. Smith (N. camb.).

Sin.: *Canistrum roseum* E. Morr. — "Belg. Hortie." vol. XXIX (1879) p. 301, e vol. XXXIII (1883) p. 195, tab. 14-15.

Canistrum bellarosa F. Mueller ex Ule in Bericht Deutsch. Bot. Gesellsch. vol. XVII (1889) p. 54.

Distingue-se da variedade típica pelas brácteas exteriores da inflorescência duma cor rósea.

Observ.: A variedade típica de *Canistrum Lindenii* tem as brácteas exteriores da inflorescência duma cor amarelo-branquecente até quasi branco. O seu descobrimento em Santa Catarina por Reitz, faz muito duvidosa a sua origem suposta da Bahia.

5 — *Dyckia Reitzii* L. B. Smith (n. s.).

Florifera 5 dm. alta (! Reitz); foliis plurimis, dense rosulatis, ad 18 cm. longis, vaginis suborbicularibus, 35 mm. diametro, laxe serrulatis, brunneis, mox glabris sublucidisque, laminis linearibus, acuminatis, pungentibus, 10 mm. latis, supra glabris laevibusque, subtus dense cinereo-lepidotis valde nervatisque, spinis curvatis ad 3 mm. longis laxe armatis; scapo gracili, ferrugineo-flocculoso; scapi bracteis dense imbricatis, lanceolatis, acuminatis, serrulatis, cinereo-flocculosis; inflorescentia simplicissima, 9 cm. longa, densa. dense ferrugineo-flocculosa; bracteis florigeris eis scapi similibus, flores superantibus; floribus subpatentibus, quibusdam cum petalis additis; pedicellis robustis, 5 mm. longis; sepalis ovatis, acutis cucullatisque. 8-9 mm. longis; petalis 16 mm. longis, aureis (! Reitz), laminis patentibus, rhomboideis; staminibus inclusis, filamentis supra tubum petaleo-stamineum longe connatis; stylo brevi.

Mat. Exam.: United States National Herbarium:

N. 1.954.695 — R. Reitz, n. 2.690, rupestre, arenito, Campo dos Padres, Santa Catarina, à 1.800 m. s. m., em 21-12-1948 (tipo).

Observ.: As suas características técnicas como os filamentos alto soldados indicam que *Dyckia Reitzii* tem parentesco com *D. minarum* e *D. Fosteriana*, mas no seu indumento ferrugíneo e brácteas florais compridas serrilhadas parece muito com *D. encholirioides*.

6 — *Nidularium Innocentii* Lem. var. *Paxianum* (Mez) L. B. Smith (n. camb.).

Sin.: *Nidularium Paxianum* Mez, — "Gartenflora" vol. XLIV (1895) p. 297, táb. 1415.

Distingue-se da variedade típica por ser completamente verde ou com os ápices das brácteas primárias vermelhas, e não tingida de purpúreo.

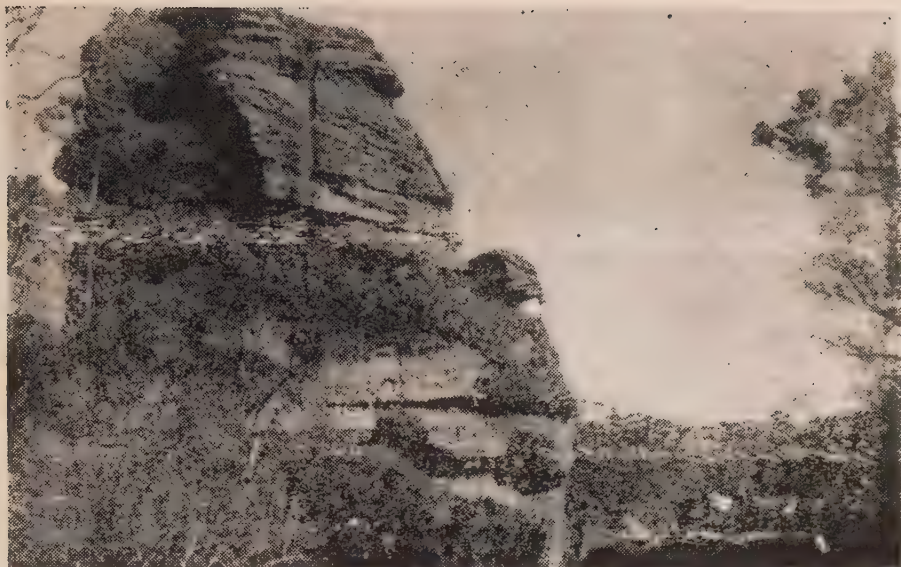
Observ.: Distinções da cor nas folhas e brácteas apenas merecem o título da espécie.



***Dyckia Reitzii* L. B. SMITH (n. sp.)**

Explicação da Lâmina:

A — Haste e inflorescência x 1; B — Folha x 1; C — Sépalo x 5;
D — Secção longitudinal da flor x 5. As flechas indicam os
pétalos exteriores adicionais encontrados em algumas flores



Lâmina 2.

O cinto de vegetação que atravessa obliquamente o rochedo pela metade é uma colônia de *Dyckia Reitzii* L. B. SMITH único lugar onde até hoje foi encontrada esta planta



Lâmina 3.

Fotografia dum exemplar de *Dyckia Reitzii* L. B. SMITH cultivado no bromeliário particular do homenageado

- 7 — *Nidularium billbergioides* (Schult. fil.) L. B. Smith, — "Contrib. Gray Herb.", vol. XCV (1931) p. 42.

Sin.: *Tillandsia terminalis* Vell., — "Fl. Flum." (1825) p. 137; — Idem, "Icones", vol. III (1827) táb. 143, não *Nidularium terminale* Ule (1898).

Holkenbergia? *billbergioides* Schult. fil., — "Roem. & Schult. Syst.", vol. VII (1830) p. 1253.

Nidularium bracteatum Mez, — "Mart. Fl. Br.", vol. III, III (1891) p. 224, enquanto o material citado mas não enquanto o basonym, *Tillandsia bracteata* Vell.

Observ.: A *Tillandsia bracteata* Vell. é a mesma que *Aechmea fasciata* e não um *Nidularium* como mostram os seus pétalos livres com duas escamas cada um pela base. Por esta razão é necessário encontrar outro nome para o material que Mez chamou *Nidularium bracteatum* como combinação do nome de Vellozo.

Sem ver o material de Santa Catarina que Mez notou debaixo de *Nidularium bracteatum* não é possível identificá-lo com certeza, mas julgando pela descrição não mostra diferença importante de *Nidularium billbergioides* que se encontra de Bahia até São Paulo.

CHAVES PARA AS BROMELIÁCEAS DE SANTA CATARINA

por Lyman B. Smith

(Conservador Associado do Department of Botany, Smithsonian Institution)

Washington, D. C. — U. S. A.

Estas chaves foram feitas em resposta ao desejo do Pe. Raulino Reitz para facilitar as investigações que faz com o Dr. Henrique Veloso para o Instituto de Malariologia em estudando as relações entre as bromeliáceas e os mosquitos que trazem malária. Na maior parte as chaves são uma compilação do manuscrito que foi preparado para publicação na "Flora Brasílica" do Dr. F. C. Hoehne. Espero que servirão como estímulo de interesse no estudo desta família e assim aumentarão o nosso conhecimento não só em Santa Catarina mas também nas cercanias.

Vários generos e espécies acham-se tão perto de Santa Catarina que o seu descobrimento último dentro do Estado parece muito provavel. Estes nomes estão incluídos nas chaves, mas dentro dos parênteses, para indicar que não foram verificados ainda.

Para facilitar identificações numa área restringida, em algumas instâncias na chave para os gêneros, utilizam-se caracteres que são corretos quanto às espécies encontradas em Santa Catarina mas não para todas as espécies do gênero.

CHAVE PARA OS GÊNEROS

- | | |
|---|---|
| 1a — Sementes com apêndices; ovário em parte ou completamente súpero; frutos capsulares | 2 |
| 1b — Sementes sem apêndices; ovário completamente ínfero ou em <i>Acanthostachys</i> em pequena parte súpero; frutos indeiscentes Subf. Bromelloideae | 6 |
| 2a — Apêndice das sementes inteiro; folhas em regra aculeadas; plantas terrestres. | |
| Subf. Pitcairniodeae | 3 |
| 2b — Apêndice das sementes plumoso; folhas sempre inteiras; plantas em regra epífitas. | |
| Subf. Tillandsioideae | 4 |

3a — Pétalos livres; filamentos não formando um tubo; ovário em parte infero; sementes munidas pela base e ápice de apêndices estreitos.

1 — *Pitcairnia* L'Hérit

3b — Pétalos com as linhas medianas das suas bases soldadas num tubo com as bases dos filamentos; ovário completamente súpero; sementes aladas.

2 — *Dyckia* Schult. fil.

4a — Apêndice das sementes basal, reto; sépalos simétricos ou quando assimétricos então as flores em duas fileiras ..

5

4b — Apêndice das sementes apical e dobrado; sépalos assimétricos; flores em mais de duas fileiras.

5 — *Catopsis* Griseb.

5a — Pétalos nus.

3 — *Tillandsia* L.

5b — Pétalos munidos de duas escamas.

4 — *Vriesia* Lindl.

6a — Grãos de polen lisos, globosos; pétalos com as linhas medianas das suas bases soldadas num tubo com as bases dos filamentos.

6 — *Bromelia* L.

6b — Grãos de polen esculpido ou munidos de poros ou sulcos; pétalos livres ou soldados só pelas margens

7

7a — Grãos de polen com 2 ou 4 poros salientes, em sulco; sépalos em regra fortemente assimétricos e com ápice firme acicular

8

7b — Grãos de polen sem poros, mas com sulco único longitudinal ao menos em seccar; sépalos simétricos com ápice obtuso, fraco.

16 — *Billbergia* Thunb.

8a — Inflorescência cercada dum involúcro de brácteas vistosas

9

8b — Inflorescência sem involúcro

13

9a — Flores delgado pediceladas; lâminas dos pétalos patentes, agudos; inflorescência simples.

7 — *Neoregelia* L. B. Smith

- 9b — Flores sésseis 10
- 10a — Pétalos nus, os seus ápices cuculados.
- 8 — *Nidularium* Lem.
- 10b — Pétalos com apêndices 11
- 11a — Pétalos livres 12
- 11b — Pétalos parcialmente soldados pelas margens.
- 9 — *Wittrockia* Lindm.
- 12a — Sépalos livres; flores e brácteas bastamente revestidas de lâ escuro-morena.
- 10 — *Canistrum* E. Morr.
- 12b — Sépalos soldados pelas bases.
- 13 — *Aechmea* R. & P.
- 13a — Ovários sempre distintos 14
- 13b — Ovários soldados entre si e com as brácteas carnosas num sincarpo; inflorescência com coma apical 17
- 14a — Inflorescência composta 15
- 14b — Inflorescência simples 16
- 15a — Flôres muito comprimidas, nas espigas pequenas bastas escuro-foculosas; tubo epígino quasi falta.
- 12 — *Hohenbergia* Schult. fil.
- 15b — Flôres não comprimidas, nas espigas laxas ou dísticas; tugo epígino evidente.
- 13 — *Aechmea* R. & P.
- 16a — Ovário em pequena parte súpero; haste nua com exceção duma bráctea grande terminal; inflorescência simples, basta, pequena, pseudolateral.
- 11 — *Acanthostachys* Kl.
- 16b — Ovário completamente ínfero.
- 13 — *Aechmea* R. & P.
- 17a — Inflorescência com uma coma pequena de brácteas reduzidas, sem brôtos pela base; planta estendendo-se por rizomas alargados; pétalos munidos de faldas verticais.

14 — *Pseudananas* Hassl.

- 17b — Inflorescência com uma coma grande de brácteas foliáceas, e muitas vezes com brôtos pela base; rizomas faltam; pétalos munidos de duas escamas infundibuliformes.

15 — *Ananas* Mill.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE BROMELIÁCEAS DE SANTA CATARINA

1 — *Pitcairnia* L' Hérít.

- Espécie única *P. flammea* Lindl.
Var. *floccosa* L. B. Smith.

2 — *Dyckia* Schult. fil.

- 1a — Filamentos livres acima do tubo comum com os pétalos 2
1b — Filamentos soldados acima do tubo comum com os pétalos; brácteas florais subigualando ou emcimando as flores inferiores, serrilhadas 7
2a — Inflorescência amplamente tripinada, basto furfuráceo-tomentosa; brácteas florais não mais de 3 mm. de comprimento.

1 — *D. maritima* Baker

- 2b — Inflorescência não mais de bipinada 3

3a — Sépalos obtusos

2 — *D. leptostachya* Baker

- 3b — Sépalos agudos ou aguçados 4

- 4a — Inflorescência bastante ferrugíneo-tomentulosa; brácteas florais serrilhadas.

3 — *D. encholirioides*
(Gaud.) Mez

- 4b — Inflorescência glabra ou com indumento pálido 5

- 5a — Brácteas florais acuminadas; lâminas das folhas gordas, 25-35 mm. de largura.

4 — *D. brevifolia* Baker

5b — Brácteas florais aguçadas ou abruptamente agudas; lâminas das folhas 5-12 mm. de largura 6

6a — Brácteas superiores da haste mais curtas que os entrenós; sépalos 6-8 mm. de comprimento.

5 — *D. remotiflora* Otto & Diehr.

var. *montevidensis*

(C. Koch) L. B. Smith

6b — Brácteas da haste basto imbricadas, sépalos 10-11 mm. de comprimento.

6 — *D. choristaminea* Mez

7a — Sépalos 6 mm. de comprimento; brácteas florais subigualando as flores inferiores; lâmina das folhas repando-serreadas.

7 — *D. Fosteriana* L. B. Smith

7b — Sépalos 8-9 mm. de comprimento; brácteas florais emcimando todas as flores; lâminas das folhas quasi retas entre os espinhos.

8 — *D. Reitzii* L. B. Smith

3 — *Tillandsia* L.

1a — Sépalos simétricos, ou se pouco asimétricos então ovalados ou lanceolados e mais largos perto da base 2

1b — Sépalos asimétricos, mais largos perto do ápice, não mais de 7 mm. de comprimento.

Subgênero *Pseudo-Catopsis* 14

2a — Estâmes mostrando-se das fáuces da corola; estilete delgado, muito mais longo que o ovário 3

2b — Estâmes profundamente incluídos; estilete curto e robusto 11

3a — Filamentos retos; flores em duas fileiras; inflorescência simples ou de poucas ramas; brácteas florais 20-25 mm. de comprimento, quasi ou completamente glabras.

Subgênero *Allardtia*

1 — *T. Lorentziana* Griseb.

- 3b — Filamentos fortemente transverso-plicados perto dos seus ápices; inflorescência simples com as flores em muitas fileiras ou basto composta de muitas ramas pequenas Subgênero *Anoplophytum* 4
- 4a — Inflorescência composta com as flores em duas fileiras sobre as espigas 5
- 4b — Inflorescência simples com as flores em muitas fileiras 6
- 5a — Brácteas florais bastamente imbricadas e ocultando a raque.
- 2 — *T. Gardneri* Lindl.
- 5b — Brácteas florais distantes entre si e deixando quasi tôda a raque visível.
- 3 — *T. geminiflora* Brongn.
- 6a — Sépalos igualmente soldados para 2-4 mm. pela base; caule não evidente ou curtíssimo.
- 4 — *T. stricta* Soland
- 6b — Sépalos posteriores muito mais altamente soldados entre si que com o sépalo anterior; caule em regra bem desenvolvido 7
- 7a — Brácteas florais, ou ao menos as inferiores, agudas 8
- 7b — Brácteas florais largo arredondadas, amplas.
- 5 — *T. firmula* Mez
- 8a — Pétalos escuríssimo azuis.
- 6 — *T. aëranthos* (Loisel.)
L. B. Smith
- 8b — Pétalos alvos ou pálido azuis 9
- 9a — Lâminas das folhas planas perto da base e pouco distintas das bainhas, em regra iguais ou mais longas que o tamanho do caule simples ou pouco ramoso 10
- 9b — Lâminas das folhas enroladas por todo o seu comprimento e assim bem distintas das bainhas, muito delgadas, em regra mais curtas que o tamanho do caule comprido e ramoso, muitas vezes patentes.
- 7b — *T. pulchella* Hook.
var. *vaginata* (Wawra) Castellanos.
- 10a — Inflorescência mais curta que as folhas delgadas e pouco ou não secundas.

7 — *T. pulchella* Hook. —
típica

10b — Inflorescência em cima das folhas robustas em regra secundas.

7a — *T. pulchella* Hook.

var. *surinamensis*

(Miq.) Mez

11a — Lâminas dos pétalos amplas, suborbiculares, vistosas, azuis ou roxas.

Subgênero *Phytarrhiza*.

8 — *T. Mallemontii* Gleziou
ex Mez

11b — Lâminas dos pétalos estreitas e de pouco realce.
Subgênero *Daphoranthema* 12

12a — Folhas em muitas fileiras; haste revestida de brácteas

9 — *T. tricholepis* Baker

12b — Folhas em duas fileiras; haste em maior parte nua ou falta 13

13a — Caule em regra mais curto que as folhas e sempre oculto por elas; haste terminal sempre evidente.

10 — *T. recurvata* L.

13b — Caule até 8 metros de comprimento, mostrando-se entre as folhas; haste quasi nenhuma; flôres solitárias sobre ramos curtos pseudos axilares.

11 — *T. usneoides* L.

14a — Haste ereta; lâminas das folhas liguladas, arredondadas; brácteas florais iguais aos sépalos.

12 — *T. triticea* Burchell
ex Baker

14b — Haste decurvada; lâminas das folhas estreitíssimo-triangu-
ulares, acuminadas; brácteas florais muito mais curtas
que os sépalos.

13 — *T. aëris-incola* (Mez) ·
Mez

4 — *Vriesia* Lindl.

- | | |
|--|----|
| 1a — Estâmes emcimando os pétalos; brácteas e flôres em
regra de côres brilhantes | 2 |
| 1b — Estâmes iguais ou mais curtos que os pétalos; brácteas
e flôres em regra de pouco realce, verdes ou morenas | 19 |
| 2a — Flores mais de duas fileiras; inflorescência simples; lâ-
minas das folhas estreitíssimo-triangulares, acuminadas | 3 |
| 2b — Flores exatamente em duas fileiras, mas as vezes tor-
cidas até secundas | 4 |
| 3a — Brácteas de haste todas munidas de lâminas compridas
arqueado-recurvadas | |
| 1 — <i>V. poenulata</i> (Baker)
E. Morr. ex Mez | |
| 3b — Brácteas da haste munidas de lâminas eretas, as supe-
riores curtas | |
| 2 — <i>V. flammea</i> L. B.
Smith. | |
| 4a — Inflorescência simples | 5 |
| 4b — Inflorescência ramosa | 11 |
| 5a — Haste reta ou ascendente; inflorescência ereta | 6 |
| 5b — Haste decurvada; inflorescência pêndula | 10 |
| 6a — Flores imbricadas, todas apressas uma contra a outra e
contra a raque | 7 |
| 6b — Flores (ao menos as inferiores) não imbricadas nem
apressas à raque, mas divergentes ou patentes com es-
paço evidente entre si | 9 |
| 7a — Brácteas florais com o meio superiores longo-acuminado
patente, 6-7 cm. de comprimento. | |
| 3 — <i>V. erythrodactylon</i> E.
Morr. | |
| 7b — Brácteas florais com o meio superior largo triangular | 8 |
| 8a — Inflorescência oblonga até linear no contorno, muito
comprimida; brácteas florais 45-60 mm. de comprimento. | |
| 4 — <i>V. incurvata</i> Gaud. | |
| 8b — Inflorescência quasi tão larga como longa; brácteas flo-
rais 30-36 mm. de comprimento. | |
| 5 — <i>V. carinata</i> Wawra | |

- 9a — Raque da inflorescência delgada; inflorescência de poucas flores; brácteas florais 3 cm. de comprimento.
(6 — *V. psittacina* (Hook.) Lindl.
var. *decolor* Wawra)
- 9b — Raque da inflorescência robusta; inflorescência de muitas flores; brácteas florais até 47 mm. de comprimento.
7 — *V. ensiformis* (Vell.) Beer.
- 10a — Lâminas das folhas ornadas de máculas escuras; brácteas florais 3-4 vezes mais longas que os entrenós mais patentes e descobrindo a raque.
8 — *V. guttata* Linden & André
- 10b — Lâminas das folhas completamente pálido-verdes; brácteas florais apenas mais longas que os entrenós.
9 — *V. scalaris* E. Morr.
- 11a — Brácteas florais suborbiculares, 10-17 mm. de comprimento, igualando só cerca do meio do sépalo.
10 — *V. Rodigasiana* E. Morr.
- 11b — Brácteas florais menos largas que longas, até 35 mm. de comprimento, em regra encimando o meio do sépalo 12
- 12a — Sépalos agudos; brácteas florais largo agudas 13
- 12b — Sépalos arredondados 15
- 13a — Flores secundas 14
- 13b — Flores sempre ficando em duas fileiras.
11 — *V. Muelleri* Mez
- 14a — Planta florífera 1-3 metros de altura, sem rizomas compridos; lâminas das folhas 5-8 cm. de largura; brácteas florais não carinadas.
12 — *V. Philippo-Coburgii*
Wawra — Típica —
- 14b — Planta florífera baixa, com rizomas escamosos compridos; lâminas das folhas estreitas; brácteas florais carinadas.

- 12a — *V. Philippo-Coburgii*
Wawra
var. *vagans* L. B.
Smith
- 15a — Ramos da inflorescência todos munidos com brácteas
estéreis para as suas bases 16
- 15b — Ramos da inflorescência sem brácteas estéreis ou rara-
mente os ínfimos munidos delas 17
- 16a — Lâminas das folhas acuminadas; brácteas da haste es-
treitas, acuminadas, coriáceas; ramos da inflorescência
suberetos.
- 13 — *V. neoglutinosa* Mez
- 16b — Lâminas das folhas largo agudas ou arredondadas, agu-
çadas; brácteas da haste largas, aguçadas, em regra sub-
foliáceas.
- 14 — *V. procera* (Mart.)
Wittm.
- 17a — Inflorescência larga com os seus ramos compridos e pa-
tentes ou subpatentes; brácteas florais em regra duas
vezes mais longas que os entrenós ou menos; lâminas
das folhas verdes.
- (15 — *V. friburgensis* Mez
- 17b — Inflorescência estreita com os seus ramos curtos e ere-
tos ou suberetos; brácteas florais em regra cerca de três
vezes mais longas que os entrenós 18
- 18a — Brácteas florais só com quilha curta e obtusa pelo ápice
ou não carinadas; lâminas das folhas em regra macula-
das ou tingidas de vermelho ou roxo.
- 16 — *V. Saundersii* (Carr.)
E. Morr.
- 18b — Brácteas florais longo e agudo carinadas.
- 17 — *V. paludosa* L. B.
Smith
- 19a — Inflorescência simples 20
- 19b — Inflorescência ramosa 23
- 20a — Flôres secundas na ântese, todas colocando-se em uma
fileira 21
- 20b — Flores não secundas; patentes até reflexas 22
- 21a — Brácteas superiores da haste mais curtas que os entre-
nós; brácteas florais carinadas.

18 — *V. Platzmannii* E. Morr.

21b — Brácteas da haste todas imbricadas; brácteas florais não carinadas

19 — *V. unilateralis* (Baker) Mez

22a — Brácteas florais escuro castanhas com as margens pálidas.

20 — *V. atra* Mez

22b — Brácteas florais completamente pálidas ou raras vezes com as margens escuras.

21 — *V. platynema* Gaud.

23a — Flores tornando-se secundas na ântese.

22 — *V. tessellata* (Linden & André) E. Morr.

23b — Flores ficando em duas fileiras, não secundas 24

24a — Brácteas florais agudo-carinadas para o ápice; ramos da inflorescência quasi eretos.

23 — *V. sceptrum* Mez

24b — Brácteas florais sem quilha; ramos da inflorescência divergentes.

24 — *V. gigantea* Gaud.

5 — *Catopsis* Griseb.

Espécie única *C. sessiliflora* (R. & P.) Mez

6 — *Bromelia* L.

Espécie única *B. antiacantha* Bertol.

7 — *Neoregelia*, L. B. Smith

1a — Lâminas das folhas serrilhadas, bastamente escamosas na face dorsal; folhas interiores fulgentes vermelhas; sépalos acuminados.

1 — *N. princeps* (Baker) L.
B. Smith

1b — Lâminas das folhas inteiras ou indistamente serrilhadas, indistintamente escamosas em ambas as faces; folhas todas verdes ou às vezes roxas para o ápice; sépalos largo arredondados.

2 — *N. laevis* (Mez) L. B.
Smith

8 — *Nidularium*, Lem.

1a — Haste falta ou quasi; inflorescência aprofundada no centro da roseta; pétalos brancos 2

1b — Haste bem evidente; inflorescência acima da roseta ... 3

2a — Lâminas das folhas fortemente tingidas de purpúreo escuro ao menos na face dorsal; brácteas primárias escuro-purpúreas ou só perto da base verdes.

1 — *N. Innocentii* Lem —
típica

2b — Lâminas das folhas verdes; brácteas primárias vermelhas perto dos ápices e o resto verdes.

1a — *N. Innocentii* Lem.
var. *Paxianum* (Mez)
L. B. Smith

3a — Haste quasi completamente nua, munida só duma bráctea.

2 — *N. billbergioides*
(Schult. fil.) L. B.
Smith

3b — Haste escondida pelas suas brácteas imbricadas 4

4a — Brácteas primárias com as lâminas liguladas, recurvadas, compridas, vermelhas; lâminas das folhas estreitadas para a base; inflorescência de poucas flores.

3 — *N. Scheremetiewii* Regel

4b — Brácteas primárias rígidas, com lâminas triangulares; lâminas das folhas pouco ou não estreitadas pela base 5

5a — Lâminas das folhas verdes; brácteas florais pouco em cima do ovário; flores até 7 cm. de comprimento.

4 — *N. procerum* Lindm.

5b — Lâminas das folhas tingidas de roxo-vermelho; brácteas florais quasi igualando os sépalos; flores 45 mm. de comprimento.

5 — *N. kermesianum* Fr.
Mueller. ex Mez.

9 — *Wittrockia* Lindm.

Espécie única *W. superba* Lindm.

10 — *Canistrum* E. Morr.

1a — Brácteas do involúcro verdes; inflorescência de 60 a 80 flores, 45 mm. de diâmetro; brácteas florais e sépalos pouco lanosos.

1. *C. viride* E. Morr.

1b — Brácteas do involúcro coloridas; inflorescência com cerca de 100 flores, 7-8 cm. de diâmetro; brácteas florais e sépalos basto lanosos 2.

2a — Brácteas exteriores da inflorescência duma côr amarelo-branquecente até quasi branco.

2. *C. Lindeni* (Regel) Mez
typicum.

2b — Brácteas exteriores da inflorescência duma côr rósea.

2a — *C. Lindeni* (Regel)
Mez var. *roseum* (E.
Morr.) L. B. Smith

(11 — *Acanthostachys* Kl.)

Espécie única (*A. strobilacea* (Schult. fil.) Kl.)

12 — *Hohenbergia* Schult. fil.

Espécie única *H. augusta* (Vell.) Mez.

13 — *Aechmea* R. & P.

1a — Sépalos soldados pela base; inflorescência laxa, composta ou simples

2

- 1b — Sépalos livres ou quasi ou a inflorescência bastíssima 4
- 2a — Inflorescência pyramial até ovoídea 3
- 2b — Inflorescência delgado roliça; pétalos roxos ou azuis
- 1 — *Ae. gamosepala* Wittm.
- 3a — Pétalos amarelos; inflorescência paniculada, alvo-floculosa.
- 2 — *Ae. caudata* Lindm.
- 3b — Pétalos pálido-azuis; inflorescência simples ou de poucos ramos.
- 3 — *Ae. gracilis* Lindm.
- 4a — Flores em duas fileiras; inflorescência composta.
- 4 — *Ae. distichantha* Lem.
- 4b — Flores em mais de duas fileiras; inflorescência simples 5
- 5a — Haste curta, escondida pelas bainhas das folhas ou pouco encimando-as; inflorescência mais ou menos involucrada; sépalos soldados pela base 6
- 5b — Haste comprida, muito em cima das bainhas das folhas 8
- 6a — Inflorescência um pouco das bainhas das folhas.
- 5 — *Ae. recurvata* (Kl.)
L. B. Smith.
- 6b — Inflorescência mais ou menos aprofundada entre as bainhas das folhas 7
- 7a — Brácteas florais serrilhadas; lâminas das folhas serreadas.
- 6 — *Ae. Orgiesii* Baker.
- 7b — Brácteas florais inteiras; lâminas das folhas interiores inteiras, as exteriores com poucos espinhos pequenos pela base.
- 7 — *Ae. Benrathii* Mez
- 8a — Brácteas florais rígidas, espessadas ao menos pela base, encerrado o ovário, mais ou menos bicarinadas 9
- 8b — Brácteas florais delicadas, planas 11
- 9a — Sépalos largo arredondados, inermes; inflorescência branco-lanosa

- 8 — *Ae. bromeliaefolia*
(Rudge Baker).
- 9b — Sépalos terminando em espinho comprido 10
- 10a — Brácteas florais reniformes; inflorescência munida duma
coma apical.
- 9 — *Ae. hystrix* E. Morr.
- 10b — Brácteas florais naviculares; inflorescência sem coma
apical.
- 10 — *Ae. ornata* (Gaud.)
Baker.
- 11a — Brácteas da haste muito delicadas e cedo cahindo; pétalos
pálido-azuis.
- 11 — *Ae. cylindrata* Lindm.
- 11b — Brácteas da haste eretas, persistentes; pétalos amarelos 12
- 12a — Brácteas florais todas mais curtas que o ovário; inflorescência
laxa ou sublaxa.
- 14 — *Ae. nudicaulis* (L.)
Griseb. var. *cuspidata*
Baker.
- 12b — Brácteas florais inferiores muito encimando o ovário;
inflorescência bastíssima 13
- 13a — Brácteas florais largo ovaladas; brácteas superiores da
haste não agregadas debaixo da inflorescência.
- 12 — *Ae. comata* (Gaud.)
Baker.
- 13b — Brácteas florais estreito triangulares; brácteas superiores
da haste agregadas debaixo da inflorescência
- 13 — *Ae. calyculata* (E.)
Morr.) Baker.
- 14 — *Pseudananas* Hassler.

Espécie única *P. sagenarius* (Camara) Camargo

15 — *Ananas* Mill.

- 1a — Brácteas florais vistosas, imbricadas e cobrindo os ápices dos ovários, fortemente serreadas, em regra fulgente coloridas

1 — *A. bracteatus* (Lindl.)
Schult.

- 1b — Brácteas florais de pouco realce, cedo deixando os ápices dos ovários expostos, serrilhadas ou inteiras.

2 — *A. comosus* (L.) Merrill

16 — *Billbergia* Thunb.

- 1a — Pétalos recurvados em espiral com a ântese; ovário largo turbinado com protuberâncias grandes pelo ápice.

Subgênero *Helicodea*

1 — *B. zebrina* (Herb.)
Lindl.

- 1b — Pétalos na disposição zigomorfa 2/1 com a ântese e depois eretos e torcidos.

Subgênero *Eubillbergia* 2

- 2a — Inflorescência bastante alvo-farinosa, simples, basta com eixo robusto, pêndula.

2 — *B. brasiliensis* L. B.
Smith.

- 2b — Inflorescência glabra 3

- 3a — Ramos da inflorescência bem evidentes ou faltam; eixo algo robusto e quasi reto quando simples.

3 — *B. amoema* Lindl.

- 3b — Ramos curtíssimos e uniflorais e assim a inflorescência parece simples; eixo muito delgado, geniculado 4

- 4a — Sépalos e pétalos azuis nas margens.

- 4 — *B. nutans* Wendl.
- 4b — Sépalos azuis pelo ápice 5
- 5a — Pétalos azuis pelo ápice.
- 5 — *B. distachia* (Vell.)
Mez.
— típica
- 5b — Pétalos completamente verdes.
- 5a — *B. distachia* (Vell.)
Mez.
var. *Straussiana*
(Wittm.) L. B. Smith.

NOTAS SÔBRE O GÊNERO CANISTRUM DE S. CATARINA

P. Raulino Reitz

1

Canistrum Lindeni (REGEL.) MEZ — Var. *viride* (E. MORR.) REITZ (n. camb.).

Sin. *Canistrum viride* E. MORR. in Belg. Hort. 1874, (XXIV) 376.

Após 7 anos de observações e coleções por toda a Serra do Mar, escarpa da Serra Geral e litoral catarinenses desde o extremo sul do Estado até o norte e Paraná a dentro tive a oportunidade de observar o *habitat* e *habitus* do gênero *Canistrum*. Creguei à conclusão, após meticolosas observações de muitas centenas de exemplares das mais variadas procedências que as 3 espécies descritas com escapo, brácteas e sépalos densamente cobertos de compacta lanugem bruna, a saber, *Canistrum Lindeni* (REGEL.) MEZ, *Canistrum roseum* E. MORR. e *Canistrum viride* E. MORR, são uma e mesma espécie e que as divergências que existem só poderão constituir variedades e formas, pois são diferenças de colorido e tamanho de inflorescência.

A maior diferença além de cores e tamanho da inflorescência, a que MEZ, por exemplo, se refere existe nas brácteas secundárias. Este, ao referir-se a elas, diz, na Flora Brasiliensis, sôbre *C. Lindeni* serem "largamente triângulo-lanceoladas, peragudas e pouco mucronuladas no ápice". Foi o que também encontrei no *C. Lindeni*.

Afirma MEZ serem as brácteas secundárias de *C. viride* "estreita ou mais largamente lineares, de ápice obtuso e não mucronadas". Devo anotar que em todos os exemplares que examinei estas brácteas eram pouco mucronadas e nuns exemplares o ápice era obtuso, sendo noutros peragudo como no *C. Lindeni*.

As brácteas secundárias do *C. roseum* MEZ dá como "estritamente liguláceo-lineares ou mais largamente oval-lineares, bastante carinadas, de ápice obtuso e não mucronadas". Novamente devo anotar que em todos os exemplares achei o ápice levemente mucronado. As brácteas dum exemplar examinado foram largamente oval-lineares e de ápice obtuso; as de outro foram oval-lineares com ápice agudo.

Pelo exposto se vê que a forma das brácteas secundárias das 3 espécies anteriormente aceitas não é fixa, mas varia desde o ápice peragudo até o obtuso. Segue que não se poderá tomar como base para distinguir espécies a forma das brácteas secundárias, pois não é fixa em cada uma das espécies até hoje aceitas. Com esta observação cai também o critério que MEZ e H. HARMS usaram para distinguir *C. roseum* e *C. viride* de *C. Lindeni*.

Após exames de muitas flores dos 3 *Canistrum* em questão não pude notar divergência especial alguma. As folhas de todos também são semelhantes. MEZ afirma haver no *C. viride* "estrias perobscuras transversais bem mais verdes". Trata-se das manchas verde-escuras comuns a todos os nossos *Canistrum* que em certos exemplares estão mais ou menos colocados em ordem, o que, às vezes, também se nota em *C. roseum*. São essas as estrias perobscuras a que Mez se refere, propriedade que não só se restringe ao *C. viride*.

Deve-se, pois dar o nome descrito mais antigo do grupo que é o de *Nidularium Lindeni* REGEL (1868) que passou por Mez a se chamar *Canistrum Lindeni* (REGEL) MEZ.

L. B. SMITH, com o material que lhe enviei, já fez uma parte da modificação estabelecendo como variedade de *Canistrum Lindeni* (REGEL) MEZ a, até agora, espécie *C. roseum* E. MORR. Com muito mais razão passo a conhecida espécie *C. viride* E. MORR. para var. *viride* de *C. Lindeni*, pois difere apenas dos outros *Canistrum* catarienses pela cor verde dos folíolos e brácteas e tamanho da inflorescência. Tendo este a cor, às vezes, mais clara se denota que está bem mais perto de *C. Lindeni* que o *C. roseum*.

E. MORREN descreveu um exemplar procedente de uma ilha da bafa paranaense de Paranaguá. Tenho exemplares de Guaratuba (Paraná), lugar que dista uns 20 Kms. da fronteira do Estado de S. Catarina e apenas uns 30 Kms. daquele ponto donde procedeu o 1º exemplar descrito por E. MORREN que posso considerar como paratipo da mesma espécie de E. MORREN. Estes exemplares têm brácteas quasi verdes, como também os folíolos quasi tão verdes como as folhas. Nas serras do interior como em Ribeirão do Ouro (Brusque) encontra-se semelhante material com brácteas levemente esverdeadas até quasi brancas, o que, às vezes, sucede também com exemplares da praia.

Continuo a especificar as variedades em geral pelos mesmos caracteres que os especialistas usavam para diferenciar as espécies:

Canistrum Lindeni (REGEL) MEZ — Var. *typicum*: de 100 a 500 flores; folíolos e brácteas em maior número, maiores, na ântese em geral amarelo branquecentes até quasi brancas, poucas vezes levemente esverdeadas no ápice.

Var. *viride* (E. MORR.) REITZ: de 50 a 90 flores; folíolos e brácteas florais em menor número, na ântese em geral verdes ou esverdeadas, ou, às vezes, também mais claras.

Var. *roseum* (E. MORR.) L. B. SMITH: de 50 a 90 flores; folíolos e brácteas em menor número; na ântese tingidas de róseo claro até vermelho fulgente. Nesta variedade a bainha foliar e o botão dos brotos novos são sempre rosados. Muitos exemplares também existem cujas folhas internas são róseas e as folhas externas dum belo verde escuro rosado. Encontrei também alguns exemplares com belas listas longitudinais róseas por toda a folha.

2.

a) *Canistrum Lindeni* (REGEL) MEZ — *typicum*.

aa — Forma *elatum* REITZ. — for. n.

bb — Forma *exiguum* REITZ. — for. n.

b) *Canistrum Lindeni* (REGEL) MEZ — Var. *viride* (E. MORR.) REITZ.

aa — Forma *elatum* REITZ. — for. n.

bb — Forma *exiguum* REITZ. — for. n.

c) *Canistrum Lindeni* (REGEL) MEZ — Var. *roseum* (E. MORR.) L. B. SMITH.

aa — Forma *elatum* REITZ. — for. n.

bb — Forma *exiguum* REITZ. — for. n.

A extrema diferença entre a altura do pedúnculo da inflorescência que, à primeira vista, parece denotar características específicas é apenas uma diferença de forma, pois, com esta particularidade não mudam nem a cor dos folíolos e brácteas, nem o número de flores. Dentro duma área de poucos quilômetros observei indivíduos de diferentes formas. Em Blumenau a var. *roseum* observada tem escapo extremamente alto. Em certos morros de Brusque o escapo é tão diminuto que a inflorescência está calcada no interior da roseta de folhas, abaixo do ápice das bainhas.

Por causa destas grandes diferenças estabeleço duas formas para cada variedade nas quais se podem enquadrar todos os tipos de *Canistrum* de S. Catarina. Estou propenso a crear uma terceira forma intermediária àquelas duas para o tipo de *Canistrum* que traz a inflorescência na altura das bordas da roseta 1). Mas no momento ainda necessito colher mais material para chegar a uma conclusão certa.

A forma *exiguum* REITZ tem o pedúnculo da inflorescência tão diminuto que esta fica inteiramente calcada dentro da roseta, ou na mesma altura.

A forma *elatum* REITZ levanta a inflorescência até 20 ou mais centímetros acima da borda da cisterna. Em certos exemplares heliófilos alcança o comprimento das folhas maiores.

Estabeleço, pois a seguinte chave para o gênero *Canistrum* de S. Catarina:

Observação — Entendo por roseta a parte inferior dessas plantas até onde as folhas, logo acima do ápice da bainha, começam a se afastar uma da outra.

3.

CHAVE PARA AS VARIEDADES E FORMAS DE *C. LINDENI* (REGEL) MEZ

- | | |
|---|---|
| 1 a — Brácteas e folíolos amarelo branquecentes, quasi brancos, com ápice às vezes levemente esverdeado; 100 até 500 flores | 2 |
| 1 b — Brácteas e folíolos coloridos de verde ou róseo; 50 a 90 flores | 3 |
| 2 a — Inflorescência calcada na roseta ou na mesma altura | |
| a) <i>C. Lindeni</i> (REGEL) MEZ — typicum | |
| aa — Forma <i>exiguum</i> REITZ | |
| 2 b — Inflorescência muito acima (até 20 ou mais cms.) da roseta. | |
| a) <i>C. Lindeni</i> (REGEL) MEZ — typicum | |
| bb — Forma <i>elatum</i> REITZ | |

- 3 a — Brácteas e folíolos verdes ou às vezes mais claros 4
3 b — Brácteas e folíolos róseo-claros até vermelho-fulgentes .. 5
- 4 a — Inflorescência calcada na roseta ou na mesma altura.
b) *C. Lindeni* (REGEL) MEZ
Var. *viride* (E. MORR.) REITZ
aa — Forma *exiguum* REITZ
- 4 b — Inflorescência muito acima (até 20 ou mais cms.) da roseta
b) *C. Lindeni* (REGEL) MEZ
Var. *viride* (E. MORR.) REITZ
bb — Forma *elatum* REITZ
- 5 a -- Inflorescência calcada na roseta ou na mesma altura.
c) *C. Lindeni* (REGEL) MEZ
Var. *roseum* (E. MORR.) L. B. SMITH
aa — Forma *exiguum* REITZ
- 5 b -- Inflorescência muito acima (até 20 ou mais cms.) da roseta
c) *C. Lindeni* (REGEL) MEZ
Var. *roseum* (E. MORR.) L. B. SMITH
bb — Forma *elatum* REITZ

As figuras e descrições vão ser publicadas posteriormente, ou nesta revista, ou no Catálogo das Bromeliáceas catarinenses que está em preparo.

Azambuja — Brusque, 31 de julho de 1950.

BROMELIÁCEAS DE S. CATARINA — II

Por P. Raulino Reitz

Grande parte da flórá de S. Catarina ainda é desconhecida. No entanto o estudo botânico dêsse Estado sul-brasileiro representa para a flórá nacional um dos capítulos mais interessantes porque nele se processa a transição entre a flórá subtropical e a da zona temperada, apesar de estar situado bem ao sul do trópico do Capricórnio, a saber, entre os paralelos 25°58'37" e 29°21'04"7 do hemisfério sul.

Naturalistas de valor, como ULE, SCHWACKE, MOELLER, FRITZ MUELLER e outros percorreram essa região colecionando e observando, mas a tarefa maior ficou por fazer.

Após 7 anos de observações e coleções de Bromeliáceas em cerca da metade do território catarinense (veja no mapa a área de coleção), queremos apresentar nova contribuição para o conhecimento das Bromeliáceas, que já representa dois terços das espécies provavelmente existentes em Sta. Catarina. O material, na sua quasi totalidade, foi determinado pelo Dr. LYMAN B. SMITH, da Smithsonian Institution de Washington, abalizado especialista em Bromeliáceas, e o restante por MULFORD B. FOSTER, de Orlando, Flórida, também em U. S. A., e por mim.

Compreende este catálogo 14 diferentes gêneros, com 47 espécies, 3 variedades, num total de 115 números colhidos, como está especificado na seguinte lista:

Aechmea	11	espécies	Neoregelia	1	espécie
Ananas	1	"	Nidularium	2	"
Billbergia	2	"	e 1 variedade		
Bromelia	1	"	Pitcairnia	1	"
Canistrum	1	"	Tillandsia	9	"
e 1 variedade			Vriesea	13	"
Catopsis	1	"	e 1 variedade		
Dyckia	3	"	Wittrockia	1	"

TOTAL 47 espécies e 3 variedades.

Os números são referentes ao Herbário "Barbosa Rodrigues" de Itajaí, S. Catarina, onde se acha todo o material.

Como se nota, esta II^a lista de Bromeliáceas de Sta. Catarina traz, em acréscimo, além de diversas espécies encontradas posteriormente à I^a, uma espécie nova, *Dyckia Reitzii* L. B. SMITH, interes-

1) OBSERVAÇÃO: A I^a lista de "Bromeliáceas de S. Catarina" foi apresentada para publicação no II Congresso Sulamericano de Botânica em outubro de 1948.

sante planta encontrada no Campo dos Padres e pela 1ª vez publicada, e os *Canistrum* e *Nidularium* especificados de acôrdo com as últimas modificações introduzidas na sistemática por LYMAN B. SMITH.

O Herbário "Barbosa Rodrigues" está intensificando as coleções e determinações das Bromeliáceas de S. Catarina para dar uma nomenclatura exata ao intenso estudo ecológico que o Instituto de Malariologia, dirigido pelo Dr. HENRIQUE P. VELLOSO, está realizando em Brusque, neste Estado. Todos os gêneros de Bromeliáceas de S. Catarina, com excessão de *Ananas*, *Pseudananas*, *Dyckkia*, *Bromelia*, *Pitcairnia* e, talvez, *Catopsis*, dão indivíduos em cujos reservatórios de água se desenvolve a larva do mosquito transmissor de malária.

Em apêndice aduzo uma lista de Bromeliáceas encontradas no Rio Grande do Sul pelo P. J. EUGÊNIO LEITE, S. J. Diversas delas também são indicadas, e outras já foram encontradas em S. Catraina.

I. AECHMEA

1. *Aechmea Benrathii* MEZ HBR — Nr. 1.896

Localid. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita nos capões do campo. Altit. — 8 ms. Inflor. — Flôres e Brácteas roxas. Legit. — P. RAULINO REITZ, 3. 9. 1945. — Det. — L. B. SMITH, 1946.

2. *Aechmea caudata* LINDM. HBR — Nr. 2.214

Local. — S. Clara, Orleães, S. Cat. Habitat — Rupestre. Altit. — 95 ms. Flôr. — amarela. Legit. — P. R. REITZ, 28. 11. 1946. Det. — L. B. SMITH, 1947.

Idem, idem HBR — Nr. 2.222

Local. — Orleães, S. Catarina. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 150 ms. Hábito — Herva de côr verde. Flôr — Pétalos amarelos, sépalos roxos. Legit. — P. R. REITZ, 16.12.1946. Det. — L. B. SMITH, 1947.

Idem, idem HBR — Nr. 3.536

Local. — Serra do Pilão — Araranguá — S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 800 ms. Flôr — amarela. Legit. — P. R. REITZ (nr. 3.430), 21-29/1/1950. Det. — L. B. SMITH, 1950.

Idem, idem HBR — Nr. 3.537

Local. — Serra Rio do Rastro, Orleães, S. Cat. Habitat — Rupestre. Altit. — 800 ms. Flôr — amarela. Legit. — P. R. REITZ (3.330), 22-29. 1. 1950. Det. — P. R. P. REITZ, 1950.

3. *Aechmea comata* (GAUD) BAKER HBR — Nr. 1.383

Sinôn. — *Aechmea Lindeni* C. KOCH. Localid. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Flôr — Amarela. Legit. — P. R. REITZ, 17. 1. 1945. Determ. — L. B. SMITH, 1945 .

4. *Aechmea cylindrata* LINDM.

HBR — Nr. 2.391

Local. — Morro da Bateia, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 300 ms. Inflorescência. — Flôr: violeta com sépalos roxos; escapo e brácteas roxas. Legit. — P. R. REITZ, 27. 10. 1947. Det. — L. B. SMITH, 1948.

Idem, idem

HBR — Nr. 2.392

Local. — Morro do Baú, Itajaí, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Habitus. — Herva com 0,40 m. de alt. Altit. — 850 ms. Flôr — Anil. Legit. — P. R. REITZ, 29. 1. 48. Det. — L. B. SMITH, 1948.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.531

Local. — Morro Spitzkopf, Brusque, S. Cat. Habit — Epífita da mata. Altit. — 300 ms. alt. Habitus. — Herva de 0,4 m. de alt. Flôr — Roxa. Legit. — P. R. REITZ (2.252), 2. 11. 48. Det. — M. B. FOSTER, 1948.

5. *Aechmea distichantha* LEM.

HBR — Nr. 3.432

Local. — Figueiredo, Bom Retiro, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 900 ms. Inflorescência. — Brácteas roxas. Legit. — P. R. REITZ (nr. 2.897), 28. 12. 48. Det. — L. B. SMITH, 1949.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.509

Local. — Figueiredo, Bom Retiro, S. Cat. — Habit — Epífita da mata — pouca luz. Altit. — 800 ms. Legit. — P. R. REITZ, (2.978), 28. 12. 1949. Det. — L. B. SMITH, 1949.

6. *Aechmea gamosepala* WITTM.

HBR — Nr. 1.174

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita dos capões. Altit. — 15 ms. Habitus. — Herva com ápice da folha violeta. Inflorescência. — Flôr: violeta; brácteas e ovário roxos. Legit. — P. R. REITZ, 27. 7. 1944. Det. — L. B. SMITH, 1944.

Idem, idem

HBR — Nr. 1.897

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 8 ms. Inflorescência. — Flôr: anil; brácteas: roxas. Legit. — P. R. REITZ, 3. 9. 1945. Det. — L. B. SMITH, 1946.

7. *Aechmea gracilis* LINDM.

HBR. — Nr. 1.400

Local. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Legit. — P. R. REITZ, 18. 1. 1945. Det. — L. B. SMITH, 1945.

8. *Aechmea hystrix* E. MORR.

HBR — Nr. 1.382

Local. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita da mata.

Fruto — comestível. Legit. — P. R. REITZ, 17.1.1945. Det. — L. B. SMITH, 1945.

9. *Aechmea nudicaulis* (L.) GRIS.

Var. *cuspidata* BAK.

HBR. — Nr. 816

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita nos capões à margem da lagoa. Altit. — 5 ms. Inflorescência. — Escapo: cor de vinho; flor: amarela. Legit. — P. R. REITZ, 30.10.43. Det. — L. B. SMITH, 1944.

Idem, idem

HBR — Nr. 1.328

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita dos capões. Altit. — 10 ms. Inflorescência. — Escapo e brácteas: vermelhas; flor: amarela. Legit. — P. R. REITZ, 19.10.1944. Determinação. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.524

Local. — Rio Mirador, Orleães, S. Cat. Habitat Epífita da mata. Habitus — Erva de 0,4 m. de alt. Altit. 150 ms. Fruto — Comestível. Legit. — P. R. REITZ, 18.1.50. Det. — P. R. REITZ, 1950.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.528

Local. — Mata Hoffmann, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 40 ms. Habitus — Erva de 0,6 m. de altura. Inflorescência. — Flor: amarela; escapo e brácteas: roxo-avermelhadas. Legit. — P. R. REITZ (3.236), 4.1.50. Det. — P. R. REITZ, 50.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.530

Local. — Praia Braba, Itajaí, S. Cat. Habitat — Epífita da mata litorânea. Altit. — 3 ms. Habitus — Erva de 0,5 ms. Inflorescência. — Flor: amarela; escapo e brácteas: roxo-avermelhadas. Legit. — P. R. REITZ (nr. 2.291), 3.11.48. Det. M. B. FOSTER, 1948.

10. *Aechmea recurvata* (KL.) L. B. SMITH

HBR. — Nr. 1.385

Local. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Inflorescência. — Brácteas do involucre: roxo-avermelhadas. Legit. — P. R. REITZ, 18.1.1945. Dt. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.521

Local. — Praia Braba, Itajaí, S. Cat. — Habitat — Rupestre e epífita; abundante. Habitus — Herva de 0,15-0,30 de alt. Altit. — 5 ms. Legit. — P. R. REITZ, 3.11.1948. — De t. M. B. FOSTER, 1948.

11. *Aechmea Ortgiesii* BAKER

HBR — Nr. 3.535

Local. — Fachinal, Bom Jardim, S. Joaquim, S. Cat. Habitat —

Epífita e rupestre dos capões. Altit. — 1.300 ms. Habitus — Erva de 0,20 ms. de alt. Legit. — P. R. REITZ (3.282), 22-29.1.1950. Det. — L. B. SMITH, 1950.

II. ANANAS

Ananas bracteatus (SCHULT) LINDL.

HBR — Nr. 1.831

Nome vulgar — Gravatá de cerca, Ananás de cerca. Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Altit. — 20 ms. Habitat — Cultivado em cercas vivas. Habitus — Erva de 1,50 m. Inflor. — Flôr: violeta; brácteas: roxas. Legit. — P. R. REITZ, 9.12.1945. Det. — L. B. SMITH, 1946.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.518

Nome vulgar — Gravatá de cerca, Ananás de cerca. Localidade — Brusque, S. Catarina. Habitat — Cultivado em cercas vivas. Habitus — Erva de 1,5 m. Altit. — 35 ms. — Inflorescência — Flôr: anil; brácteas: roxas. Legit. — P. R. REITZ (2.293), 2.11.48. Det. — L. B. SMITH et M. B FOSTER, 1948-49.

III. BILLBERGIA

1. *Billbergia amoena* (LODD.) LINDL.

HBR — Nr. 3.451

Local. — Azambuja, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 50 ms. Inflor. — Flôr: pétalos e sépalos: anil. Legit. — P. R. REITZ, 1947. Det. — L. B. SMITH, 1948.

2. *Billbergia zebrina* (HERB.) LINDL.

HBR — Nr. 1.067

Local. — Jundiá, Munic. de Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita nos brejos. Altit. — 30 ms. Inflor. — Flôr: pétalos e sépalos: amarelos; estames: anil ovário ínfero, branco. Brácteas: roxo-avermelhadas. Legit. — P. R. REITZ, 30.1.1944. Det. — L. B. SMITH, 1944.

IV. BROMELIA

Bromelia antiacantha BERTOL

HBR — Nr.1.775

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Nome popular: Banana do mato. Habitat — nativa nos capões do campo, terrestre. Altit. — 15 ms. Inflor. — Flôres: violetas; brácteas e folhas novas: roxo fulgentes para escalarate. Legit. — P. R. REITZ, 30.8.1945. Det. — L. B. SMITH, 1946.

V. CANISTRUM

1. *Canistrum Lindenii* (REGEL) MEZ

HBR — Nr. 1.442

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita e terrestre da mata. Inflor. — Flôr: branca; brácteas do involúcro: amarelo-branquecentes até um branco côr de marfim. Legit. — P. R. REITZ.

Det. — L. B. SMITH, 1950. Observação — Pela 1ª vez encontrado onde se poudé marcar o lugar geográfico.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.572

Local. — Cacupé, Ilha de S. Catarina. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 10 ms. Habitus — Erva de folhas verde-claras com manchas verde-escuras. Inflo. — Flôr: branca; brácteas florais: basto-lanosas, amarelo-escuro-sujas; brácteas do invólucro: amarelo-branquecentes até quasi branco, côr de marfim: Legit. — Instituto de Malariologia, 25.3.1950. Det. — P. R. REITZ, 1950.

2. *Canistrum Lindenii* (REGEL) MEZ

Var. *roseum* (E. MORR.) L. B. SMITH

HBR — Nr. 3.538

Localidade — Mata S. Pedro, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 40 ms. Habitus — Erva de fôlhas verdes-claras, com pintas verdes-escuras, 0,5 m. de alt. Inflo. — flôr: branca; brácteas do invólucro: róseas. Legit. — P. R. REITZ (3.181), 3. 11. 1949. Det. — L. B. SMITH, 1950.

VI. CATOPSIS

Catopsis sessiflora (R. & P.) MEZ

HBR — Nr. 1.706

Local. — Sombrio, Araranguá, Sta. Cat. Habitat — Epífita dos capões. Altit. — 10 ms. Legit. — P. R. REITZ, 17.5.1945. Determ. — L. B. SMITH, 1946

VII. DYCKIA

1. *Dyckia maritima* BAKER

HBR. — Nr. 1.259

Local. — Peroba, Araranguá, S. Catarina. Habitat — Rupestre em arenito vermelho. Flôr: amarela. Legit. — P. R. REITZ, 29. 9. 1944. Det. — L. B. SMITH, 1944.

idem, idem

HBR — Nr. 1.369

Nome popular — Gravatá. Local. — Peroba, Araranguá, S. Cat. Habitat — Rupestre. — Habitus — Herva de 1 m. Flôr — Amarela. Legit. — P. R. REITZ, 25. 12. 44. Det. — L. B. SMITH, 45.

Idem, idem

HBR — Nr. 1.369

Local. — Cabeçudas (Farol), Itajaí, S. Cat. Habitat — rupestre. Habitus. — Erva armada. Flôr — amarela, imatura. Legit. — P. R. REITZ, 1. 1949. Det. — P. R. REITZ, 1949.

2. *Dyckia Reitzii* L. B. SMITH n. sp.

HBR. — Nr. 3.532

Nome popular — Gravatazinho. Localidad. — Campo dos Padres, Bom Retiro, S. Cat. Habitat — Rupestre, arenito vermelho. Altit. —

m. ou m. 1.800 ms. Habitus. — Erva armada, 0,5 m. de alt. Inflor. — Flôr: amarelo-alaranjada; escapo: 0,5 m. Legit. — P. R. REITZ (nr. 2.690), 21.12.48. Det. et descripsit — L. B. SMITH, 150. Observ. — Traz pétalos exteriores adicionais em algumas flôres.

3. *Dyckia remotiflora* OTTO & DIETR. HBR — Nr. 2.355

Var. *montevidensis* (KOCH) L. B. SMITH

Nome popul. — Gravatazinho. Local. — Curralinhos, Araranguá, S. Cat. Habitat — Terrestre, do campo litorâneo. Flôr-Vermelho-alaranjada. Legit — P. R. REITZ, 17.11.1944. Det. — L. B. SMITH, 1945.

VIII. NEOREGELIA

Neoregelia laevis (MEZ) L. B. SMITH NBR — Nr. 3.516

Local. — Praia Braba, Itajaí, S. Cat. Habitat — Epífita e terrestre na matinha litorânea. Habitus — Erva de 0,3 m. Flôr-branca. Legit — P. R. REITZ (n. 2.294), 3.11.48. Det. — L. B. SMITH, 1949.

Idem, idem HBR — Nr. 3.519

Local. — Azambuja, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Habitus — Erva de 0,25 m. Legit — P. R. REITZ et M. B. FOSTER (nr. 2.297), 2.11.1948. Det. — M. B. FOSTER et L. B. SMITH, 48.

Idem, idem HBR — Nr. 3.571

Local. — Cacupé, Ilha de S. Catarina. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 10 ms. Habitus — Erva de folhas levemente roxas na parte dorsal e mais escamadas por fora que por dentro. Inflor. — Brácteas florais verdes. Sementes — Pretas sem segmentos. Legit. — Instituto de Malariologia, 25.3.1950. Det. — P. R. REITZ, 1950.

IX. NIDULARIUM

1. *Nidularium Innocentii* Bem. — Var. *typicaum* HBR — Nr. 1.390

Local. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 500 ms. Habitus — Erva de folhas roxas. Flôr-branca. Brácteas florais roxas. Legit — P. R. REITZ (939), 18.1.1945. Determ. — L. B. SMITH, 1945.

2. *Nidularium Innocentii* bem.

Var. *Paxianum* (MEZ) L. B. SMITH HBR — Nr. 1.083

Local. — Maracanã, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita ou terrestre da mata. Altit. — 20 ms. Inflor. — Flôr: ápice branco e base verde; brácteas roxo-avermelhadas. Legit — P. R. REITZ, 11.3.1944. Determ. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 2.227

Local. — Orleães, S. Catarina. Habitat — Terrestre da mata virgem. Habitus — Erva de folha verde. Altit. — 150 ms. Flôr: Branca. Legit — P. R. REITZ, 16.12.1946. — Det. — L. B. SMITH, 1947.

Idem, idem HBR — Nr. 2.386

Local. — Azambuja, Brusque, S. Catarina. Habitat — Epífita da mata virgem. Altit. — 35 ms. Habitus — Erva de folhas verdes. Inflor. — Flôr: branca; brácteas do involúcro com ápice roxo. Legit — P. R. REITZ. Determ. — L. B. SMITH, 1948.

Idem, idem HBR — Nr. 3.529

Local. — Mata S. Pedro, Brusque, S. Cat. — Habitat — Epífita e terrestre da mata. Altit. — 40 ms. Habitus — Erva com folhas verdes. Inflor. — Flôr: branca; ápice das brácteas do involúcro roxo. Legit — P. R. REITZ, 3.11.1949. Det. — P. R. REITZ, 1950.

3. *Nidularium procerum* LIND. HBR — Nr. 1.079

Local. — Peroba, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita e terrestre. Altit. — 30 ms. Hábito — Erva de folhas roxeadas. Inflor. — Flôr: anil; brácteas inferiores: verdes; brácteas superiores: roxo-avermelhadas. Legit — P. R. REITZ, 5.4.1944. Deter. — L. B. SMITH, 1944.

Idem, idem HBR — Nr. 3.513

Local. — Praia Braba, Itajaí, S. Cat. Habitat — terrestre da mata litorânea. Habitus — Erva de 1 m. de alt. — Inflor. — brácteas florais roxas. Legit — P. R. REITZ (2.292), 3.11.48. Det. — L. B. SMITH.

Idem, idem HBR — Nr. 3.573

Local. — Cacupé, Ilha de Florianópolis, S. Cat. Habitat — terrestre da mata. Habitus — Erva de folhas verdes. Altit. — 15 ms. Inflor. — Brácteas do involúcro roxas para a ponta, menos o ápice. Legit — Instituto de Malariologia, 25.3.1950. Det. — P. R. REITZ, 1950.

X. PITCAIRNIA

Pitcairnia flammea LINDL.

Var. *floccosa* L. B. SMITH HBR — Nr. 2.394

Local. — Morro do Baú, Itajaí, S. Cat. Habitat — Rupestre da mata. Altit. — 700 ms. Hábitus — Erva branquecente de 0,60 ms. Legit — P. R. REITZ, 29.1.1948. Det. — L. B. SMITH, 1948.

XI. PSEUDANANAS

Pseudananas sagenarius (CAMARA) CAMARGO HBR — Nr. 1.831

Nome vulgar — Gravatá de cerca. Localidade — Sombrio, Ara-

ranguá, S. Cat. Altit. — 20 ms. Habitat — Erva armada, verde-clara, cultivada em cercas vivas. Inflor. — Flôr: violeta; brácteas roxas. Legit — P. R. REITZ, 9.12.1945. Det. — P. R. REITZ, 1950.

Idem, idem HBR — Nr. 3515

Nome vulgar — Gravatá de cerca. Localidade. — Praia Braba, Itajaí, S. Cat. Habitat — nativo na mata litorânea. Habitus — Erva armada, 1,5 m. Flôr: violeta. Legit — P. R. REITZ (nr. 2.289), 3.11.1948. Det. — L. B. SMITH, 49.

XII. TILLANDSIA

1. *Tillandsia aëris incola* MEZ HBR — Nr. 3517

Local. — Morro Spitzkopf, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Habitus — Erva de 0,30 m. de folhas pintadas. Legit — P. R. REITZ (nr. 2.999), 2.11.48. Det. — L. B. SMITH, 1949.

2. *Tillandsia firmula* MEZ HBR — Nr. 1.080

Nome popular — Cravo do mato. Local. — Peroba, Araranguá, S. Cat. Altit. — 15 ms. Inflor. — Flôr: branca; escapo e brácteas roxo-avermelhadas. Legit — P. R. REITZ, 5.4.44. — Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 1.148

Nome popular — Cravo do mato. Local. — Espigão de Barro, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 20 ms. Legit — P. R. REITZ, 26.5.1944. Det. — L. B. SMITH, 1945.

3. *Tillandsia Gardneri* LINDL. HBR — Nr. 1.076

Nome pop. — Cravo do mato. Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Altit. — 10 ms. Habitat — Epífita dos capões. Habitus — Erva alvadia. Inflor. — Flôr: roxa; brácteas: roxo-branquecentes. Legit — P. R. REITZ, 11.4.1944. Determ. — L. B. SMITH, 1945.

4. *Tillandsia geminiflora* BRONG. HBR — Nr. 1.505

Nome pop. — Cravo do mato. Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita. Altit. — 10 ms. Flôr — roxa. Legit — P. R. REITZ, 30.11.1944. Det. — L. B. SMITH, 1946.

Idem, idem HBR — Nr. 1.509

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita dos capões. Altit. — 10 ms. Flôr: roxa. Legit — P. R. REITZ, 7.10.1944. Det. — L. B. SMITH, 1946.

Idem, idem HBR — Nr. 3539

Local. — Praia Braba, Itajaí, S. Cat. Habitat — Epífita da mata.

Altit. — 5 ms. Habitus — Erva de 0,20 m. Flôr: roxa. Legit — P. R. REITZ (nr. 2.306), 3.11.48. Det. — P. R. REITZ, 1950.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.028

Local. — Azambuja, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 50 ms. Legit — P. R. REITZ (nr. 3.028), 29.9.49. Det. — L. B. SMITH, 1950.

5. *Tillandsia Mallemontii* GLAZIOU ex MEZ

HBR — Nr. 876

Nome pop. — Cravo do mato. Local. — Turvo, S. Cat. Habitat — Epífita. Flôr — Perfumada. Legit. — P. R. REITZ, 20.1.44 — Det. — L. B. SMITH, 1945.

6. *Tillandsia pulchella* HOOK.

HBR — Nr. 1.176

Nome vulgar — Cravo do mato. Local. — Sombrio, Araranguá. S. Cat. Habitat — Epífita dos capões. Altit. — 10 ms. Inflor. — Flôr: violeta; escapo e brácteas roxas. Legit. — P. R. REITZ, 27.7.1944. Det. — L. B. SMITH, 1944.

7. *Tillandsia stricta* SOLAND.

HBR — Nr. 1.077

Nome vulgar — Cravo do mato. Local. — Sombrio, Araranguá. — S. Cat. Habitat — Epífita. Altit. — 15 ms. Inflor. — Flôres: amarelas; escapo e brácteas roxas. Legit. — P. R. REITZ, 15.4.1944. Determ. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.433

Local. — Urubici, S. Joaquim, S. Cat. Habitat — Epífita mata. Inflor. — Flôr: anil; brácteas esverdeadas. Legit — P. R. REITZ (nr. 2.908), 30.12.1948. Det. — L. B. SMITH, 1949.

Idem, idem

HBR — Nr. 3.434

Local. — Figueiredo, Bom Retiro, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Inflor. — Brácteas esverdeadas; flôr: anil. Leg. — P. R. REITZ (nr. 2.869), 28.12.48. Det. — L. B. SMITH, 49

8. *Tillandsia triticea* BURCHELL

HBR. Nr. 3.534

Sinôn. — *Vriesea Luschnathii* MEZ. Local. — Morro Spitzköpt, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 350 ms. Habitus. — Erva de folhas com máculas transversais; 0,5 de alt. Legit. — P. R. REITZ, (nr. 3.462), 9.3.50. Det. — L. B. SMITH, 1950.

9. *Tillandsia usneoides* LINNÉ

HBR — Nr. 907

Nome vulgar — Barba de pau, Barba de velho. Localidade — Meleiro, Turvo, S. Cat. Habitat — Epífita. Altit. — 30 ms. Legit. — P. R. REITZ, 13.10.1943. Determ. — L. B. SMITH, 1944.

XIII. VRIESEA

1. *Vriesea carinata* WAWRA HBR — Nr. 1.142

Local. — Maracanã, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 20 ms. Inflorescência. — Flôr: amarela; escapo e brácteas: roxas. Legitim. — P. R. REITZ, 31.5.1944. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 1.143

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 10 ms. Flôr: — amarela. Legitim. — P. R. REITZ, 15.3.1944. Determin. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 144

Local. — Turvo, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. 30 ms. Flôr: — amarela. Legitim. — P. R. REITZ, 3.5.44. Det. — L. B. SMITH.

Idem, idem HBR — Nr. 2.387

Local. — Azambuja, Brusque, S. Catarina. Habitat — Epífita da mata virgem. Altit. — 35 ms. Inflorescência. — Flôr: amarela; brácteas roxas. Legitim. — P. R. REITZ, 30.8.1947. Det. — L. B. SMITH, 1948.

2. *Vriesea erythrodactylon* E. MORR. HBR — Nr. 1.450

Local. — Timbé, Turvo, S. Cat. — Habitat — Erva terrestre da vegetação do pico do morro. Altit. — 500 ms. Flôr: verde. Legitim. — P. R. REITZ, 22.1.44. Det. — L. B. SMITH, 1944.

Idem, idem HBR — Nr. 1.450

Local. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita da mata virgem. Altit. — 600 ms. Flôr: — Amarela. Legitim. — P. R. REITZ, 17.1.45 Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 2.395

Local. — Morro do Baú, Itajaí, S. Catarina. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 850 ms. — Inflorescência. — Flôr: amarela; brácteas superiores roxas. Legitim. — P. R. REITZ, 29.1.1948. Det. — L. B. SMITH, 1948.

Idem, idem HBR — Nr. 3.522

Local. — Rio Minador, Orleães, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Habitus — Erva de 0,4 m. Legitim. — P. R. REITZ (3.381), 18.1.50. Det. — P. R. REITZ, 1950.

3. *Vriesea flammea* L. B. SMITH HBR — Nr. 912

Local. — Meleiro, Turvo, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 40 ms. Legitim. — P. R. REITZ, 15.10.1943. Det. — L. B. SMITH, 1944.

Idem, idem HBR — Nr. 1.368

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita. Flôr — Branca. Legit. — P. R. REITZ, 13.12.1944. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 1.387

Local. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Habitus. — Folhas roxas por baixo. Legit. — P. R. REITZ, 17.1.1945. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — N. 3.565

Local. — Morro Spitzkopt, Brusque, S. Cat. Altit. — 350 ms. Habitat — Epífita da mata. Habitus — Erva de 0,3 m. Legit. — P. R. REITZ (nr. 3.454), 9.3.1950. Det. — P. R. REITZ, 1950.

4. *Vriesea gigantea* GAUD. HBR — Nr. 1.441

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita e terrestre na mata litorânea. Habitus — Erva de 1 m. Inflor. — 1 até 2 ms.; flôr: esverdeada. Legit. — P. R. REITZ, 29.1.1945. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 2.388

Local. — Azambuja, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata virgem. Altit. — 35 ms. Hábito — Erva de 1,5 m. Legit. — P. R. REITZ, 30.8.1947. Det. — P. R. REITZ, 1948.

5. *Vriesea guttata* ANDRÉ ET LINDEN HBR — Nr. 1.384

Local. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 600 ms. Flôr — amarela. Legit. — P. R. REITZ, 17.1.1945. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 855

Local. — Serra da Pedra, Araranguá, S. Catarina. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 800 ms. Flôr — amarela. Legit. — P. R. REITZ, 28.12.1943. Det. — L. B. SMITH, 1944

Idem, idem HBR — Nr. 3.526

Local. — Morro Spitzkopf, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 350 ms. Habitus. — Erva de 0,4 m. Legit. — P. R. REITZ, (3.461), 9.3.1950. Det. — P. R. REITZ, 1950.

Idem, idem HBR — Nr. 3.527

Local. — Rio Minador, Orleães, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 300 ms. Habitus — Erva de 0,4 m. Legit. — P. R. REITZ (nr. 3.429), 23-29.1.1950. Det. P. R. REITZ, 1950.

Idem, idem HBR — Nr. 3.575

Local. — Morro Spitzkopf, Brusquê S. Cat. — Habitat — Epífita da mata. Altit. — 350 ms. Habitus — Erva de folhas pintadas de roxo. Legit. — P. R. REITZ (nr. 2.304), 2.11.48. Det. — P. R. REITZ, 1950, e M. B. FOSTER.

6. *Vriesea incurvata* GAUD. HBR — Nr. 1.081

Local. — Peroba, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita dos brejos. Altit. — 15 ms. Habitus. — Erva com folhas roxas na base. Inflo. — Flôr: pétalas amarelas na base e roxeadas no ápice; brácteas: roxo-avermelhadas. Legit. — P. R. REITZ, 5.4.1944. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 1.281

Local. — Timbé, Araranguá, S. Catarina. Habitat — Epífita da mata. Flôr: amarela. Legit. — P. R. REITZ, 22.1.1944. Det. — L. B. SMITH, 1914.

Idem, idem HBR — Nr. 1.655

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita do brejo. Altit. — 15 ms. Inflo. — Flôr: amarela; brácteas: roxo-avermelhadas. Legit. — P. R. REITZ, 25.1.1945. Det. — L. B. SMITH, 1946.

Idem, idem HBR — Nr. 1.656

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita do brejo. Altit. — 15 ms. Inflo. — Flôr: amarela; brácteas florais roxas. Legit. — P. R. REITZ, 26.1.1946. Det. — P. R. REITZ, 1945

Idem, idem HBR — Nr. 2.389

Local. — Azambuja, Brusque, S. Cat. Habitat Epífita da mata. Altit. — 35 ms. de alt. Legit. — P. R. REITZ, 30.8.1947. Det. — L. B. SMITH, 1949.

Idem, idem HBR — Nr. 2.396

Local. — Morro do Baú, Itajaí, S. Cat. Habitus — Epífita de 0,5 m. — Altit. — 850 ms. Inflo. — Flôr: amarela; brácteas: roxas. Legit. — P. R. REITZ, 29.1.1948. Det. — L. B. SMITH, 1948

Idem, idem HBR — Nr. 3.520

Local. — Morro Spitzkopf, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Habitus. — Erva de 0,4 m. Legit. — P. R. REITZ (nr. 2.301), 2.11.48. Det. — L. B. SMITH, 1949. Observ. — M. B. FOSTER afirma ser um híbrido natural entre *V. incurvata* e *V. erythrodactylon*.

7. *Vriesea Muelleri* MEZ, vel *V. Tucumanensis* MEZ HBR — Nr. 3.576

Local. — Cacupé — Ilha de S. Catarina. Habitat — Epífita da ma-

ta. Altit. — 15 ms. Habitus. — Erva de folhas verdes, revolutas. Inflor. — Brácteas do escapo e brácteas florais verdes. Legit. — Instituto de Malariologia, 25.3.1950. Det. — P. R. REITZ, 50.

8. *Vriesea paludosa* L. B. SMITH HBR — Nr. 3.514

Local. Praia Braba, Itajaí, S. Cat. Habitat — Epífita e terrestre na matinha litorânea; vive em grandes colônias. Habitus. — Erva de 0,5 — 1 m. — Inflor. — Brácteas roxas. Fruto — amarelo. Legit. — P. R. REITZ et M. B. FOSTER (nr. 2.296), 3.11.48. Det. — L. B. SMITH et M. B. FOSTER.

9. *Vriesea Philipppo-Coburgi* WAWRA — Var. *typica* — HBR — Nr. 1.093

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 15 ms. Hábito — Erva com folhas verde-avacentas. Inflor. Flôr: amarela; escapo e brácteas: roxo-avermelhadas. Legit. — P. R. REITZ, 14.4.1944. Det. — L. B. SMITH, 45.

Idem, idem HBR — Nr. 1.638

Local. — Sanga d'Anta, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita dos brejos. Altit. — 15 ms. Inflor. — Flôr: amarela; brácteas arroxeadas. Legit — P. R. REITZ, 24, 3.1945. Det. — L. B. SMITH, 1946.

Idem, idem HBR — Nr. 1.657

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita dos brejos. Altit. — 15 ms. Flôr: amarela. Legit — P. R. REITZ, 25.1.1945. Det. — L. B. SMITH, 1946.

Idem, idem HBR — Nr. 3.435

Local. — Morro da Igreja, S. Joaquim, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 1.40 ms. Flôr — amarela. Legit — P. R. REITZ (nr. 2.970), 3.1.1949. Det. — L. B. SMITH, 1949. Observ. — É comum também no Campo dos Padres e outras altitudes elevadas, onde vegeta especialmente nos pinheiros.

Idem, idem HBR — Nr. 3.533

Local. — Rio das Contas, S. Joaquim, S. Cat. — Habitat — Epífita nos pinheiros. Altit. — 1.000 ms. Habitus — Erva de 1 m. Flôr: amarela. Legit — P. R. REITZ (nr. 3.316), 22-29.1.1950. Det. — P. R. REITZ, 1950.

Idem, idem HBR — Nr. 3.574

Local. — Cacupé, Ilha de S. Catarina. Nome vulgar — Gravatá, Monjola. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 15 ms. Habitus — Erva de folhas verde claro; o roxo escuro da bainha termina de repente; ápice roxo; lâmina com pintas roxas. Inflor. — Flôres: amarelas, secundas, brácteas florais: roxo-avermelhadas; brácteas do escapo: roxo.

avermelhado-fulgentes. Legit — Instituto de Malariologia, 25.3.1950. Det. — P. R. REITZ, 1950. Observ. — Forma ecológica da restinga.

10. *Vriesea Philippo-Coburgi* WAWRA

Vár. *vagans* L. B. SMITH HBR — Nr. 1.401

Local. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Legit — P. R. REITZ, 19.1.1945. Det. — L. B. SMITH, 45. Observ. — Emite estolhos longos pelo que habita em grandes colônias.

11. *Vriesea platynema* GAUD. HBR — Nr. 1.327

Local. — Garuva, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Flôr — Amarela. Legit — P. R. REITZ, 18.1.1945. Det. — L. B. SMITH 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 1.399

Local. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita e rupestre. Flôr — Amarela. Legit — P. R. REITZ, 17.1.45. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 2.393

Local. — Morro do Baú, Itajaí, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Hábito — Erva de folhas de ápice roxo-listrado. Inflor. — Flôr: amarela; escapo: verde, de 1 m. de altura. Legit — P. R. REITZ, 29.1.1948. Det. — L. B. SMITH, 1948.

Idem, idem HBR — Nr. 3.523

Local. — Rio Minador, Orleães, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 200 ms. Habitus: Erva de 0.4 de compr. Legit — P. R. REITZ (nr. 3.337), 18.1.50. Det. — P. R. REITZ, 1950.

12. *Vriesea Plantzmannii* E. MORR. HBR — Nr. 1.449

Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. — Habitat — Epífita dos capões. Flôr — Amarela. Legit — P. R. REITZ, 7.12.1944. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem HBR — Nr. 838

Local. — Ilhas, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita nos capões. Habitus — Erva de folhas com manchas roxas. Inflor. — Flôr: Amarela; brácteas e escapo roxos. Legit — P. R. REITZ, 11.12.1943. Det. — L. B. SMITH, 1944. Observ. — 1ª coleção após o typus.

13. *Vriesea Rodigasiana* E. MORR. HBR — Nr. 1.084

Local. — Peroba, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 25 ms. Habitus — Erva com folhas pintadas de roxo. Inflor. — Flôr: amarela; brácteas: roxo-avermelhadas; escapo: verde e um

pouco arroxeadado. Legit — P. R. REITZ, 5.4.1944. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem

HBR — Nr. 1.121

Local. — Maracanã, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita da mata. Altit. — 20 ms. Inflor. — Flôr: amarela; escapo e brácteas roxas. Legit — P. R. REITZ, 25.3.1944. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem

HBR — Nr. 1.386

Local. — Fachinal, Biguaçu, S. Cat. Habitat — Epífita da mata virgem. Habitus — Erva de folhas roxas por baixo. Inflor. — Flôr: amarela; escapo: roxo. Legit — P. R. REITZ, 17.1.1945. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem

HBR — Nr. 1.639

Local. — Sanga d'Anta, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita nos brejos. Altit. — 15 ms. Inflor. — Flôr: amarela; brácteas: roxas. Legit — P. R. REITZ, 24.3.1945.

14. *Vriesea Saundersii* (CARR) E. MORR.

HBR — Nr. 1.367

Local. — Curralinhos, Araranguá, S. Cat. Habitat — terrestre no campo litorâneo. Habitus — Erva de 1 m. de alt., com folhas pintadas. Flôr — Amarela. Legit — P. R. REITZ, 7.12.44. Det. — L. B. SMITH, 1945.

XIV. WITTROCKIA

Wittrockia superba LINDM.

HBR — Nr. 1.092

Sinôn. — *Canistrum superbum* MEZ. Local. — Sombrio, Araranguá, S. Cat. Habitat — Epífita e rupestre da mata. Altit. — 10 ms. Habitus — Erva de folhas com ápice roxo; armada. Inflor. — Brácteas arroxeadas. Legit — P. R. REITZ, 10.1.1944. Det. — L. B. SMITH, 1945.

Idem, idem

HBR — Nr. 2.390

Local. — Azambuja, Brusque, S. Cat. Habitat — Epífita da mata virgem. Altit. — 35 ms. Habitus — Erva armada com ápice das folhas roxo. Legit — P. R. REITZ, 30.8.1947. Det. — L. B. SMITH, 1948.

A P Ê N D I C E

Bromeliáceas do Estado do Rio Grande do Sul

Segue a lista das Bromeliáceas do Rio Grande do Sul colecionadas pelo P. J. EUGÊNIO LEITE, S. J. há uns 10 anos e determinadas por L. B. SMITH. Diversas delas já foram encontradas em S. Catarina, e outras ainda deverão sê-lo porque também existem para além do norte dêste Estado. As indicadas com asterisco estão também no Herbário "Barbosa Rodrigues" por gentileza de seu coletor.

1. *Aechmea recurvata* (KL.) L. B. SMITH *)
2. *Billbergia nutans* WENDL.
3. *Billbergia zebrina* (HERB.) LIND.
4. *Bromelia antiacantha* BERTOL.
5. *Dyckia choristaminea* MEZ *)
6. *Dyckia leptostachya* BAK.
7. *Dyckia maritima* BAKER *)
8. *Dyckia remotiflora* OTTO et DIET. — Var. *montevidensis* L. B. SMITH
9. *Tillandsia aëranthos* (LOISET.) L. B. SMITH *)
10. *Tillandsia geminiflora* BROGN. *)
11. *Tillandsia stricta* SOLAND. *)
12. *Tillandsia tricholepis* BAKER *)
13. *Tillandsia Lorenziana* GRIS. *)
14. *Tillandsia Mallemonitii* GLAZIOU *)
15. *Tillandsia pulchella* HOOK *)
16. *Tillandsia firmula* MEZ
17. *Vriesea gigantea* GAUD. *)
18. *Vriesea platynema* GAUD. *)
19. *Vriesea psittacina* (HOOK.) LIND. Var. *decolor* WAWRA
20. *Vriesea Saundersii* (C. KOCK) E. MORR. *)
21. *Vriesea tucumanensis* MEZ.

Azambuja — Brusque, 20.6.50.



VEGETAÇÃO DO MORRO DO BAÚ

P. Raulino Reitz

Executando o programa de atividade do Herbário "Barbosa Rodrigues" que se dedica ao estudo da vegetação nativa do Estado de S. Catarina me propuz fazer uma excursão no altaneiro Morro do Baú com o fim de estudar as plantas daquela parte do Município de Itajaí.

As 15 horas do dia 19 de janeiro de 1948 partí com P. Afonso Reitz, Pároco de Luiz Alves, para esta sêde distrital. Muito contribuiu êste irmão meu, admirador entusiasta do mundo vegetal, para o feliz êxito da empresa dispendendo quatro dias em me acompanhar coleccionando também espécimes para seu maravilhoso jardim. Muito lhe agradeço o auxílio.

As coleções foram realizadas especialmente em Braço Serafim, no sopé e cume do Morro do Baú e nos arredores da vila de Luiz Alves. Voltei a 2 de fevereiro para Brusque. Ajunto a êste estudo diversas coleções feitas anteriormente (janeiro de 1941) também em Luiz Alves e outras realizadas no Município de Itajaí durante o ano de 1946. Ocupo-me, pois, diretamente de 272 espécies de plantas, distribuídas por 94 famílias, arquivadas no Herbário "Barbosa Rodrigues" de Itajaí.

O material acha-se todo determinado graças aos esforços dos seguintes eminentes botânicos: LYMAN B. SMITH (Washington), ALEXANDRE CURT BRADE (Rio de Janeiro), EDWIN B. BARTRAM (Bushkil-Pensilvânia), MANOEL BARROS (B. Aires), C. T. RIZZINI (Rio de Janeiro), A. L. CABRERA (La Plata), CARLOS A. O'DONELL (Tucuman), E. ASPLUND (Stockholm), L. R. PARODI (B. Aires), DIEGO LEGRAND (Montevideo), ARTURO BURKART (San Isidro), ARMANDO T. HUNZIKER (B. Aires) e poucas por mim mesmo.

Tenho assim a satisfação de dar uma contribuição, embora modesta, para o conhecimento das matas orientais de S. Catarina, principalmente no setor fanerogâmico. O estudo da flora criptogâmica acha-se bem mais adiantado devido aos esforços, especialmente, de F. G. J. MOELLER (fungos), E. H. ULE, E. ROSENSTOCK e Frei C. SPANNAGEL.

De todos os naturalistas que percorreram o Estado de S. Catarina desde 1803 (data da 1ª expedição científica neste Estado) foi, sem dúvida ERNST HEINRICH ULE que mais estudou a flora catarinense e as proximidades da zona em estudo, i. é, o Morro do Baú. Dentre seus 5.617 números de plantas colhidas em S. Catarina boa parte colheu do ano 1883 a 1885 nos arredores de Joinville, e de outubro de 1887, a dezembro de 1888 em Blumenau e Itajaí, quando aí exercia o cargo de professor.

Nenhuma parte do distrito de Luiz Alves, nem o Morro do Baú foram até esta data percorridos por botânicos.

Trata-se de uma zona francamente montanhosa, coberta de matas, até os cumes das montanhas, fóra, naturalmente, poucas partes ocupadas por moradias, poteiros e plantações. A irrigação é abundante. O solo conserva um grau de humidade muito elevado, mesmo nas maiores estiagens.

Os geólogos encaixam sua formação geológica no Cambriano e Siluriano inferior, ou no ordoviciano respectivamente e pertence a Série de Itajaí, formada por rochas pouco ou não metamorfosadas, quartzitos, finalmente laminados filitos, arenitos, arcósios pretos e duros e conglomerados poligênicos com cimento argilo-arenoso-calcáreo, de origem flúvio-piemôntica segundo verificou Osório de Freitas (R. MAACK). O Professor FERRAZ comparou os arenitos que coroam as montanhas locais com os do monte Alesa, da Africa do Sul e os de Waterberg no Transwaal.

A camada da Série Itajaí tem 1.070 ms. de fundura e assenta directamente sobre o fundamento cristalino. Já em Luiz Alves (sede do Distrito) o granito aflora.

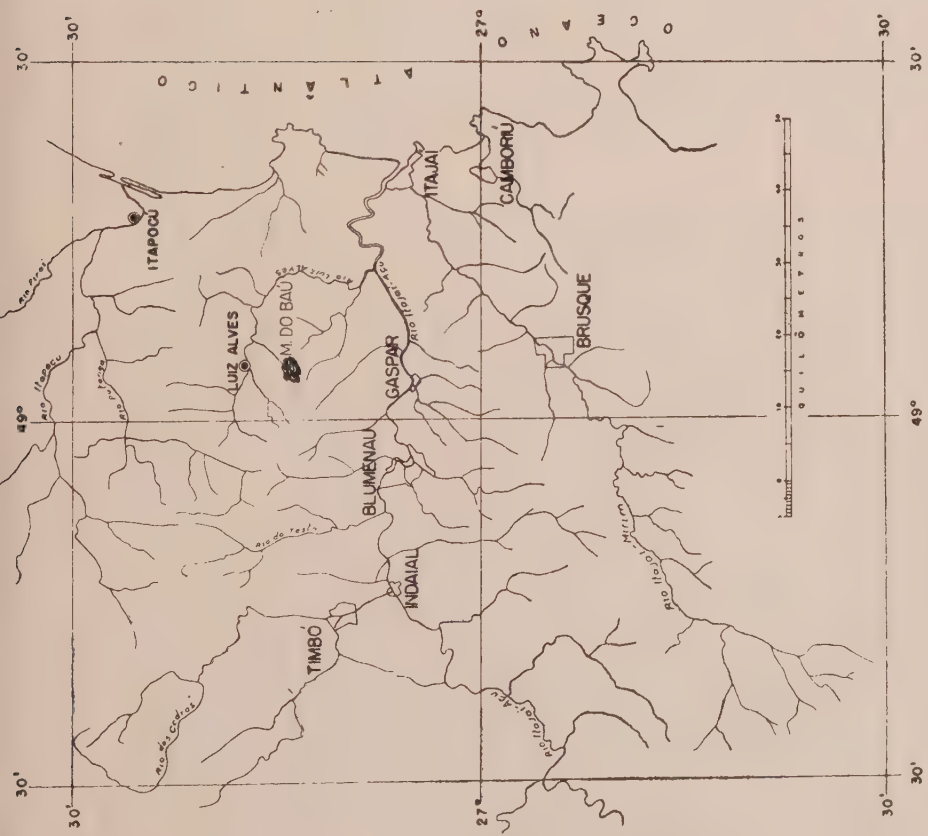
No meio do labirinto de montanhas menores sobressai o massiço do Baú (850 ms.) elevação máxima dessa parte do Estado até o Oceano. Serve de baliza aos navegantes do mar e de barômetro aos habitantes vizinhos: "Baú encoberto, chuva na certa". Pouco mais para o interior fica o seu irmão, o morro Spitzkopf de 920 ms. de altura, também situado na mesma Série Itajaí. O Morro do Baú apresenta uma base mais ou menos arredondada sobre a qual assenta a parte superior, que em grandes traços se assemelha a um baú. Para o norte eleva-se mais para cair enfim numa rampa forte. Na parte superior, como em paradigma escolar, observa-se o fenómeno geológico da decomposição, restando em algumas partes só mais uma pequena parcela mediana da antiga mesa arenítica, à semelhança dum fio de faca. Para o sul o declive é manso até um certo ponto caindo então, de repente, como no norte. Ao pé deste lado destaca-se uma parte do morro que o povo prosaicamente denomina "Filhote do Baú".

A mata que nos propomos estudar acha-se em plena Serra do Mar, por isso, segundo a grande divisão fitogeográfica brasileira, pertence à zona das Matas Costeiras ou Florestas Orientais, que MARTIUS chamou de Drindes. Vão essas desde a altura do Cabo S. Roque no Rio Grande do Norte até as Serras do Herval e Tapes no Rio Grande do Sul.

De acordo com a fitogeografia dividirei o estudo segundo as associações florísticas locais, a saber, hidrófila (paúcis), higrófila megatérmica (mata pluvial), higrófila mesotérmica (alto da montanha).

I. VEGETAÇÃO HIDRÓFILA (paúcis) — Pelo fato de haver pouco terreno paludoso nos arredores estudados do Morro do Baú é quasi nula a porcentagem de plantas que apresentaremos nesta secção. Mais para as margens do rio Itajaí o terreno brejoso e paludoso aumenta em grandes proporções oferecendo campo para ótimos estudos.

A vegetação nos terrenos húmidos e alagadiços apresenta diversos Gramíneas, Cyperáceas, como, por exemplo, o *Cyperus mundulus* KUNTH denominado Tiririca. Encontra-se *Mayaca* sp., *Paepalanthus* sp., na água corrente *Nasturtium officinale* R. B. R. chamado Agrião-da-



No mapa achase assinalado o morro do Baú a meia distância entre Itajaí e Blumenau



água-corrente e *Myriophyllum brasiliense* CAMB, chamado Pinheiro-da-água. Conforme a abundância de água há formações em que ora domina a *Tipha truxillensis* H. B. K., chamada Taboa, ora o *Blechnum serrulatum* RICH. Muitos outros pteridófitos como: *Dryopteris gongylodes* (SCHK.) O. K., *Dryopteris serrata* (CAV.) C. CHR. e o semiarborescente *Blechnum brasiliense* DESV. que com sua folhagem em roseta enfeita sobremodo os banhados e *Jussiaea myrtifolia* CAMB., arbusto de 1 m., com flores amarelas.

Plantas mais desenvolvidas há também como *Tibouchina* (*Purpurella*) *clinipodifolia* (DC) COGN. e as seguintes palmeiras: *Arecas-trum Romanzoffianum* (CHAM.) BECC., de 10 até 15 mes., chamado Gerivá, Coqueiro ou Coco-de-cachorro, muito usado para trato de animais, *Bactris Lindmaniana* DRUDE, planta de 2 até 4 mes., espinhenta, cujos frutos são comestíveis e as folhas dão ótimo fio e *Geonoma Schottiana* MARTIUS, Var. genuina DRUDE de 2 ms. chamada Guamiova. A *Marantácea Calathea zebrina* (SIMS.) LINDL. denominada Caité, forma às vezes colônias bem fechadas à sombra das árvores.

Flutuante na superfície da água encontramos diversas *Utriculárias* *Leuna* sp., *Salvinia auriculata* AUBL., *Azolla caroliniana* WALD e a *Eichornia crassipes* (MART.) SOLOMS.

Nas matas brejosas predominam certas árvores como o Ipé amarelo (*Tabebuia chrysotricha* (MART.) STANDL.), *Cytarexylum myrianthum* CHAM. sobrecarregadas de um mundo epifítico como *Tillandsia usneoides* L. denominada Barba-de-velho ou Barba-de-pau. Orchidáceas como *Oncidium*, *Stellis*, *Pleurothallis*, etc. e da bela *Catleya Forbesii* LINDL.

II. VEGETAÇÃO HIGRÓFILA MEGATÉRMICA (mata pluvial)

— LANGSDORFF quando entrou pela primeira vez em contacto com as matas pluviais defronte da Ilha de S. Catarina escreve maravilhado: "Os elevados troncos cujas frondes se enramavam de sombria folhagem, e cujos galhos estavam cobertos de flores e frutos, produziam em mim uma impressão muito peculiar, e bem assim as esquisitas trepadeiras, que marinham até as grimpas das árvores imensas, e as mil variedades de epífitas que, ora aqui, ora ali, se entreteciam em grinaldas lindíssimas".

"A exuberante natureza, que ali zombava da mais desvairada noção de fertilidade que se pode conceber, excedendo-se na mutação das cores e na formosura das ramagens, animava ainda aquelas matas duma infinidade de creaturas diferentes; mamíferos, aves, insetos e anfíbios que, nós europeus, raramente temos ensejo de contemplar, empalhados ou conservados em álcool, nos grandes museus, então despertavam, vivos, cada momento, minha curiosidade".

Como LANGSDORFF nós nos maravilhamos tanto mais quanto mais penetramos numa mata primitiva da Serra do Mar. Mas confessamos da mesma forma a grande dificuldade em conhecer todos os seus elementos. Só um esforço constante de dezenas de anos levar-nos a perscrutar todos os segredos dessas matas ainda quasi desconhecidas. O porte hercúleo de muitos exemplares desafia o botânico que deve alcançar as sumidades floridas acima de 15 ou 20 metros. Outras vezes é difícil conhecer a época da inflorescência e do fruto, quando não, a dificuldade de determinar o material colhido.

Tentamos com êste trabalho lançar um fraco jacto de luz para o conhecimento de nossa mata pluvial subtropical revestida de selvática beleza. De início apresentamos a vegetação secundária em que incluímos todos os seus sucessivos estágios, desde a capoeirinha até o capoeirão. Em segundo lugar trataremos a mata primária.

1. Vegetação secundária:

Nas culturas abandonadas após dois ou três anos observa-se a invasão de um número diminuto de certas plantas, mas que ocupam todo o terreno. A Composta *Baccharis dracuncaefolia* D. C., denominada Vassoura, aliada a diversas outras como *Baccharis cassiniaefolia* D. C., *Eupatorium laevigatum* LAM., *Centratherum punctatum* CASS. de flores roxas, como também Gramíneas, por explo., *Imperata brasiliensis* TRIN. denominada Sané, e diversas pertencentes a outras famílias como *Sceleria hirtella* SWARTZ, *Dichromena ciliata* VAHL, *Tibouchina Urvilleana* (DC.) COGN. com suas elegantes folhas aveludadas e suas flores violetas formam a capoeirinha e capoeira rala. No chão vê-se *Oxalis* sp. conhecida por Azedinha, *Sisyrinchium* sp., *Leonorus sibiricus* L. chamada Cordão-de-frade, *Cuphea* sp., denominada Sete-sangrias, *Portulacca oleracea* L. chamada Beldroega, *Fumaria muralis* SOND., a conhecida Fumária, e *Plantago hirtella* H. B. K., conhecida por Tanchagem

Pteridófitos, denominados em geral Samambaias, também habitam a capoeira. Entre muitas outras citamos as seguintes Polípodíaceas: *Blechnum serrulatum* RICH., *Dryopteris opposita* (VAHL.) URBAN., Var. *rivulorum* (BADDI) C. CHR., *Dryopteris Pancei* C. CHR., Var. *patentiformis* ROS., *Dryopteris dentata* (FORSK.) C. CHR., *Dennstaedtia tenera* (PR.) METT., *Pityrogramma calomelanos* (L.) LINK., *Polypodium angustum* (H. B. W.) LIEB., *Polypodium squamulosum* KLFS., *Polystichum adiantiforme* (FORST.) J. SM. e *Pteridium aquilinum* (L.) KUHN. São muito frequentes as Gleicheniáceas *Gleichenia bifida* (W.) SPR. e *Gleichenia nervosa* (KLFS.) SPR. que às vezes formam um emaranhado indepassável.

Triumfetta semitriloba L., chamado Carrapicho, com suas folhas aveludadas e flores amarelas, *Cestrum amictum* SCHLECHT., *Beloperone Amherstiae* NEES e diversos *Baccharis* são alguns dos **arbus-tos** entre 1 e 2 metros.

Na capoeira bem formada encontramos as seguintes **árvores** de 5 a mais metros: *Bathysa* sp., Rubiácea denominada Macaqueiro, mas localmente Fumo-do-diabo devido suas grandes folhas, às vezes de 0,50 m. x 0,25 m., *Rollinia exalbida* M., chamada Corticeira ou Araticum alvadio, *Fagara rhoifolia* ST. HILL., conhecida por Mamica-de-cadela ou Mamica-de-porca, *Trema micrantha* NEES chamada Grandiuva, *Cecropia obtusa* TREC. chamada imbauva, *Stenocalyx Micheli* (JAM.) BERG chamada Pitangueira, *Acacia riparia* H. B. K. chamada Espinheiro, *Silva* ou Maricá, árvore armada, ótima para lenha e cercas vivas, *Luehea divaricata* MARTIUS chamada Acoita-cavalo, *Solanum inaequale* VELLOSO chamada Canemeira, *Rapanea ferruginea* (R. & P.) MEZ chamada Capororoca, *Schinus terebenthifolius* RADDI chamado Aroeira, *Phytolacca dioica* L. chamada Umbú *Cytharexylum myrianthum* CHAM. chamado Tucaneira ou Tarumã,

Cassia multijuga RICH., *Bauhinia forficata* LINK. chamada Pata-de-vaca com suas flores grandes e brancas, *Cordia ecalyculata* VELL. e *Inga marginata* WILLD. que é o conhecido Ingá-feijão muito usado para o reflorestamento com dupla vantagem por ser de rápido crescimento e fixar o azoto no terreno.

Por entre essas árvores é frequente serprearem lianas como *Dioeclea violacea* MART. chamada Micunan com suas belas flores de anil e suas vagens cobertas de serdas, a parasita *Cuscuta platyloba* PROGEL chamado Cipó-chumbo com caules sem folhas cor de gema de ovo, *Davilla rugosa* POIR. chamado Cipó-caboclo, Cipó-carijó ou Sambaíba, *Trigonía pubescens* CAMB., *Thunbergia alata* BOJER chamada Carólia ou Cú-de-cachorro, *Cissampelos pareira* L. conhecida por Abútua ou Parreira-braba, *Passiflora edulis* SIMS chamada Maracujá, *Paullinia trigonia* VELL., *Merremia dissecta* (JACQ.) HALL, Var. *edentata* (MEISSN.) O'DONNELL com flores brancas, *Passiflora edulis* SIMS. chamada Maracujá-de-comer, *Aristolochia* sp., chamada Cipó-mil-homens, *Oxipetalum* sp. um dos diversos Cipós-de-leite e *Smilax* sp. chamado Esporão-de-galo.

Parasitando a raiz do Ingá-feijão (*Inga marginata* WILLD) encontramos pela primeira vez a esquisita *Balanophorácea* *Lophophytum* sp. que deve ser ou *L. mirabile* ou *L. Leandri*. A inflorescência é realmente vistosa e admirável pela beleza de suas cores e disposição das flores.

2. Vegetação primária:

Milhares são as espécies vegetais que crescem nas exuberantes selvas pluviais que rodeiam o Morro do Baú. Inicialmente nos ocuparemos das árvores que ascendem a uma altura entre 6 e 30 ms. para depois tratarmos das lianas, ervas epífitas, rupestres e terrestres.

Machaerium villosum VOG. conhecido por nós por Araribá-rosa é uma bela árvore de flores amarelas, *Bougainvillea spectabilis* WILLD. popularmente conhecida por Três-Marias tingida de roxo sua formidável copa no tempo da floração; quando jovem e dentro da mata é simples liana, mas isolada ou com muitos anos torna-se árvore grossa e alta. *Talauma ovata* ST. HIL. é o Bagaçu que fornece ótimo taboado de caixotaria por causa de sua leveza; produz balas e grandes flores perfumadas. O fruto é uma grossa baga de 10 até 20 cms. de diâmetro. Quando abre toma a forma de uma flor lenhosa, belo modelo para motivos estilísticos de decoração. *Cabralea cangerana* SALDANHA, a conhecida Cangerana, é típica pelos seus frutos numerosos, de cor roxa, maiores que uma jaboticaba. *Pachystroma ilicifolium* M. ARG. denomina-se Mata-olho porque o seu latex caindo na vista produz sérios distúrbios podendo causar até cegueira completa. *Erythrina falcata* BENTH., chamada Marrequeira ou Mutuqueira produz abundantes flores vermelhas, sendo belo ornamento para jardins e parques. Sua companheira a *Erythrina cristagalli* L., a Corticeira, habita mais os brejos. Entre as árvores mais comuns podemos ainda estudar as seguintes: *Schizolobium parahybum* (VELL.) BLACKKE (Sin. de *S. excelsum* VOG.), chamado Garupatú, *Roupala heterophylla* POHL chamado Carvalho-nacional, *Myrcarpus frondosus* FR. ALL., chamado Cabeuva, *Piptadenia communis* MART., chamada Pau-jacaré, *Cordia hypoleuca* DC., chamado Louro, *Clorophora tinctoria*

(CHAM.) P. DC. chamada Tajuva, *Clusia cambessedesii* PL. & TR., *Hieronyma alchornioides* FR. ALL., chamada Licurana, *Psidium guayava* RADDI denominado Goiabeira, *Cedrelia* sp., chamada Cedro, diversas espécies de *Ficus* popularmente conhecidas por Figueiras, *Gameleiras* e *Mata-páus*, *Xylopia* sp., chamada Pindaíba, *Aspidosperma* sp., chamada Peroba, muitas espécies de *Nectandra* e *Ocotea* chamadas Canela, *Virola* sp., chamada Bicuiba, *Bombax* sp., denominado Embiruçu, *Posoqueria latifolia* (RUDGE) R. & S. chamada Baga-de-Macaco, *Rhcedia Gardneriana* chamada Bacopari, *Myrciaria trunciflora* BELG chamada Jaboticabeira preta (a Jaboticabeira rajada parece uma variedade dessa), *Myrcia pubipetala* MIQ., chamada Guamirim chorão, *Nectandra* sp., chamada Canela-amarela, *Daphnopsis* sp., chamada Imbira-branca.

Belas **Palmeiras** habitam em maior ou menor quantidade as matas pluviais. São 6 espécies ao todo e uma variedade conforme a lista seguinte: *Attalea dubia* (MART.) BURET chamada Indaiá, *Arecatum Romanzoffianum* (CHAM.) BECCARI denominado Côco-de-cachorro, *Gerivá* ou simplesmente Coqueiro, *Euterpe edulis* MARTIUS chamada Palmito, *Içara* ou *Ensarova*, *Bactris Lindmaniana* DRUDE chamada Tucum, *Geonoma elegans* MARTIUS com inflorescência apenas bipartida chamada Guaricana, *Geonoma Schottiana* MARTIUS, Var., *palustris* WARMING chamada Guamiova ou Palheira-de-folha-larga e *Geonoma Schottiana*, Var., genuína DRUDE chamada Guamiova ou Palheira-de-folha-estreita.

Os xaxins, a saber, os *Pteridófitos* arbórescentes mais comuns são *Alsophila corcovadensis* (RADDI) C. CHR., *Alsophila paleolata* MARTIUS, *Alsophila phalerata* MARTIUS, *Alsophila armata* (SW.) PR., *Alsophila atrovirens* (L. & F) PRESL., *Hemitelia setosa* (KLFS.) METT., *Cyathea schanschin* MARTIUS e *Dicksonia Sellowiana* (PRESL.) HK.

Mais dificuldades que as árvores trazem as **lianas** para serem identificadas. Por isso aduzo poucas das muitas existentes. *Cissus ternata* (BAKER) PLANCH., três flôres vermelhas, *Philodendron imbe* SCHOTT chamada Tripa-de-galinha, *Peireskia* sp., chamada Ora-pro-nobis; *Clidemia blepharodes* DC., um arbusto-liana de 1,50 m. com flôres roxas e estames amarelos e por fim uma *Bignoniácea* de flôres roxas que ainda não pôde ser identificada.

Arbustos de 1-2 ms. há-os diversos como *Brunfelsia pauciflora* C. & S. chamada Manacá, com grandes flôres violetas (6-8 cms.), *Psychotria myriantha* MUELJ. ARG., *Celosia grandifolia* MOQ., *Ottonia Martiana* MIQ., chamada Jaborandí, *Piper colubrium* LINK, *Bertolonia acuminata* GARD., Var. *echinata* BRADE n. var. de apenas 0,40 m. e uma espécie de *Sapotácea* de 4 ms. de altura ainda não determinada. Entre as **Gramíneas** maiores temos a *Olyra semiovata* TRIN. taquarinha de 1-2 ms. e *Merostachys* aff. *Clausenii* chamada Taquara poca e muito usada na confecção de balaios, sebes, giquís e tipitís. Alcança, essa última, a copa das outras árvores.

Numa certa altura da mata deparamos com um formidável rochedo onde colhemos bons exemplares **rupícolas** que não raras vezes também são **epífitos**. Entre outros cito *Pteris splendens* KLF., *Polypodium fraxinifolium* JACQ., *Doryopteris patula* FÉE, *Selaginella Sellowii* Hieron., *Anthurium Sellovianum* KUNTH, *Norantea brasi-*

liensis CHOISY primeira Marcgraviácea por mim colhida, *Hillia* parasítica JACQ. e *Begonia* sp. ainda em estudos.

As ervas que pudemos colecionar são as que seguem: *Melasma* (Alectr.) brasiliensis BENTH., *Hydrocotyle leucocephala* CHAM., *Ctenanthe lanceolata* O. G. PETERSEN chamado Caité, uma Acanthácea de flores amarelas e brácteas serradas ainda não determinada, *Dichorisandra gaudichaudiana* KUNTH de belas flores anil e outras vezes roxas, *Heliconia* sp. chamada Caité ou Bananeira-do-mato, *Staurogyne mandiocana* (NESS.) O. KTZE., *Macrocarpea rubra* MALME subarbusto de 0,25 m. com flores amarelas e a ornamental *Renalmia longis* K. SCHUM. de 2,3 ms. com flores brancas de sépalos roxos. Colhemos 7 espécies de *Begonia*, mas todas ainda estão em estudos, exceto *Begonia Fritz Muellieri* BRADÉ trepadeira com belas flores vermelhas, *Begonia fruticosa* A. DC. que trepa as árvores para florescer na copa delas e *Begonia convolvulacea* A. DC. que se alastra pelo chão até uns 10 ms. de comprimento e tráz flores brancas. As **samambaias** terrestres da mata virgem são muitas. Apresento as seguintes que pertencem todas à família das Polipodiáceas: *Adiantum curvatum* KLF., *Adiantum brasiliense* e RADDI, *Adiantum* sp. ainda em estudo, *Asplenium* sp. ainda em estudo, *Blechnum volubile* L. liana que alcança a copa das árvores, *Blechnum meridense* (KL.) METT., *Diplazium marginatum* (L.) DIELS, *Diplazium Shepherdii* (SPR.) LK., *Doryopteris sagittifolia* (RADDI) J. SM., *Doryopteris pedata* (L.) FÉE, *Dryopteris iguapensis* C. CHR., *Dryopteris connexa* (KLFS.) C. CHR., *Pteris deflexa* LINK, *Pteris Kunzeana* AG., *Polystichum platyphyllum* (W) e *Tectaria martinicensis* (SPR.) COP. Encontrei ainda a *Haymenophyllaceá* *Trichomanes rigidum* SW.

A vegetação epifítica é abundante. Só nos foi possível colher poucos exemplares. Pertencem às Bromeliáceas: *Billbergia amoena* (LODD.) LINDL., *Nidularium innocentii* LEM., *Vriesia incurvata* CAUDICH., *Vriesia carinata* WAWRA, *Vriesia gigantea* GAUD. As Polypodiáceas: *Asplenium mucronatum* PRESL. fiel habitante das Cyatheáceas, *Asplenium pteropus* KLFS., *Nephrolepis exaltata* SCHOTT., *Eiaphoglossum Schomburgkii* (FÉE) MOORE, *Polypodium percursum* CAV., *Polypodium truncorum* LINDM., *Polypodium Catharinae* L. & F., *Polypodium fulgens* HIER. e *Polypodium lepatifolium* POIR. — Var. *latior* ROSENST. As Hymenophyllaceae: *Trichomanes polypodioides* L., *Trichomanes radicans* SW. e *Trichomanes tenerum* SW. As Orchidáceas: *Aspasia lunata* LINDL., *Cirrhaea dependens* RCHB. F., *Maxillaria Regneliana* COGN. ex CHAR., *Stanhopea graveolens* LINDL. denominada Cabeça-de-boi. Uma Gesneriácea com tubera e flor roxa ficou indeterminada, como também a Cactacea *Rhipsalis* sp., a Loranthácea *Phoradendron* sp. chamada Herva-de-passarinho e a Amaryllidácea *Amaryllis* sp.

III. VEGETAÇÃO HIGRÓFILO MESOTÉRMICA (alto da montanha). Galgada a maior parte da montanha, já numa altura de cerca de 600 ms. a vegetação muda em altura, pois torna-se bem menor que em baixo. Muda em quantidade, pois o número de espécies é menos. Muda em qualidade, pois muitas, principalmente as epifíticas, são espécies que só habitam essas alturas.

Entre as árvores encontramos *Podocarpus Sellowii* KL., chama-

do Pinheiro-do-mato, *Weinmannia pionata* L. *Clethra* aff. *laevigata* MEISSN., uma *Phoebe*, talvez porosa MEZ, *Ilex* cf. *sapotifolia* REISS e *Didymopanax angustissimum* E. MARCH todas árvores no máximo de 6 ms. de altura.

Muitos arbustos chamaram nossa atenção como *Clusia cambessedii* PL. & TR. que exsuda latex e traz flores brancas, *Tibouchina Glazioviana* COGN. que é uma Quaresmeira de apenas 2 metros, *Leandra* sp., *Aphelandra* sp., *Cymbianthus* sp. da classe das Capororocas, *Drymis brasiliensis* MIERS. chamada Casca-d'anta, *Hediosmum brasiliense* MART. primeira *Chlorantácea* que até hoje colhemos, *Chusquea oligophylla* RUPR. chamada Taquara e o *Xaxim Alsophila Iheringii* ROSENS. de 3 ms. de altura encontrado também pela primeira vez em nossas coleções.

Diversas lianas abraçam as árvores e os arbustos como a bela *Fuchsia* regia (VAND.) MUNZ. conhecida por Erinceo-de-princesa, uma *Dioscorea* sp. de flôres amarelas ainda não determinada e uma bela *Apocinácea* de grandes flôres vermelhas.

A flora epifítica é muito desenvolvida. Os Pteridófitos, as Orchidáceas, Bromeliáceas e Musgos que em seguida nomearei são os elementos mais representativos.

Orchidáceas: *Bifrenaria aureo-fulva* LINDL. de flôres alaranjadas com estrias roxas no interior, *Epidendrum variegatum* HOOK. de flores amarelas com pintas escuras, *Gomeza theodorea* COGN. com flores amarelas listadas de roxo, *Maxillaria chlorantha* LINDL. com flores brancas, *Maxillaria picta* HOOK. que é uma planta de apenas 10 cms. mas com belas flôres amarelas pintadas de roxo na base do labelo. Uma ainda ficou por determinar.

Bromeliáceas: *Aechmea cylindrata* LINDM. de flôres aniladas comum em todas as zonas altas dos municípios vizinhos (por exemplo M^o. da Bateia-Brusque), *Vriesia erythrodaetylon* E. MORR. de flôres amarelas e *Vriesia platynema* GAUD. com ápice das folhas listado de roxo. Numa rocha colhemos ainda *Pitcairnia flammea* LINDL. — Var. *floccosa* L. B. SMITH que se distingue pelas suas folhas tenras parecendo à primeira vista uma *Eriocaulácea*.

Pteridophytos: *Hymenophyllaceae*: *Hymenophyllum asplenoides* SW., *Hymenophyllum polyanthos* SW. — Subsp. *Sturmii* v. d. B., *Hymenophyllum caudiculatum* MART., *Hymenophyllum organense* HK., *Hymenophyllum Raddianum* K. MUELL. *Lycopodiaceae*: *Lycopodium* (*Urostachys*) *quadrefarium* BORY, *Lycopodium* (*Urostachys*) *comans* CHRIST., *Lycopodium* (*Urostachys*) *longiaristatum* CHRIST., *Lycopodium* (*Urostachys*) *subulatum* DESV., *Lycopodium* (*Urostachys*) *fontinaloides* SPRING e *Lycopodium* sp. ainda indeterminada. *Ophioglossaceae*: *Ophioglossum palmatum* PLUM. *Polypodiaceae*: *Cochlidium paucinervium* (FÉE) C. CHR., *Elaphoglossum lingua* (RADDI) BRACK., *Elaphoglossum vagans* (METT.) HERON., *Elaphoglossum ornatum* (METT.) C. CHR., *Polypodium pilosissimum* M. & G., *Polypodium achilleifolium* KLF., *Polypodium cultratum* W. — Var. *reclinatum* BRACE., *Polypodium hirsutissimum* RADDI, *Polypodium fraxinifolium* JACQ., *Polypodium latipes*, L. & F. e *Polypodium lepidopteris* (L. & F.) KZE.

Musgos: *Leucobryum crispum* C. M., *Leucoloma biplicatum* (HPE.) PAR., *Meteriopsis recurvifolia* (HORNSCH.) BROTH., *Orthotichopsis tortipilis* (C. M.) BROTH., *Puggiarella aurifolia* (MITT.)

BROTH., Rhizogonium spiniforme (HEDW.) BRUCH, Schloteimia torquata (HEDW.) BRID., Syrrhopodon Gaudichaudii MONT. que são todos epífitos. Rupestres são os seguintes: Campylopus arcto carpus (HORNSCH.) METT., Hookeriopsis crispa (C. M.) JAEG., Leucobryum clavatum HPE., Leucoloma biplicatum (HPE.) PAR., Rhizogonium spiniforme (HEDW.) BRUCH que também foi encontrado como epífito, Rhodobryum Glaziovianum HPE., Sphagnum capilla-ceum (WEISS.) SCHRANK, Sphagnum gracilens HPE. Terrestre foi ainda encontrado Leucobryum giganteum C. M.

Além das famílias de plantas acima referidas faço ainda menção de uma Gesneriácea Hypocyrta radicans KLOTZSCH & HANST. de belas flôres roxas que a tornam uma planta ornamental.

No chão da mata há também abundante vegetação pois aí o sol já penetra com relativa facilidade porque a mata é baixa e rala. Distinguem-se novamente as Bromeliáceas e Pteridófitos pelo seu avantajado número. Destes colhemos as seguintes: Aneimia flexuosa SW. — Var. ? villosa, rupestre, que talvez poderá ser determinada de outro modo, Blechnum Sampaioanum BRADE, Blechnum Schomburgkii (KL.) C. CHR., Dryopteris amplissima (PRESL.) O. K., Elaphoglossum iguapense BRADE, Gleichenia flexuosa (SCHARAD.) METT., Gleichenia nervosa (KLF.) SPR., Gymnogramma myriophylla SW. — Var. prox. G. Glaziovii C. CHR., Lycopodium (Urostachys) passerinoides H. B. K. — Var. nitens (CHAM. & SCHL.) HERTER, Polypodium duale MAX., Polystichum adiantiforme (FORST.) J. SM., Selaginella sp., Trichomanes accedens PR.

Maiservas encontramos, como as Orchidaceae Epidendrum sp. de flores roxas e Elleanthus brasiliensis REICHB. f., Hydrocotyle quinqueloba RUIZ & PAV. — Forma 2. subglabra URBAN, Anthurium acutum N. E. BR. de belas folhas cordi-lanceoladas, Baccharis trimera LESS., Gnaphalium purpureum L., Andropogon leucostachys H. B. K., Gnaphalium purpureum L. e Panicum secundum TRIN.. As últimas 5 espécies são de vegetação secundária que foram colhidas numa pequena parte devastada pelo fogo.

A flórea regional ainda é pouco conhecida para podermos tirar conclusões fitogeográficas e fazer comparações com outras flóras mais conhecidas.

Para haver um conspeto geral das plantas estudadas seguem todas as famílias em ordem numérica a começar dos fanerógamos com seus respectivos gêneros e espécies igualmente em ordem alfabética.

FANERÓGAMOS

ACANTACEAE

Aphelandra sp.

Beloperone Amherstiae NESS.

Staurogyne mandiocana (NESS)

O. KTZE.

Thunbergia alata BOJER

AMARANTACEAE

Celosia grandifolia MOQ.

APOCYNACEAE

Aspidosperma sp.

AQUIFOLIACEAE

Ilex cf. sapotifolia REISS.

ARACEAE

Anthurium acutum N. E. BR.

Anthurium Sellowianum KUNTH

Philodendron imbe SCHOTT.

ARALIACEAE

Didymonanax angustissimum E.

MARCH

- ARISTOLOCHACEAE
Aristolochia sp.
- ASCLEPIADACEAE
Oxipetalum sp.
- AMARYLLIDACEAE
Amaryllis sp.
- ANACARDIACEAE
Schinus terebenthifolius RADDI
- ANONACEAE
Rollinia exalbida MART.
Xylopia sp.
- BROMELIACEAE
Aechmea cylindrata LINDM.
Billbergia amoena (LODD.)
LINDL.
Nidularium innocentii LEM.
Pitcairnia flammeea LINDL.
Var. floccosa L. B. SMITH
Vriesia carinata WAWRA
Vriesia erythrodactylon E. MORR.
Vriesia gigantea GAUD.
Vriesia incurvata GAUD.
Vriesia platynema GAUD.
- BALANOPHORACEAE
Lophophytum ? mirabile
SCHOTT et ENDL.
- BEGONIACEAE
Begonia convolvulaceae A. DC.
Begonia Fritz-Muelleri BRADE
Begonia fruticosa A. DC.
Begonia (5 espéc. em estudo)
- BIGNONIACEAE
Tabebuia chrysotricha (MART.)
STANDL.
- BOMBACACEAE
Bombax sp.
- BORRAGINACEAE
Cordia ecalyculata VELL.
Cordia hypoleuca DC.
- CACTACEAE
Peireskia sp.
Rhipsalis sp.
- CLETHRACEAE
Clethra aff. laevigata MEISSN.
- CRUCIFERAE
Nasturtium officinale R. BR.
- CUNONIACEAE
Weinmannia pinnata L.
- CYPERACEAE
Cyperus mundulus KUNTH
Dichromena ciliata VAHL
Sceleria hirtella SWARTZ
- CHLORANTHACEAE
Hedyosmum brasiliense MART.
- COMMELINACEAE
Dichorisandra Gaudichaudiana
KUNTH
- COMPOSITAE
Baccharis cassiniaefolia DC.
Baccharis dracunculaefolia DC.
Baccharis trimera LESS.
Centratherum punctatum CASS.
Eupatorium laevigatum LAM.
Gnaphalium purpureum L.
- CONVOLVULACEAE
Cuscuta platyloba PROGEL
Merremia dissecta (JACQ.) HALL
Var. edentata (MEISSN.) O'DO-
NELL
- DILLENIACEAE
Davilla rugosa POIR.
- DIOSCOREACEAE
Dioscorea sp.
- ERIOCAULACEAE
Paepalanthus sp.
- EUPHORBIACEAE
Hieronyma alchorneoides FR.
ALL.
Pachystroma ilicifolium M. ARG.
- GUTTIFERAE
Clusia cambessedesii PL. & TR.
Rheedia Gardneriana PL. & TR.
- GRAMINEAE
Andropogon leucostachys H. B. K.

GENTIANACEAE

Macrocarpea rubra MALME

GESNERIACEAE

Hypocyrta radicans KLOTZSCH
& HANST.

Hypocyrta sp.

Chusquea oligophylla RUPR.

Merostachys aff. Clausenii

Olyra semiovata TRIN.

Panicum secundum TRIN.

HALORRHAGIDACEAE

Myriophyllum brasiliense CAMB.

IRIDACEAE

Sisyrinchium sp.

LABIATAE

Leonorus sibiricus L.

LAURACEAE

Nectandra sp.

Phoebe porosa MEZ?

LEGUMINOSAE — MIMOS.

Acacia riparia H. B. K.

Inga marginata WILLD.

LEGUMINOSAE — PAPIL.

Bauhinia forficata LINK.

Cassia multijuga RICH

Dioclea violacea MART.

Erythrina falcata BENTH.

Machaerium villosum VOG.

Myrocarpus frondosus FR. ALL.

Piptadenia communis MART.

Schizolobium parahybum (VELL.)
BLAKE

LEMNACEAE

Lemna sp.

LILIACEAE

Smilax sp.

LORANTHACEAE

Phoradendron sp.

LYTHRACEAE

Cuphea sp.

MAGNOLIACEAE

Drimys brasiliensis MIERS.

Talauma ovata ST.-HIL.

MARANTACEAE

Calathea zebrina (SIMS.)

LINDL.

Ctenanthe lanceolata O. G. PE-
TERSEN

MARCGRAVIACEAE

Norontea brasiliensis CHOISY

MAYACACEAE

Mayaca sp.

MELIACEAE

Cabralea cangerana SALDANHA
Cedrella sp.

MELASTOMATACEAE

Bertolonia acuminata GARDN.

Var. echinata BRADE n. var.

Clidemia blepharodes DC.

Leandra sp.

Tibouchina (Purpurella) clinipo-
difolia (DC.) COGN.

Tibouchina Glazioviana COGN.

Tibouchina Urvilleana (DC.)
COGN.

MENISPERMACEAE

Cissampelus parreira L.

MORACEAE

Cecropia obtusa TREC.

Chlorophora tinctoria (L.) GAUD.

Ficus sp.

MUSACEAE

Heliconia sp.

MYRISTICACEAE

Virola sp.

MYRSINACEAE

Cymbianthus sp.

Rapanea ferruginea (R. & P.) MEZ

MYRTACEAE

Myrcia pubipetala MIQ.

Myrciaria obscura BERG. v. aff.

Myrciaria trunciflora BERG

Myrciaria trunciflora BERG —
Var.?

Psidium Cattleianum SAB.

Psidium guayava L.

Stenocalyx Micheli (LAM.) BERG

- Maxillaria picta* HOOK.
Maxillaria Regneliana COGN ex CHAR.
Stanhopea graveolens LINDL.
- NYCTAGINACEAE
Bougainvillea spectabilis WILLD.
- OENOTHERACEAE
Fuchsia regia (VAND.) MUNZ
Jussiaea myrtifolia CAMB.
- ORCHIDACEAE
Aspasia lunata LINDL.
Bifrenaria aureo-fulva LINDL.
Elleanthus brasiliensis REICHB. f.
Cirrhaea dependens RE. CHB. f.
Epidendrum variegatum HOOK
Epidendrum sp.
Gomeza theodorea COGN.
Maxillaria chlorantha LINDL.
Maxillaria Lindleyana SCHLR. ?
- OXALIDACEAE
Oxalis sp.
- PALME
Arecastrum Romanzoffianum (CHAM.) BECCARI
Bactris Lindmaniana DRUDE
Euterpe edulis MARTIUS
Geonoma elegans MARTIUS
Geonoma Schottiana MART.
 Var. *genuina* DRUDE
Geonoma Schottiana MART.
 Var. *palustris* WARMING
Attalea dubia (MART.) BURRET
(Pindarea fastuosa BARB. RODR.)
- PAPAVERACEAE
Fumaria muralis SOND.
- PASSIFLORACEAE
Passiflora edulis SIMS.
- PHYTOLACCACEAE
Phytolacca dioica L.
- PIPERACEAE
Piper colubrinum LINK
Ottonia Martiana MIQ.
- PLANTAGINACEAE
Plantago hirtella H. B. K.
- PODOCARPACEAE
Podocarpus Sellowii KL.
- PORTULACCACEAE
Portulacca oleracea L.
- PROTEACEAE
Roupala heterophylla POHL
- RUBIACEAE
Bathysa sp.
Borreria verbenoides CHAM. & SCHL.
Hillia parasitica JACQ.
Posoqueria latifolia (RUDGE) R. & S.
Psychotria myriantha MUELL. ARG.
- RUTACEAE
Fagara rhoifolia ST. HIL.
- SAPINDACEAE
Paullinia trigonia VELL.
- SAPINDACEAE
 ——— sp.
- SCROPHULARIACEAE
Melasma (Alectra) brasiliensis BENTH.
- SOLANACEAE
Brunfelsia pauciflora C. & S.
Cestrum amictum SCHLECHT.
Solanum inaequale VELL.
- THYMELAEACEAE
Daphnopsis sp.
- TILIACEAE
Luehea divaricata MARTIUS
Triumfetta semitriloba L — Var.
- THIPHACEAE
Thypha truxillensis H. B. K.
- TRIGONIACEAE
Trigonia pubescens CAMB.
- UMBELLIFERAE
Hydrocotyle leucocephala CHAM.
Hydrocotyle quinqueloba RUIZ & PAV. Forma 2. *subglabra* URBAN

ULMACEAE

Trema micrantha NEES

VERBENACEAE

Cytharexylum myrianthum
CHAM.

VITACEAE

Cissus ternata (BAKER)
PLANCH.

ZINGIBERACEAE

Renealmia longipes K. SCHUM.

PTERIDOPHYTOS

CRIPTOGAMOS:

CYATHEACEAE

Alsophila atrovirens (L. & F.)
PRESL.

Alsophila corcovadensis (RAD-
DI) C. CHR.

Alsophila Iheringii ROSENST.

Alsophila paleolata MART.

Alsophila phalerata MART.

Cyathea schanschin MARTIUS

Dicksonia Sellowiana (PRESL.)
HK.

Hemitelia setosa (KLFS.) METT.

GLEICHENIACEAE

Gleichenia bifida (W.) Spr.

Gleichenia flexuosa (SCHARAD.)
METT.

Gleichenia nervosa (KLF.) SPR.

HYMENOPHYLLACEAE

Hymenophyllum asplenioides SW.

Hymenophyllum caudiculatum
MART.

Hymenophyllum organense HK.

Hymenophyllum polyanthos SW.

Subsp. *Sturmii* v. d. B.

Hymenophyllum raddianum K.
MUELL.

Trichomanes accedens PR.

Trichomanes polypodioides L.

Trichomanes radicans SW.

Trichomanes rigidum SW.

Trichomanes tenerum SW.

LYCOPODIACEAE

Lycopodium clavatum L.

Lycopodium comans CHRIST.

Lycopodium complanatum L.

Lycopodium fontinaloides SPRING.

Lycopodium longiaristatum

CHRIST.

Lycopodium passerinoides H. B. K.

Var. *nitens* (CHAM. & S.)

HERTER

Lycopodium quadrifariatum BORY

Lycopodium subulatum DESV.

Lycopodium sp.

OPHIOGLOSSACEAE

Ophioglossum palmatum PLUM.

POLYPODIACEAE

Adiantum brasiliense RADDI

Adiantum curvatum KLF.

Adiantum sp.

Asplenium mucronatum PRESL.

Asplenium pteropus KLF.

Asplenium sp.

Blechnum brasiliense DESV.

Blechnum meridense (KL.) METT.

Blechnum Sampaioanum BRADE

Blechnum Schomburgkii (KL.)

C. CHR.

Blechnum serrulatum RICH.

Blechnum volubile L.

Cochlidium paucinervatum

(FÉE) C. CHR.

Dennstaedtia tenera (PR.)

METT.

Diplazium marginatum (L.)

DIELS

Diplazium Shepherdii (SPR.)

LK.

Doryopteris patula FÉE

Doryopteris pedata (L.) (FÉE

Doryopteris sagittifolia (RADDI)

J. SM.

Dryopteris amplissima (PRESL.)

O. K.

Dryopteris Bangii C. CHR.

Var. *patentifformis* ROS.

Dryopteris connexa (KLF.) C.

CHR.

Dryopteris dentata (FORSK.) C. CHR.
Dryopteris gongylodes (SCHK.) O. K.
Dryopteris iguapensis C. CHR.
Dryopteris opposita (VAHL.) URBAN
 Var. *rivulorum* (RADDI) C. CHR.
Dryopteris serrata (CAV.) C. CHR.
Elaphoglossum iguapense BRADE
Elaphoglossum lingua (RADDI) BRACK.
Polypodium percussum CAV.
Polypodium pilosissimum M. et. G.
Polypodium squamulosum KLFS.
Polypodium truncorum LINDM.
Polystichum adiantiforme (FORST.) J. SM.
Polystichum platyphyllum (W.) PR.
Pteridium aquilinum (L.) KUHN
Pteris deflexa LINK
Pteris Kunzeana AG.
Pteris splendens KLF.
Tectaria martinicensis (SPR.) COP.

SALVINIACEAE

Azolla caroliniana WALD

SCHIZAEACEAE

Aneimia flexuosa SW.
 Var. ? *villosa* (H. B. K.)

SELAGINELLACEAE

Selaginella Sellowii HIERON.
Selaginella sp.

MUSCI FRONDOSI

CALYMPERACEAE

Syrrhopodon Gaudichaudii MONT.

DICRANACEAE

Campilopus arctocarpus (HORNSCH.) MITT.
Leucoloma biplicatum (HPE.) PAR.

Elaphoglossum ornatum (METT.) C. CHR.
Elaphoglossum Schomburgkii

(FÉE) MOORE
Elaphoglossum vagans (METT.) HIER.
Gymnogramma myriophylla SW.
 Var. — (prox. *G. Glaziovii* C. CHR.
Nephrolepis exaltata SCHOTT.
Pityrogramma calomelanos (L.) LINK.
Polypodium achilleifolium KLF.
Polypodium angustum (H. B. W.) LIEBM.
Polypodium Catharinae L. & F.
Polypodium cultratum W.
 Var. *reclinatum* BRACK.
Polypodium duale MAX.
Polypodium fraxinifolium JACQ.
Polypodium fulgens HIER.
Polypodium hirsutissimum RADDI
Polypodium latipes L. & F.
Polypodium lepathifolium POIR.
 Var. *latior* ROSENST.
Polypodium lepidopteris (L. & F.) KZE.

LEUCOBRYACEAE

Leucobryum clavatum HPE.
Leucobryum crispum C. M.
Leucobryum giganteum C. M.

ORTHOTRICHACEAE

Schloteimia torquata (HEDW.) BRID.

RHIZOGONIACEAE

Rhizogonium spiniforme (HEDW.) BRUCH

SPHAGNACEAE

Sphagnum capillaceum (WEISS.) SCHRANK
Sphagnum gracilescens HPE.

DE DIVERSAS FAMILIAS

Hookeriopsis crispa (C. M.) JAEG.
Meteriopsis recurvifolia (HORNSCH.) BROTH.
Orthostichopsis tortipilis (C. M.) BROTH.
Puggiarella aurifolia (MITT.) BROTH.
Rhodobryum Glaziovianum HPE.

Azambuja — Brusque, 19 de setembro de 1949.

PLANTAS MEDICINAIS DE SANTA CATARINA

Por P. Raulino Reitz

1. ABACATEIRO

SINÔNIMOS — Abacateiro rôxo — Abacateiro branco — Palta (Chile) — Abogado (México) — Aguacate (América Central) — Avocado (It.) — Avocatier (Fr.) — Avokatbirnen (Al.) — Alligator pear (Ingl.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Persea gratissima* GAERT. — Família das Lauráceas.

FITOGRAFIA — *Persea gratissima* GAERT. — Folhas coriáceas, longo-pecioladas, elípticas, obovaladas e oblongas, areoladas, glabras, ou debaixo pubescentes; panículas corimbosamente acumuladas, densa ou brancamente cobertas de lanugem, de cálice, enfim, todo decíduo (MARTUS 5, 2, 158).

NOTA FITOGEOGRÁFICA — Nativa na América tropical, onde é muito cultivada. Em S. Catarina ocupa toda a zona geográfica de serra-a-baixo. É na verdade uma planta gratíssima, como indica o nome científico: *Persea gratissima*. É gratíssima pelos frutos deliciosos, pelas folhas e raízes medicinais, pela ótima madeira, e enfim, pelas sementes que tem inúmeras aplicações medicinais.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 569 está registrado um exemplar de *Persea gratissima* GAERT., da fam. das Lauráceas, denominado Abacateiro; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul, em 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Folhas (Farmacopeia Brasileira).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Perseíta — Abacatina — óleo essencial — Tanino — Matérias resinosas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, xarope, tintura, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Diurético** dos melhores: muito usado nas doenças renais e das vias urinárias, cistites, uretrites, blenorragia. O seu uso é indispensável às pessoas que incham facilmente, sentindo dores de cabeça, falta de ar e, às vezes, vômitos. **Epático**: é empregado nas perturbações hepáticas e nas doenças procedentes da deficiência de secreção biliar. Além disto é **carminativo** e segundo alguns **afrodisíaco**. O Farmacêutico RAUL COIMBRA diz ainda: "Estudo recente, sôbre o óleo de abacate extraído da polpa do fruto, mostra-nos ter o mesmo grande valor terapêutico. É um óleo não secativo, com grande teor em vitaminas A, B, D, E, G, e principalmente em fitosterol e lecitina, o que lhe assegura propriedades anti-

raquíticas incontestáveis. É um produto estavel, prestando-se ao fabrico de cremes uteis à pele pela sua riqueza em vitaminas, e que poderão ser usados prolongadamente, sem as desvantagens dos cremes preparados com óleo mineral, que algumas vezes irritam a cutis.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 5%: de 50 a 200 c. c. por dia — Extrato flúido: de 2 a 10 c. c. por dia — Tintura: de 10 a 50 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

2. AÇOITA CAVALO

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Luehea divaricata* MART. — Família das **Tiliáceas**.

FITOGRAFIA — Árvore de 15-20 metros de altura; folhas brevemente pecioladas, dispostas num plano só sobre os ramos flexíveis, com pêlos estrelados na página superior e outros côr de cinza ou ferrugem na inferior; flores em inflorescência terminal, grandes, branco-amareladas, cheirosas; fruto capsular, sêco, coberto de pêlos côr de ouro; sementes aladas (MARTIUS 12, 3, 159).

FITOGEOGRAFIA — Árvore de 12 metros a mais de altura e de circunferência até 3 m, 50. Habita nossas matas virgens, e os nossos capões e campos. É natural do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso. Sua presença é notada em todo o território barriga-verde.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 589 está herborizado um exemplar de *Luehea divaricata* MART., da fam. das **Tiliáceas**, denominado Açoita cavalo; foi colhido pelo autor em Junho de 1942 em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Casca e folhas.

USOS TERAPÊUTICOS — **Peitoral**: o xarope ou infuso das cascas e folhas ou flores é usado nas afecções do aparelho respiratório, como nas laringites, bronquites, etc. **Adstringente**: possui também princípios adstringentes. Obtem-se um xarope util nas tosses com a mistura de suas folhas e flores com gervão, agrião e casca de angico.

3. AGRIÃO

SINÔNIMOS — Agrião das hortas — Agrião ordinário da água corrente — Berro (Esp.) — Crecional (It.) — Cresson (Fr.) — Waskresse, Brunnenkresse (Al.) — Watercress (Ing.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Nasturtium officinale* R. BR. — Família das **Crucíferas**.

FITOGRAFIA — *Nasturtium officinale* R. BR. — Planta repente; folhas ligeiramente cordiformes, profundamente divididas; as flores são brancas dispostas em cachos terminais; o fruto é uma síliqua alongada, sub-cilíndrica; tem sabor picante, um pouco amargo.

FITOGEOGRAFIA — Naturalizada e sub-espontânea em todo o Brasil sendo natural da Europa, como do norte e leste asiático. Cresce na água corrente.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o n. 591 está registrado um exemplar de *Nasturtium* sp. da fam. das **Crucíferas**, denominado Agrião; foi colhido por L. WEBER em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, em Novembro de 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Planta fresca (Farmacopeia Brasileira).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Um glucósido que hidrolisado se decompõe em açúcar, sulfato ácido de potássio e sevenol (óleo essencial) — Iodo — Ferro — Enchofre, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato fluido, tintura, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Diurético, antiescorbático, estimulante:** usado nas afecções das vias urinárias, nos eczemas, afecções herpéticas, no raquitismo e linfatismo. **Anti-nicotínico:** goza de propriedades antidotas aos efeitos tóxicos da nicotina. **Peitoral:** É eficiente o seguinte preparo: Toma-se um punhado de agrião bem lavado, coloca-se numa panela tampada, cobrindo-o com açúcar. Aquece-se a panela com um calor brando, à margem da chapa do fogão. deixa-se tanto tempo, até que saia todo o sumo. Por fim se exprime a planta murcha, e este sumo é tomado em três colheradas de manhã, três de meio dia e três de noite. Em bronquites agudas toma-se duas colheradas de 2 em 2 horas.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 5% de 50 a 200 c. c. por dia — Extrato fluido de 2 a 10 c. c. por dia — Tintura: de 10 a 50 c. c. por dia — Tintura: de 10 a 50 c. c. por dia — Elixir: de 20 a 100 c. c. por dia — Vinho: de 20 a 100 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

4. A I P O

SINÔNIMOS — Coleri — Apio (Esp.) — Appio (It.) — Acho (Fr.) — Eppich, Gewoehnlicher Sellerie (Al.) — Smollage (Ing.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — **Apium graveolens** LINNÊ (F. B.) — Família das **Umbellíferas**.

FITOGRAFIA — **Apium graveolens** LINNÊ — O caule atinge, quando muito, a 0,60 m; é estriado e fistuloso; suas folhas são pinatífidas, não apresentando manchas nem cheiro viroso; suas flores dispostas em umbela composta, tem na base um pequeno envólucro com 3, ou com 4 divisões; são brancas e em grande número.

FITOGEOGRAFIA — Natural de terrenos salgados.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o n. 579 está registrado um exemplar de **Apium** sp. da Fam. das **Umbellíferas**, denominado Aipo; foi colhido pelo autor em Antônio Carlos, Biguaçu, S. Catarina, aos 30-1-1943 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Raízes (Farmacopeia Brasileira), possivelmente frescas; folhas.

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Óleo essencial, constituído por uma mistura de limoneno, gaiacol, um fenol cristalizado, sesquiterpenos, sedanolido, anidrido sedanólico, ácido palmítico, etc. — Apiina — Óleo-resina, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extratos fluidos, tinturas, elixir, vinho, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — a) Raízes:

Estomacal, aperitivo: era uma das cinco raízes aperientes da antiguidade. **Vulperário:** na guerra do Paraguai o sábio CAMINHOA presenciou o formidável efeito do decocto da planta no tratamento das feridas, máxime por armas de fogo. **Diurético:** o mais usado em-

prego do aipo, porém, hoje, como em tempos antigos é como diurético; seus efeitos são atribuídos à essência, e ficam atenuados com a dessecação, sendo preferível usar a raiz fresca ou as preparações estabilizadas.

Os Arabes usavam o aipo externamente, em fumigações, contra as dores de cabeça. **Anti-hidrópico:** o sumo expremido das folhas e a raiz em cozimento empregam-se na hidropisia, retenção da urina e gonorreia. O sumo toma-se de 3 a 10 gotas, 3 vezes por dia.

b)- Folhas:

Resolutivo: as folhas pisadas e aplicadas sós ou com adição de sal e vinagre, agem como resolutivo nos engorgitamentos leitosos do seio e nas contusões. **Peitoral:** a infusão das folhas (30 a 60 gramas de folhas por litro) é empregada com vantagem na extinção da voz, na asma húmida e no catarro pulmonar.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 2,5%; de 50 a 200 c.c. por dia — Extrato fluido: de 1 a 5 c.c. por dia — Tintura: de 5 a 25 c.c. por dia — Elixir: de 20 a 100 por dia — Vinho: de 20 a 100 c.c. por dia — Xarope; de 20 a 100 c.c. por dia.

5. ALECRIN

SINÔNIMOS — Alecrin de casa — Alecrin das hortas — Rosmarinho — Romero (Esp.) — Rosmarino (It.) — Rosmarin commun (Fr.) Rosmarin, Kranzenkrant (Al.) — Common Rosemary, Old Man (Ing.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Rosmarinus officinalis* LINNÉ, da Família das **Labiadas**.

FITOGRAFIA — *Rosmarinus officinalis*, LINNÉ — Flores dispostas em falsos verticilos axilares, sub-sésseis, opostos, aproximados, formando cachos foleados no cimo dos ramos; cálice purpurino, ovoido-campanulado e sub-bilabiado; corola branca ou lilás pálido, com limbo fortemente bilabiado e desdobrado; dois estames férteis, virados; depois arqueados para frente de tal jeito que o estilete é mais longo que a corola. Folhas sésseis, lineares, inteiras, volteadas na borda e canescentes por baixo (NICHOLSON & MOTTET 4, 568).

FITOGEOGRAFIA — Planta de 50 cm. a 1m., 20 de altura, nativa dos países mediterrâneos (França, Alemanha, etc.). É cultivada em todo o mundo. Suas folhas contusas dão forte aroma.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o n. 584 está registrado um exemplar de *Rosmarinus officinalis* L., da Fam. das **Labiadas**, denominado Alacrin; foi colhido pelo autor em Antônio Carlos, Biguaçu, S. Catarina, em Janeiro de 1943 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Folha e sumidades floridas (Farmacop. Brasileira).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Óleo essencial, constituído por uma mistura de pineno, canfeno, borneol, acetato de bornila, valerianato de bornila, cineol, cânfora, etc. — Um princípio amargo — Tanino — Matérias resinosas, pépticas, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Estomacal, estimulante:** usado nas gastralgias, dispepsias atônicas, fastio, e nos estados de prostração geral. **Emenagogo, abortivo:** é usado nas irregularidades da menstruação e também na irregularidade da urina. **Cicatrizante:** o pó das folhas é usado como cicatrizante. Serve para condimento.

MODO DE EMPREGO — Água: de 50 a 200 c.c. por dia. — Infuso ou decocto a 2,5% de 50 a 200 c.c. por dia — Extrato fluido: de 1 a 5 c.c. por dia — Tintura: de 5 a 25 c.c. por dia; externamente, ad libitum — Xarope: de 20 a 100 c.c. por dia.

6. ALFAVACA

SINÔNIMOS — Alfavaca cheirosa — Mangericão.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Ocimum Basilicum* LINNÉ (F. B.) — Família das **Labiadas**.

FITOGRAFIA — *Ocimum Basilicum* LINNÉ — A alfavaca tem o caule ramoso, levemente pubescente, de 15 a 20 cm. de altura; suas folhas são pecioladas, ovais lanceoladas, de 2 cm. de comprimento e 12 mm. de largura na média, ciliadas e denteadas nas margens. Suas flores são brancas, purpurinas ou matizadas de diversas cores, agrupadas em cimeiras axilares pauciflorais, de calice persistente, tendo a divisão posterior grande, oval, decorrente, e corola de tubo curto, bilabiada, com o lábio superior quadrilobado e o inferior inteiro, inclinado e quasi plano. A alfavaca tem cheiro muito aromático, agradável e penetrante (Farmacopeia dos Estados Unidos do Brasil, pág. 71).

FITOGEOGRAFIA — Esta herva é natural do sul da Ásia e África, mas cultivada em todo o mundo para condimento. Em muitos países também extraem-lhe um óleo para a indústria. No nosso estado também é cultivada. O nome científico "*Basilicum*" equivale a "herva real".

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o n. 574 está herborizado um exemplar de *Ocimum* sp., da família das **Labiadas**, denominado Alfavaca; foi colhido pelo autor em Laranjeira, Laguna, S. Catarina, aos 15 de Janeiro de 1943 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.. É usado como condimento.

PARTES USADAS — Folhas e sumidade florida (Farmacopeia Brasileira).

USOS TERAPÊTICOS — Estomáquico: além desta propriedade é também **excitante**.

7. ALFAZEMA

SINÔNIMOS — Espliego, Alhucema (Esp.) — Lavanda (It.) — Lavande vrai (Fr.) — Lavandel (Al.) — Common lavender (Ing.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Lavandula officinalis* CHAIX Família das **Labiadas**.

FITOGRAFIA — Flores azul-violáceas, raramente brancas, bastante grandes, verticiladas por 6-10 e formando espigas curtas, eretas, um pouco interrompidas na base, terminais, e longamente pedunculadas; florescem no estio. Folhas estreito-lanceoladas, um pouco espatuladas, longamente estreitadas na base, revolutadas nas bordas, tomentoso-alvacentas tanto dos dois lados, como nos ramos (NICHOLSON & MOTTET 3,100).

FITOGEOGRAFIA — Nativa na Europa Meredional (França, Suissa, etc.); todavia encontra-se cultivada e sub-expontâneo em muitas partes do globo. Nas hortas catarinenses é frequente.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 795 está herborizado um exemplar de *Lavandula officinalis* CHAIX, da fam.

das **Labiadas**, denominado Alfazema; foi colhido e determinado pelo autor em Sombrio, S. Catarina, no ano de 1944.

PARTES USADAS — As sumidades floridas são mais empregadas que as folhas.

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Óleo essencial, constituído por uma mistura de linanol, acetato de linalila, propionato de lananila, cineol, borneol, geraniol, acetato de geranila, furfurool, alcool amílico, pineno, limoneno, traços de cumarina, etc. Tanino — Matérias resinosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Água, alcooolatos, balsamos, solutos concentrados, tintura, vinagres, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Estimulante**: é util para estimular o sistema nervoso; emprega-se principalmente para banhos de crianças debeis (15 grs. para 1 litro de água). Raras vezes é usado internamente, mas sim externamente em fricções estimulantes. Segundo CAMINHOÁ é também **antispasmodico**. A tintura alcoólica serve para fricções das partes doloridas. **Aromático**: Os Romanos usavam esta planta para aromatizar a água em que se banhavam. Hoje ainda é largamente empregada como perfume. É um componente da água de Colônia. **Carminativo**: usa-se também no combate aos gases intestinais. **Digestivo**: As flores, tomadas em infusão (5 grs. para 1 litro), são preconizadas na digestão difficil. **Oftálmico**: o cozimento fraco de Alfazema, ou mesmo a água distilada, com um pouco de pedra-hume, é proveitoso para banhar os olhos, quando inflamados.

MODO DE EMPREGO — Água: de 50 a 200 c. c. por dia — Infuso ou decocto a 1%: de 5 a 200 c. c. por dia — Extrato fluido: de 0,5 a 2 c. c. por dia — Tintura: de 1a 10 c. c. por dia.

8. ALGODOEIRO

SINÔNIMOS — Algodon, Algodonero (Esp.) — Bombace (It.) — Cotonnier (Fr.) — Baumvolle (Al.) — Cotton Root Bark (Ing.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Gossypium herbaceum* LINNÉ (F. B.) — Família das **Malváceas**.

FITOGRAFIA — *Gossypium herbaceum* LINNÉ — Haste muito ramificada e alcança a altura de um metro, mais ou menos. Folhas médias 3-5-7 lobadas e lóbulos ovais e estreitados na sua base; são alternas, cobertas de pêlos sedosos e estrelados e terminam numa ponta aguda, possuindo glândulas nectaríferas extraflorais na parte inferior, secretando um líquido adocicado muito procurado pelas formigas. As flores são relativamente grandes, axilares e campanuladas. Pétalas amarelas, com a parte inferior matizada de carmin. Cálice exterior composto de 3 brácteas. Cálice interior quinquelobado. Estames concrecentes. Pistilo com 3 estiletos concrecidos. Ovário súpero e trilobular. O fruto é uma cápsulo oval, trilobular e do tamanho de uma noz.

FITOGRAFIA — O *Gossypium herbaceum* L. é oriundo da Ásia Menor, mas cultivado em todas as zonas cálidas e temperadas do globo. Outras espécies de algodoeiros são de origem asiática e americana.

HERBÁRIO "BARBOSA RORIGUES" — Sob o número 887 achase herborizado um exemplar de *Gossypium barbadense* L., da Fam. das **Malváceas**, colhido em Sombrio em 15-4-944.

PARTES USADAS — Casca das raízes (Farmacopéia Brasileira) e óleo das sementes.

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Betaina — Fitosterol — Óleo essencial (traços) — Ácido salicílico (traços) — Ácidos graxos — Tanino — Matérias resinosas, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — a) **Casca das raízes:**

Emenagogo: é indicado com ótimos resultados nas desordens uterinas, menstruações difíceis com regras profusas e dores nos ovários (dismenorreia). O infuso das sementes é sorvido pelas mulheres de Pernambuco, por seis dias anteriores á época mensal, para facilitar-lhes e mesmo provocar o fluxo. **Hemostático:** é empregado nas hemorragias uterinas (metrorragias). É um remédio de confiança, segundo o Dr. POTOINENKO, e até auxilia a digestão. As propriedades hemostáticas do algodoeiro estão confirmadas pelo DR. NARKOVSKI. É enfim usado também nas hemorragias consequentes a fibromas uterinos. **Galactogênio:** para as senhoras que amamentam e sentem falta do leite, é indispensavel o algodoeiro porque tem a qualidade de provocar e aumentar a secreção das glândulas mamárias. **Abortivo:** é também abortivo e segundo alguns **diurético**. **Emoliente:** externamente é emoliente.

b) **Sementes:**

Anti-desintérico: o decocto, tanto das sementes como das folhas é largamente empregado como tal. **Emoliente:** as sementes esmagadas são usadas em emplastros como emoliente para abcessos, úlceras, etc.

O óleo das sementes (Farm. Bras.) é usado para emplastros simples.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 5%: de 100 a 300 c. c. por dia. — Extrato fluido: de 5 a 15 c. c. por dia — Tintura: de 20 a 75 c. c. por dia — Xarope: de 50 a 100 c. c. por dia.

9. ALHO

SINÔNIMOS — Ajo (Esp.) — Aglio (It.) — Ail (Fr.) — Knoblauch (Al.) Garlic (Ing.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Allium sativum* LINNÉ — Da Família das **Liliáceas**.

FITOGRAFIA — *Allium sativum* LINNÉ — Haste arredondada, folhas lineares, sub-caniculadas, espata univalva, longissilimamente rostrada, caduca; bulbo agregado, bulbinhos obovado-oblongos envolvidos por uma membrana. Folhas sùjamente alvas (MARTIUS 3, 1, 183).

FITOGEOGRAFIA — Originário do Oriente e mundialmente cultivado.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 575 está herborizado um exemplar de *Allium sativum* L. da Fam. da **Liliáceas**, denominado Alho; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul em 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Bolbilhos (dentes).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Alisina (enzima) e aliina (glucoside) que, por uma ação recíproca, decompõe-se em glucose e essên-

cia sulfurada, constituída por uma mistura de sesquiterpeno, sulfureto de alila e diversos sulfuretos, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Tintura, suco, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Peitoral:** é um dos primeiros remédios fitológicos contra influeza, coriza, gripes, resfriados, mesmo quando se manifestam com febre, atacando o aparelho respiratório e provocando tosse, catarro, rouquidão e lacrimejamento. Debela as dôres e a secura da garganta, a sensação de cócegas e de escoriação na laringe provocando tosse sêca e breve. Além disto constituiu ótima terapêutica nos casos de tuberculose pulmonar e gangrena pulmonar. É **sudorífico** e **antelmíntico**. Poderoso **antisséptico**, propiedade que vem da sua essência: por isso é utilizado como preventivo do cólera (GRANICH), da febre tifoide, da difteria (MINCHIN) e da gripe (H. LELERC.) **Antimalárico:** A infusão, tomada às chieiras, é aproveitável nas febres intermitentes, como também nas urinas de sangue, nas areias e pedras da bexiga, no cólera e na hidropisia. **Odontálgico:** a massa originada da mistura de um pouco de alho pisado e cinza faz desaparecer a dôr de dentes quando é colocada no do dente cariado. **Anti-reumático:** fomentações de alho misturado com manteiga são usados no reumatismo muscular.

MOD ODE EMPREGO — Suco, como vermífugo: de 20 a 30 c. c. — Tintura como antisséptico e anti-gripal: de 5 a 15 c. c. por dia.

10. A L M É C E G A

SINÓNIMOS — Almésca (corruptela popular) — Elemí — Almécga da praia — Almiscar (S. Paulo) — Goma limão — Ieicariba — Baumharz (Al.) — Ieiquier, Ieicariba (Fr.) — Balsamero (Argentina). — Árvore de incenso — Breu branco.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — Trata-se de diversas espécies do gênero *Protium*, como *P. brasiliense* ENGL., *P. heptaphyllum* (AUBLET) MARCHAND, *P. icicariba* (DE CANDOLE) MARCHAND. Da Família das *Burseráceas*.

FITOGRAFIA — *Protium heptaphyllum* MARCH.: Árvore grande, até 20 metros de altura; casca cinzenta, pouco espessa; folhas pinadas, 2-3-jugas ou raras vezes 4-jugas; folíolos oblongos, inteiros, glabros, de 10 cts. de comprimento e 5 cms. de largura; flores verde-amarelas, pequenas, abundantíssimas, dispostas em panículas; fruto drupa vermelha, ovoides, contendo polpa resinosa e amarela envolvendo 1 semente, raras vezes mais, até 4. (PIO CORREA, Dic. das plantas úteis, 1, 82).

FITOGEOGRAFIA — A espécie tipo, ou as variedades vegetam em todo o país. A casca exsuda abundante resina de cor branco-avermelhada. Fornece madeira branco-avermelhada com cerne escuro, muito útil para construções civis, marcenaria, etc., sendo de grande duração nos lugares sêcos.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 605 está registrado um exemplar de *Protium* sp. da família das *Burseráceas*, denominado Almécga; foi colhido pelo autor em Antônio Carlos, Biguaçu, S. Catarina, em 28 de Janeiro de 1943 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO.

PARTES USADAS — Óleo-resina extraído do tronco (Farmacopeia Brasileira).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Óleo essencial — Amirina — Elemicina — Ácido elêmico — Brioidina — Elemireseno — Broidina (princípio amargo), etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Acoolatos, emplastos, pomadas, solutos, concentrados, pílulas, etc.

USOS FARMACÊUTICOS — Balsâmico, vesicante: poucas vezes é usado como expectorante. Em emplastos é usado para sufocar o berne e assim poder extraí-lo. As cascas e folhas são muito usadas contra úlceras gangrenosas e as inflamações em geral.

MODO DE EMPREGO — óleo — resina: de 0,5 a 2 grs. por dia.

11. A L O E S

SINÔNIMOS — Aloe — Azevre — Azebre (Portugal) — Baboza — Herva-baboza — Aloe (Al.)

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Aloe africana* MILL. *Aloe vulgaris* D. C. — *Aloe socotrina* LAM. — *Aloe spicata* LINNÉ — *Aloe ferox* MILLER (esta é a mais usada na Farmacopeia Brasileira sob o nome de Aloes do Cabo) — Família das **Liliáceas**.

FITOGRAFIA — *Aloe vulgaris* D. C.: Flores: de perianto amarelo, cilíndrico, de 18 a 25 mm. de compr., em cachos densos, de 15 a 30 cm. de compr.; haste forte, de 50 cm. a 1 m. de compr. simples ou ramosa. Folhas ensiformes, densas, agregadas, de 5 a 10 cm. de largura, estreitando-se depois a base a $\frac{1}{2}$ o vértice, verde pálido, cerca de 12 mm. de espessura no meio, face superior canaliculada além da base; espinhos marginais subdistantes, córneos. Caule tem raramente uma altura acima de 30 a 60 cm. de altura (NICH. & MOTT. 1,116).

FITOGRAFIA — *Aloe ferox* MILLER é natural do sul da África muito cultivado em todo o Brasil. Outros são naturais da África meridional, da costa sul do Mar Vermelho, etc.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 573 está herborizado um exemplar de *Aloe* sp. da Fam. das **Liliáceas**, denominado Aloes; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul em Agosto de 1942 e determinado pelo Pe. BALDUINO RAMBO S. J.

PARTES USADAS — Folhas. CAMINHOÁ diz: "a polpa da folha, sem os tegumentos, é empregada para refrigerar e tonizar; a resina, ou os tegumentos da folha, são drásticos".

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Óleo essencial (traços) — Aloina — Emodina — Aloinose — Aloeresinotanol — Matérias resinosas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Acoolatos, elixires, tinturas, pílulas, pó, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Estomacal**: segundo RAUL COIMBRA, em pequenas doses, atua como amargo, aperitivo, na atonia gástrica, dispepsia atônica, e como **colagogo**, nas insuficiências hepáticas. Em maior dose, age como **purgativo** de ação lenta, não perturbando a digestão, sendo recomendado para combater a prisão de ventre crônica. **Drástico**: em dose forte é drástico. Anti-dartroso: o sumo das folhas cura impingens sobre as quais é aplicado.

É contra indicado no período menstrual (pois provoca o congestionamento dos órgãos pélvicos), nos estados hemorroidários, nas hemorragias uterinas, na predisposição ao aborto e nas nefrites.

O suco fresco é extremamente aplicado nas enfermidades dos olhos.

Como da “Baboza do mato”, segundo HOEHNE usam-se a seiva das folhas para aplicar na cabeça contra a queda de cabelo.

Segundo DIAS DA ROCHA é um **peitoral** e **revulsivo**. A polpa da folha macerada com assucar é empregada, com muito proveito, contra a bronquite ou tuberculose pulmonar insipiente. **Emoliente e revulsivo**: passada, a polpa da folha, pelo calor do fogo é usada em emplastros nos tumores, panarícios, espetadelas e golpes, e, em cataplasmas, no engorgitamento do fígado e do baço. Para o uso interno mancerar a polpa das folhas por 8 a 10 horas. Tomar uma colher de sopa pela manhã em jejum.

MODO DE EMPREGO — Pó: como estomacal, de 0,05 a 0,1; como purgativo, de 0,1 a 0,2; como drástico, de 0,3 a 0,5 do gr. — Tintura: como drástico, de 1,5 a 2,5 c. c.

12. A M O R A

SINÔNIMOS — Amoreira preta — Amoreira do bicho da seda — Mora (Esp.) — Gelso (It.) — Murier (Fr.) — Maulbeerbaum (Al.) — Mulberry tree (Ingl.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Morus nigra* LNNÉ (F. B.) — Família das **Moráceas**.

FITOGRAFIA — *Morus nigra* LINNÉ — As folhas são alternas, longipeciouladas, cordiormes e às vezes trilobadas e denticuladas. As pequenas flores são verdes e monoicas. As flores masculinas estão reunidas em pequenas pseudo-espigas. As frutas são pequenas e drupáceas, formando um sincarpo suculento ou “sorose” graças ao aumento dos lóbulos livres do perigono que se tornam carnosos no momento da maturação e envolvem completamente as pequenas drupas. O fruto é purpúreo-enegrecido (DECKER). As folhas são o alimento do “bicho da seda”, a lagarta do **Bombyx mori**.

FITOGEOGRAFIA — Oriunda da Ásia ocidental e cultivada entre nós para alimento do “Bicho da seda”.

HERBÁRIO “BARBOSA RODRIGUES” — Sob o n. 588 está registrado um exemplar de *Morus nigra* L., da Fam. das **Moráceas**, denominada Amoreira; foi colhido pelo autor em Setembro de 1942 e Julho de 1943 em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul, e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Suco de amora (Farmacopeia Brasileira), fruto, casca da raiz.

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Açúcar — Ácido málico — Tanino — óleo essencial — Matérias mucilaginosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Suco, extrato fluido, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — a) Fruto:

Refrescante: obtém-se do fruto um gostoso refresco de paladar ácido. **Vulnerário**: o xarope é usado externamente, em aplicações locais, ou diluído em água, ou em gargarejos, no combate às aftas, gengivites e anginas. **Adstringente**: possui também esta qualidade.

b) Casca da raiz:

Vermifugo e purgativo: a casca da raiz passa como tal, mas já em desuso (CAMINHOÁ).

MODOS DE EMPREGO — Suco ou extrato fluido, como refrescante, de 10 a 50 c.c., podendo esta dose ser excedida — Xarope: ad libitum.

13. ANDÚ

SINÔNIMOS — Guandú — Guando — Feijão de Guandú.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Cajanus indicus* SPRENG. — Família das Leguminosas, Papilionadas.

FITOGRAFIA — *Cajanus indicus* SPRENG. — Arbustiva ou sub-arbustiva; folhas compostas de 3 folíolos ovado-lanceolados ou oblongos, agudos; estípulas lanceoladas, caducas; pedúnculos axilares, racemosos na ponta, superando um pouco as folhas; brácteas ovais ou lanceoladas, muito caducas; pedicelos de várias cores; a corola varia: toda a flava ou estandarte por fora purpurescente e venoso (MARTIUS 15, 1, 199).

FITOGRAFIA — Este sub-arbusto de flores amarelas é frequentemente cultivado nas hortas catarinenses. Os legumes e sementes são comestíveis, quando tenros. As sementes secas são utilizadas na alimentação do gado. A planta inteira também é usada na adubação verde.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 576 está herborizado um exemplar de *Cajanus indicus* SPRENG., da fam. das Leguminosas, Papilionadas, denominado Andú; foi colhido pelo autor em Antônio Carlos, Biguaçu, S. Catarina aos 28 de fevereiro de 1943, e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Folhas, sementes e a raiz.

USOS TERAPÊUTICOS — Anti-febril: é usado no debelamento de qualquer febre.

14. ANGICO

SINÔNIMOS — Angico verdadeiro — Angico amarelo.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Piptadenia rigida* BENTH. — Família das Leguminosas, Mimosoidea.

FITOGRAFIA — *Piptadenia rigida* BENTH. — Árvore sub-glabra; pinas 3-6 jugas; folíolos multijugos; espigas axilares; ovário estipulado, glabro; vagens retas, planas; sementes estreitamente aladas (MARTIUS 15, 2, 278).

FITOGEOGRAFIA — Vegeta da Baía ao R. G. do Sul e Minas Gerais.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o n. 570 está herborizado um exemplar de *Piptadenia rigida* BENTH. da Fam. das Leguminosas, denominada Angico; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul, em outubro de 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Casca (Farmacopeia Brasileira) e goma.

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Casca: Tanino (40% no máximo) Matérias resinosas, mucilaginosas, etc. Goma: Angicose (açúcar).

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato fluido, soluto concentrado, tintura, elixir, vinho, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — a) Casca:

Tônico amargo e depurativo: usado no raquitismo, inapetência,

debilidade, etc. **Hemostático:** é usado nas hemorragias uterinas, como nas dismenorreias, metrorragias e hemorragias em geral. Externamente o decocto é usado no tratamento da leucorreia, em irrigações vaginais e a tintura em contusões, golpes, etc. **Antigonorreico:** toma-se 3 vezes por dia uma chicara de infusão de cascas de angico (30 gramas para meio litro de água).

b) Goma:

É amarelada quando nova. Substitui a goma arábica. **Emoliente e peitoral:** empregada nas afecções bronco-pulmonares como nas afecções catarrais das vias respiratórias, tosses, bronquites, asma, facilitando a expectoração; é muito usado na forma de xarope, que é de bom paladar. Dissolvido a goma em água morna, ou em infusão de flores de malva e adoçando este preparado com mel, ou açúcar, obtém-se um remédio útil nas bronquites.

MODO DE EMPREGO — Cascas: Infuso ou decocto a 5%: de 50 a 200 c.c. por dia; externamente, ad libitum — Extrato fluido: de 2 a 10 c.c. por dia — Tintura: de 10 a 50 c.c. por dia; externamente, ad libitum — Elixir, de 20 a 100 c.c. por dia — Vinho: de 20 a 100 c.c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c.c. por dia. Goma: Solutio concentrado para xarope: de 2 a 10 c.c. por dia.

15. AROEIRA BRABA

SINÔNIMO — Pau de bugre.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Lithraea brasiliensis* MARCH.
— Família das **Anacardiáceas**.

FITOGRAFIA — *Lithraea brasiliensis* MARCH. — Folhas subcoréáceas, em geral simples, oblongo-elípticas; panículas pequenas, mais curtas que a folha; pétalas oblongas, três vezes mais compridas que o cálice; ovário sésil (MARTIUS 12, 2, 395).

FITOGEOGRAFIA — Trata-se duma árvore de 3-4 metros de altura, de flores pequeninas. Seu tronco é sempre tortuoso e em geral inclinado. É esta aroeira que é a causadora da — dermatose pela aroeira-fenômeno de natureza mórbida, que aparece na pele de quem se demora na sua proximidade (veja a observação). Interessante é que ela mesma é remédio contra a sua afecção dérmica. Esta árvore é muito comum no Rio Grande do Sul, como no sul de nosso Estado.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 586 está herborizado um exemplar de *Lithraea brasiliensis* MARCH., da Fam. das **Anacardiáceas**, denominado aroeira braba; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul em agosto de 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Folhas.

USOS TERAPÊUTICOS — Um velho enfermeiro dum internato do Rio Grande do Sul tem curado a — dermatose pela aroeira — em muitos casos. Pica bem as folhas verdes da mesma aroeira braba, causadora da afecção dérmica, e depois as deita em alcool de 80°. Fecha bem o frasco, e depois de três dias o remédio está pronto para o uso. Ouso é interno: duas gotas da tintura em meio copo de água, uma vez ao dia; isto por um espaço de três semanas.

OBSERVAÇÃO — O DR. MANOEL C. D'AVILA resume a —

dermatose pela aroeira — nos seguintes tópicos: “As partes descobertas do corpo são aquelas atingidas... A pele torna-se tensa, sobreveem um prurido, e um exantema se manifesta; hipertermia, às vezes violenta, se observa. Certos casos há, em que o observador se crê achar em face dum saramento. Outras vezes a febre é de tal sorte, a pele, recoberta de papulas vermelhas, se edemacia tanto, e dessas a pele, recoberta de pápulas de natureza tal, que cremos achar-nos em face dum varioloso. As pálpebras se congestionam e a visão obnubila-se... Há casos, em que a gravidade da moléstia, adquire um caráter letal...”

O tratamento da moléstia da aroeira consistiria em sudoríficos, estimulantes internamente; externamente, em banhos mornos emolientes”.

16. ARRUDA

SINÔNIMOS — Arruda comum — Ruda (Esp.) — Ruta (It.) — Rue commune (Fr.) — Raute, Gartenraute ou Weinraute (Al.) Common rue (Ingl.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Ruta graveolens* LINNÉ — Da Família das **Rutáceas**.

FITOGRAFIA — *Ruta graveolens* LINNÉ — Flores verde-amareladas, com pétalas côncavas, onduladas e fracamente dentadas, dispostas em corimbos terminais; a primeira flôr que se abre tem 5 pétalas e 10 estames, enquanto que as que se seguem não ostentam mais que 4 pétalas e 8 estames. Folhas pinadas, com segmentos um pouco densos, glaucas e glabras, oblongas ou cuneiformes; a terminal é oboval (NICH. & MOTT. 4,589).

FITOGEOGRAFIA — Planta de 1 metro de altura; floresce de Novembro a Fevereiro. É nativa dos países mediterrâneos (França, Itália, etc.) Poucas hortas brasileiras se encontram onde não é cultivada. A credence popular diz ser contra o feitiço. Por causa desta pseudo-virtude é frequentemente plantada nos túmulos.

HERBÁRIO “BARBOSA RODRIGUES” — Sob o nr. 585 acha-se herborizado um exemplar de *Ruta graveolens* L. da Fam. das **Rutáceas**, denominado Arruda; foi colhido pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Planta florida (Farmacopeia Brasileira).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — óleo essencial, constituído por uma mistura de metilnonilcetona, álcool metilnonílico e seus éteres combinados aos ácidos acético e valerianico, salicilato de metila, cineol, limoneno, pineno, éter metílico do ácido metilntranílico, ácido salicílico livre, metilnolcarbinol, etc. — Rutina — Quercitina — Dulcete — Matérias resinosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Alcoólatos, infuso, decocto, extrato fluido, tintura, pó, xarope, pílulas, etc.

USOS TERAPEÚTICOS — **Anti-histérico**: fortifica os nervos e combate os incômodos histéricos. **Emenagogo**: A infusão é útil na falta ou suspensão da menstruação. **Antelmíntico**: para expelir os vermes toma-se o infuso, e nas crianças põe-se também, sobre a barriga delas, folhas de arruda, pisadas e misturadas com mel. **Oftálmicos**: o sumo deitado nos olhos, fortifica a vista e cura as hélidas. A tintura alcoólica é também usada para isto. **Abortivo**: provoca o aborto e con-

gestiona fortemente o útero podendo ocasionar hemorragias graves e funestas. **Hemostático:** goza de apreciável ação anti-hemorrágica, sendo por isto empregado nas dismenorreias e notadamente nas perdas menstruais exageradas, frequentes nas senhoras anêmicas. **Anti-tetânico:** combate o tétano e é também usada nas contusões, nos ossos quebrados ou deslocados e na queda do reto. **Tóxico:** em doses elevadas provoca violenta inflamação gastro intestinal, com vertigens, tremores, convulsões, etc. **Aperitivo:** os antigos Romanos a empregavam como tempêro, por ser aperitiva. **Adstringente:** em dose normal é usado com sucesso nas perturbações gastro-intestinais. É ainda bom sudorífico.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 1%: de 50 a 200 c. c. por dia — Pó: de 0,5 a 2 gramas por dia — Extrato fluido: de 0,5 a 2 gramas por dia — Extrato fluido: de 0,5 a 2 c. c. por dia — Tintura: de 2 a 10 c. c. por dia — Xarope: de 10 a 40 c. c. por dia — Essência: de 1 a VII gotas por dia.

17. ARUMBÉVA

SINÔNIMOS — *Palmatória* — *Cacto*. — *Urumbeva*.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Opuntia monacantha*, HAW — fam. das **Cactáceas**.

FITOGRAFIA — É uma planta dos lugares agrestes e sertões do Brasil, muito conhecida mesmo no Rio de Janeiro, pela configuração. É muito ramificada com os artículos obovais ou oblongos, carnosos, com areolas com 1 a 2 espinhos grandes e duros. Frutos amarelos e piriformes, flôres amarelo-esverdeadas, sendo as divisões inferiores avermelhadas. (MEIRA PENNA, 284).

FITOGRAFIA — O caule desta cactácea é composta de uma série de articulações achatadas e carnosas munidas de estrelas de espinhos cerdosos. É a estes artículos, que o vulgo chama de palmas (donde o nome *Palmatória*). O fruto é comestível. Habita fàrtamente nos nossos campos e litoral. A sua extensão geográfica é desde a Baía até o Rio G. do Sul — Habita o litoral catarinense de norte a sul.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 587 está registrado um exemplar de *Opuntia monacantha* HAW, da fam. das **Cactáceas**, denominado Arumbeva; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul; em Abril de 1943 e determinado por RAMBO.

PARTES USADAS — Suco do caule (vulg. palmas).

USOS TERAPÊUTICOS — **Sedativo:** são-lhe bem notórias estas qualidades. Também é usado para puchar, como diz o vulgo, qual-quer espinho, estrepe, etc., que tenha penetrado corpo.

OBSERVAÇÃO — Uma espécie de *Opuntia* havia conseguido dominar vastas regiões da Austrália. Como fosse um sério impecilho para a exploração do Eucalíto, que lá é nativo, os exploradores apelaram à ciência para exterminarem êsse cacto. Os cientistas introduziram naquelas terras as lagartas de uma borboleta, que consumiam a *Opuntia*, alimentando-se de seu caule. Dentro de poucos anos libertaram vastas superfícies desta indesejável cactácea. Eis uma vitória da ciência!

18. AVENCA

SINÔNIMOS — *Capilária* — *Adianto*.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Adiantum cuneatum* LANGS-DORF & FÉE e outras espécies afins da fam. das **Polypodiáceas**.

FITOGRAFIA — *Adiantum cuneatum*. LANGSDORF & FÉE — Folhas romboideas, 3-4 pinadas raquis castanhas, nús; folíolos peciolados, ereto-patentes; nervuras livres; sôros numerosos, arredondados, sitos nas sinuosidades dos segmento da margem exterior. (MARTIUS 1, 2, 367).

FITOGEOGRAFIA — É nativa em Sta. Catarina. Cresce nos barrancos e rochas húmidas. Já foi colhida por botânicos em Lages, S. Joaquim, Blumenau, Joinville; é comum em Biguaçu e Araranguá.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 3 está registrado um exemplar de *Adiantum cuneatum* L. & F. da fam. das **Polyodiáceas**, colhido pelo autor em Antônio Carlos, Biguaçu, S. Catarina, em 5-2-1941. Foi determinado pelo autor.

PARTES USADAS — Folhas. Também rizoma (Caminhoá).

USOS TERAPEÚTICOS — **Peitoral**: empregado nas afecções catarrais das vias respiratórias, tosses, bronquites, etc.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 5% de 50 a 200 c. c. por dia — Extrato fluido de 210 c. c. por dia. — Tintura de 10 a 50 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extratos fluidos, xaropes, etc.

19. BABOSA DO MATO

SINÔNIMO — Babosa de páu.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Philodendron Martianum* ENGL. — Família das **Aráceas**.

FITOGRAFIA — *Philodendron Martianum* ENGL. — Epífita muito ornamental, com curto rizoma cauliforme e folhas agrupadas em roseta, largo-lanceoladas, com limbo de 40-50 cm. ou mais de comprimento com nervura central saliente em ambas as faces e imersas apenas na extremidade. Pecíolos bastante entumecidos recordando bulbos de **Orquidáceas**. Inflorescências geralmente em número de duas nas axilas das folhas. Nativa no Jardim Botânico e cultivada nas estufas. Flores: Novembro até Janeiro (HOEHNE — O Jardim Botânico de S. Paulo, 269).

FITOGEOGRAFIA — O aspéto desta planta interessante imita a Orquidácea *Laelia purpurata*. Suas folhas são de 10 a 30 cm. de comprimento e trazem um pedúnculo transformado em bulbo. Estes são grossos e cheios de um suco claro e gomoso. A inflorescência é um bastão, típico nas **Aráceas**. É abundante em todos os matos tropicais de serra do Mar, a começar de Florianópolis até o centro do país.

HERBÁRIO "BAREOSA RODRIGUES" — Sob o número 558 acha-se herborizado um exemplar de *Philodendron Martianum* ENGL., da fam. das **Aráceas**, denominado vulgarmente Babosa do mato; foi colhido pelo autor em Itacorubí, Florianópolis, Sta. Catarina aos 22 de Fevereiro de 1943.

PARTES USADAS — O suco dos bulbos.

USOS TERAPEÚTICOS — **Tônico do cabelo**: O Dr. J. R. MONTEIRO DA SILVA, dono e chefe da "Flora Medecinal" do Rio de Janeiro, o maior propagandista da Babosa do mato, é que nos vai relatar as propriedades desta planta divina: "Cada planta contém uma média de cinco bulbos, que submetidos a uma prensa, deixam correr todo o suco, que é abundantíssimo.

A sua ação principal é tonificar a glândula pilosa, fazendo brotar o cabelo da calvície a mais antiga.

Logo que se tornarem conhecidas as excelentes qualidades do suco da Babosa do mato não haverá mais calvos sôbre a terra e as senhoras ostentarão a inais bela cabeleira. O seu uso diário refresca extraordinariamente a cabeça, torna o cabelo macio como seda, e o faz crescer rapidamente, susta imediatamente a sua queda e cura completamente a caspa.

É um prodígio da natureza em proporcionar um líquido natural de tantas virtudes no desenvolvimento dos pêlos.

Eu sou testemunha de sua ação curativa. Os meus cabelos caíam aos punhados e no alto frontal já rareavam os pêlos, processando-se uma calvície futura. Resolvi então a usar a Babosa do mato, de cuja fama já ouvia falar muito tempo e a todos que indicava tiravam o seu proveito.

No terceira dia cessava a queda dos cabelos e a calvície incipiente fôra prevenida com vantagem.

Um amigo de nacionalidade inglesa tinha uma alopecia no alto da cabeça, que ameaçava invadir todo o crânio. Ao meu conselho começou a empregar o *Philodendron Martianum* ENGL. No quarto dia veio tão risonho e contente mostrar o seu pedaço de caréca já com filamentos pilosos que brotavam com viço. O meu amigo andava com os bolsos cheios de bulbos, que empregava um por dia, cortando ao meio e passando na cabeça até ficar molhada, passando em seguida o pent fino para tirar o excesso de suco e fragmentos. E deste modo é usado no interior onde há facilidade, de se obter sempre fresco. Pela sua abundância e facilidade de cultura (o mesmo que das orquídeas) e ser prestimosa, mesmo como planta ornamental, seria de vantagem o seu plantio nas chácaras e jardins. Todos os dias corta-se um bulgo, passa-se na cabeça e na barba no momento da "toilette" e tem-se o verdadeiro tônico piloso, de um efeito admiravel, preparado pela própria natureza, sem os ingredientes falazes dos reclames das panaceas, que aos milheiros são oferecidos á pobre humanidade, que gasta seu rico dinheiro sem nenhum resultado".

20. BANA DO MATO

SINÔNIMOS — Gravatá — Gravatá do mato — Caraguatá — Caravatá — Cragoatá.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Bromelia antiacantha* BERTOL. — Família das Bromeliáceas.

FITOGRAFIA — Planta terrestre; folhas divergentes, radicais, coreáceas, retinérvias, de bordas espinescentes, tendo os espinhos inferiores virados para baixo, os superiores virados para cima; inflorescência de cacho alongado, paniculado; o fruto é uma baga pilosa quando verde; quando madura dum amarelo bastante variado (MARTIUS 3, 3, 193).

FITOGEOGRAFIA — Habita esta bromeliácea os lugares brejosos, formando sociedades, sendo por isto aproveitada para cercas naturais impenetráveis. É comu mdesde o Rio de Janeiro e Minas até o R. G. do Sul. Forma impenetráveis colônias nos bosques dos campos litorâneos de Sombrio.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 829 es-

tá registrado um exemplar de **Bromelia antiacantha** BERTOL., da Fam. das Bromeliáceas, denominado Banana do Mato; foi colhido pelo autor em Sanga do Engenho, Cresciuma, Sta. Catarina, em 30 de Novembro de 1943 e determinado por LYMAN B. SMITH, da Harvard University, U. S. A.

PARTES USADAS — Sementes; polpa do fruto.

USOS TERAPÊUTICOS — **Emoliente** e **béquico**: no campo gaúcho cozinham os frutos e chupam-lhe o suco, preconizando-lhe as qualidades referidas. O mesmo fazem os índios Bororós. Cozidas, dizem estes, não picam tanto na garganta. As sementes são **mucilaginosas**. **Antelmíntico**: é tido como tal e usado contra a opilação em geral. **Vulnérário**: o sumo tem o efeito de atacar e destruir os tecidos decompostos, deixando a chaga completamente limpa; pelo que é receitado contra as aftas e todas as afecções da mucosa.

21. BARBA DE VELHO

SINÔNIMOS — Barba de pau — Samambaia (Ceará) — Barba de Viejo (Argentina).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — **Tillandsia usneoides** LINNÉ — Família das Bromeliáceas.

FITOGRAFIA — Caule de bastantes metros de comprimento, pêndulo, filiforme, cinzento e revestido de pêlos brancos; folhas lineáres, numerosas; flores amarelas axilares, solitárias, muito pequenas (PIO CORREIA, 1, 265).

FITOGEOGRAFIA — Esta epífita cobre, em grandes massas, as árvores de nossas matas e poteiros. As figueiras isoladas habitadas por estes cipós baloiçantes lembram as barbas encanecidas dum monge. É comum em todos as partes do país, menos na Amazonia. Fervida e batida fornece a tão apreciada "crina vegetal".

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o n. 907 está registrado um exemplar de **Tillandsia usneoides** LINNÉ, da Fam. das Bromeliáceas, denominado Barba de Velho; foi colhido pelo autor em Meleiro, Araranguá, S. Catarina, em 13 de Outubro de 1943 e determinado por LYMAN B. SMITH, Harvard University, em U. S. A.

PARTES USADAS — Toda a planta.

USOS TERAPÊUTICOS — **Adstringente**: pela contusão dos filamentos se obtêm um suco adstringente. **Anti-hemorroidal**: incorporando este suco a uma matéria graxosa, por exemplo, manteiga de cacáu, ou banha, e usado em supositórios em casos de hemorroides. A mesma planta pisada e misturada com banha, serve para a preparação de um unguento contra hemorroides. **Colagogo**: o decocto é eficaz nos engorgitamentos do fígado e no combate às hérnias.

22. BELDROEGA

SINÔNIMOS — Salada de negro — Caaponga — Ora-pro-nobis — Porcelana, Sportellachia (It.) — Porecellane, Pourpier (Fr.) — Burzelkraut (Al.) — Purselane (Ingl.) — Verdolaga (Esp.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — **Portulaca oleracea**, LINNÉ — Família das Portulacáceas.

FITOGRAFIA — Herva prostrada de caules avermelhados e folhas sésseis, obovadas, as inferiores opostas e as superiores alternas,

pequenas, planas, glabras, às vezes com as margens avermelhadas; flores pequenas, axilares ou terminais, amarelas ou alaranjadas e com sépalas desiguais; fruto cápsula obovoide, polispérmica, contendo numerosas sementes pretas, estriadas e granuladas. (PIO CORREIA 1,293).

FITOGEOGRAFIA — Esta planta, entre nós, é uma das cruzeiras dos lavradores, porque infesta as plantações. Apelidam-na erroneamente Carurú, por crescer entre os Carurús. É comum em todo o Brasil.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 562 está registrado um exemplar de *Portulaca* sp., da Fam. das Portulacáceas, denominado Beldroega; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul, em 1942 e determinado por P. B. RAMBO.

PARTES USADAS — Folhas, caule e sementes.

USOS TERAPÊUTICOS — a) Caules e folhas:

São comestíveis, mucilaginosos, diuréticos e vermífugos. Em outros tempos foram muito empregados no combate às doenças do fígado, catarro da bexiga, hemoptises e cólicas nefríticas. **Vulnerário**: curam as queimaduras e úlceras de todo o gênero.

b) Sementes:

Vermífugo: as sementes, que são minúsculas combatem vermes intestinais.

23. BEM CASADO

SINÔNIMOS — Trombeteira rocha — Saia rocha — *Datura d'Egypte*, *Datura fastuosa* (Fr.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Datura fastuosa* L. — Família das Solanáceas.

FITOGRAFIA — Flores branco-cremadas no interior, violáceas no exterior; eretas, curtamente pedunculadas, muito odorantes; corola longamente tubulada, de 12 a 15 cm. de comprimento, com limbo desdobrado, com cinco lóbulos agudos. Frutos tuberculosos. Folhas ovalo-agudas inequalmente sinuado-dentadas, de odor desagradável logo que se as machuque, penugentas tal como os ramos. Caule ereto, mais ou menos ramoso. É arbusto de caule ereto, de 2 a 3 m. de altura, com casca, com menos ramosa, como se fosse envernizada, quando nova, e parda clara quando velha.

FITOGEOGRAFIA — Planta anual, de 60 cm. a 1 m., natural das Índias Orientais, mas hoje espalhada por todo o mundo. É popularmente conhecida em nossas hortas.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 556 está herborizado um exemplar de *Datura fastuosa* L., da fam. das Solanáceas, denominado Bem casado; foi colhido pelo autor em Laranjeira, Laguna, S. Catarina e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Sumidades floridas e folhas dessecadas.

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Atropina (traços), hiosciamina e a escopolamina, sendo essa a principal (Farm. M. F. GIFFONI).

USOS TERAPÊUTICOS — **Anti-asmático**: é muito popular o emprego da Bem casado em charutos, no combate a asma. Os asmáticos

tomam folhas ou sumidades floridas secas e fumam-nas em forma de charutos, sorvendo a fumaça para o pulmão.

OBSERVAÇÃO — As flores mais coradas apresentam maior porcentagem alcaloídica. Isto se deve à maior ou menor exposição aos raios solares. Quanto mais sol receberem, mais coradas ficarão. O mesmo vale das folhas, que são mais ativas quando colhidas na primavera ou no verão.

Convém anotar um incidente no uso da Trombeta rocha. Não raras vezes algumas pessoas, ignorando o uso desta planta venenosa, prepararam com ela um chá e se envenenaram.

24. CABREUVA

SINÔNIMO — Cabreuva vermelha.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Myrocarpus frondosus* FR. ALLEM — Família das Leguminosas, Papilionadas.

FITOGRAFIA — *Myrocarpus frondosus* FR. ALLEMÃO — Árvore alta das matas virgens; córtice gretado, esbranquiçado; folhas compostas, alternas, ímpares; folíolos grandes, na página inferior, 5-9, ovais; flores verdes, dispostas em racimos. Vagens alongadas, achatadas; legumes alados, monospermós (D'AVILA 78).

FITOGEOGRAFIA — É nativo da Bahia até o Rio Grande do Sul. Na mata virgem é facilmente reconhecível pela sua casca gretada, esbranquiçada, donde mana uma resina semifluida e aromática. Floresce em Fevereiro. Habita todas as matas da zona serra-a-baixo do estado catarinense. Pessoalmente a observei nos Municípios de Itajaí, Biguaçu e Araranguá.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 538 está herborizado um exemplar de *Myrocarpus frondosus* FR. ALLEMÃO, da fam. das Leguminosas, Papilionadas, denominado Cabreuva vermelha; foi colhido pelo autor em Sombrio, Araranguá, S. Catarina, aos 5 de Janeiro de 1943 e determinado pelo PADRE BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Resina, seiva, serragem e casca.

USOS TERAPÊUTICOS — **Peitoral:** sob a forma de xarope ou de tintura são usadas como peitoral, tanto a resina como a seiva. **Anti-reumático:** popularmente é usado como tal. **Vulnerário:** a tintura feita com a própria serragem da madeira é usada externamente nos casos de feridas, etc.

A resina é ótimo sucedâneo do *Myroxylon peruiferum* L., e é empregado como êste no combate às bronquites crônicas e agudas, asma, cistites, blenorragias, uretrites, etc.

25. CAFEZEIRO DO MATO

SINÔNIMOS — Chá de bugre — Herva de bugre — Guassatunga — Guassatonga — Vassatunga — Uassatonga — Herva da pontada — Caroba — Apia-açanoçu — Língua de tiú — Língua de lagarto — Petumba — Pioia — Fruta de saíra — Café do diabo.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Casearia sylvestris* SWARTZ — Família das Flacourtiáceas.

FITOGRAFIA — *Casearia sylvestris* SWARTZ: Ramos novos e nervuras das folhas novas ferrugíneo-pubérulas, os adultos gla-

bro; folhas oblongo ou elíptico-lanceoladas, muitas vezes estreito-acuminadas; umbelas axilares sésseis; cápsula ovoídeo-globosa, glabra; sementes 2-6 (MARTIUS 13, 1, 481).

FITOGRAFIA — Habita os territórios desde a Bahia até o Rio Grande do Sul (PIO CORREIA). É árvore assás comum em S. Catarina, onde é conhecida pelo nome Cafezeiro do mato. No extremo sul do Estado já predomina o nome gaúcho de Chá de Bugre. Vegeta nas matas, capoeiras e capões, onde se veste de branco e se cobre de perfume no tempo da floração.

HERBÁRIO "BAREOSA RODRIGUES" — Sob o n. 496 está registrado um exemplar de *Cascaria sylvestria* SWARTZ, da fam. das Flacourtiáceas, denominado Cafezeiro do mato; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo R. G. do Sul, em Setembro de 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO.

PARTES USADAS — Folha (Farmacopeia Brasileira).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Tanino — Glucose — Um princípio amargo — Matérias resinosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, tintura, elixir, vinho, xarope, etc.

USOS TERAPEÚTICOS — **Depurativo**: tanto o povo, como as farmácias tem usado, desde muitos decênios, estas plantas como depurativo, nas doenças cutâneas, como nas manifestações sifilíticas, eczemas, sarnas, úlceras, etc. **Anti-reumático**: é útil no combate ao reumatismo. **Febrífugo**: é empregado no debelamento das febres inespecificadas. **Vulnerário**: externamente o decocto é usado como vulnerário no tratamento das afecções da pele, feridas, etc. **Anti-artrítico**: os que sofrem de inflamação nas juntas encontram no Chá de bugre um ótimo medicamento; acalma os seus sofrimentos e extingue as erupções consequentes do mal; debela os edemas das pernas, muito comuns nesta moléstia, e combate as causas desta moléstia. **Cardiotônico**: os cardíacos, como os artrítico-cardíacos tem nele um medicamento de incontestável valor. **Anti-obésico**: aproveita na redução das pessoas obesas e bem nutridas sendo remédio especial porque trás a vantagem de lhes tonificar o coração e regularizar a função dos rins. **Diurético**: sua ação é fortemente diurética.

MODO DE USAR — Infuso ou decocto a 5%: de 50 a 200 c. c. por dia; externamente, ad libitum — Extrato flúido: de 2 a 10 c. c. por dia — Tintura: de 10 a 50 c. c. por dia — Elixir: de 20 a 100 c. c. por dia — Vinho: de 20 a 100 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

26. CAPIM DE CHEIRO

SINÔNIMOS — Jaçapé — Capim de cheiro.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Kyllingia odorata* VAHL. Família das Cyperáceas.

FITOGRAFIA — Planta de 5 a 20 cm. de altura; raiz horizontal; folhas mais curtas que o colmo triquetro, carinadas, um tanto rijas; capítulos sub-ternos; espiguihas diandras; escamas mucronadas, um tanto glabras (MARTIUS 2, 1, 12).

FITOGEOGRAFIA — As espigas brancas do Jaçapé acusam notoriamente a sua existência nos nossos poteiros e nos campos sub-arbustivos. Prefere os campos húmidos.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 434 está registrado um exemplar de *Kyllingia odorata* VAHL, da Família das Cyperáceas, denominado Capim de cheiro; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul, em Abril de 1942 e determinado pelo P. B. RAMBO.

USOS TERAPÊUTICOS — **Estomáquico**: usado em certos embaços gástricos. **Sedativo**: o infuso das folhas, ou dos rizomas, é empregado como substituto da Herva cidreira (*Melissa officinalis* L.); é pois útil nas crises nervosas, nos espasmos, nas tosse espasmódicas e no histerismo.

Do Jacapê pode-se extrair uma essência muito aromática, o que constitui uma das plantas úteis do nosso País. Seus rizomas contêm princípios acres, resinosos e amargos.

27. CAPUCHINHA

SINÔNIMOS — Chagas de flores grandes — Chagas — Capuchinha de flores grandes — Cinco chagas — Coleária dos jardins — Flor de sangue — Mastruço do Perú — Kapuzinerkresse, Blumenkresse (Al.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Tropaeolum majus* LINNÉ — Fam. das **Tropeoláceas**.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 506 está registrado um exemplar de *Tropaeolum majus* LINNÉ, da fam. das **Tropeoláceas**, denominado Capuchinha; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul, em Agosto de 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO.

FITOGEOGRAFIA — É nativa e originária dos campos altos e pedregosos do Perú. Está muito propagada nos nossos jardins e hortas. Seus frutos comem-se em conservas e suas flores conferem um gosto todo especial à salada. Graças a variabilidade do colorido das flores pode ser considerado um planta trepadeira ornamental.

FITOGRAFIA — Caule glabro, trepador só em casos anormais; raízes nascem em grande número do lado inferior das hastes simosas, rasteiras e deitadas no solo húmido; folhas longo-pecioladas e peltadas; flores grandes e vistosas, zigomórias, protândricas, de 5 sépalos e 5 pétalos, que formam um capucho inclinado, abrigando 8 estames e 9 pistilos; o fruto é uma baga verde e tripartida (DECKER).

PARTES USADAS — Flores e renovos.

USOS TERAPÊUTICOS — **Anti-escorbútico**: suas flores e renovos são preconizados como tal.

28. CARQUEJA AMARGA

SINÔNIMOS — carqueja amargosa — Bácaris.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Baccharis genistelloides* PER. SOON — Família das Compostas.

FITOGRAFIA — Sub-arbustiva, muito ramosa, ramos tri-alados; asas muito largas, planas, cartáceas, interruptas; folhas quase nulas; capítulos dispostos em espigas alongadas, interruptas; brácteas do involúcro campanulado agudas; papus avermelhado (MARTIUS 6, 3, 40).

FITOGEOGRAFIA — É comuníssimo em toda a parte no R. G.

do Sul, principalmente nos campos. Provavelmente se estende por todo o país. PIO CORREA, nomeando algumas espécies, diz: "Conforme a espécie se estende por todo o Brasil".

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o n. 520 está registrado um exemplar de *Baccharis genistelloides* PERS., da Fam. das Compostas, denominado Carqueja amargosa; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul em Abril de 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO.

PARTES USADAS — Planta florida (Farmacopeia Brasileira).

CONSTITUINTES QUÍMICOS — Um princípio amargo, a "carquejina" — Óleo essencial — Matérias resinosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, tinturas, elixir, vinho, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Estomacal:** é eficiente na digestão e diarreia substituindo perfeitamente a losna nas debilidades intestinais, anemia, e nas grandes perdas de sangue. **Aperitivo:** desperta o apetite, exercendo ação benéfica sobre o fígado e intestinos. É usado como **sudorífico** nas febres ligeiras. É um sucedâneo do lúpulo na fabricação da cerveja.

"**Tisana peitoral** para aliviar a tosse, e curar, em poucos dias, o catarro brônquico: — Carqueja, fedegoso e folhas de laranjeira, de cada um 10 gramas; água fervendo, meio litro. Infundir por meia hora, coar e ajuntar 10 grs. de sal. Toma-se às chécaras, quente". F. V. LORENZ).

Os autores, como MARTIUS, HOEHNE, PIO CORREA e CAMINHOA dão empregos idênticos na terapêutica ao gênero *Baccharis* em geral.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 2,5%: de 50 a 200 c. c. por dia — Tintura: de 5 a 25 c. c. por dia — Extrato flúido: de 1 a 5 c. c. por dia — Elixir: de 20 a 100 c. c. por dia — Vinho: de 20 a 100 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

29. CARURÚ BRABO

SINÔNIMO — Carurú — Carurú de cacho — Herva de cachos — Tinge ovos — Marando (Timbé, Araranguá).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Phytolacca decandra* L. — Família das *Phytolaccáceas*.

FITOGRAFIA — *Phytolacca decandra* L. — Caule sulcado; folhas pecioladas, ovado-lanceoladas, agudas, glabérrimas; racimos curtos de poucas flores (MARTIUS 14, 2, 343).

FITOGEOGRAFIA — No Rio Grande do Sul e em S. Catarina é muito frequente.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 517 está herborizado um exemplar de *Phytolacca decandra* L., da fam. das *Phytolaccáceas*, denominado Carurú brabo ou de cacho; foi colhido pelo autor em Sombrio, Araranguá, S. Catarina, aos 3 de Janeiro de 1943 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Folhas, frutos e raízes.

CONSTITUINTES QUÍMICOS *Phytolacina*, saponina, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Vulnerário:** as folhas são empregadas, em forma de cataplasmas, em certas úlceras malignas. **Purgativo:** as bagas negras e as raízes, quando verdes, são purgativas.

Tôda a planta, quando nova, é comestível a modo de espinafre. Afirram veterinários dos EE. UU. da América do Norte e do Canadá, que o Carurú de cacho é tóxico para o gado, devido a fitolacotoxina. A carne dos pombos, que comeram as baguinhas dêste carurú, provoca sérias desinterias a quem a come.

A seiva das frutinhas parece inócua, pois usam tingir com ela ovos, massas alimentícias, bem como balas e licores.

Deve-se recomendar às crianças, que comem estas frutinhas, deixar fora, intactos, as sementes.

30. CARVALHO

SINÔNIMOS — Carvalho europeu — Chêne (Fr.) — Stieleiche, Sommereiche (Al.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Quercus pedunculata* EHRL. — Família das Fagáceas.

FITOGRAFIA — *Quercus pedunculata* EHRL. — Folhas brevemente pecioladas, aladas na base, amentos soltos, longamente peciolados (ENGLER 3, 1, 47).

FITOGRAFIA — É natural da Europa (Alemanha, França, etc.). Em Santa Catarina prospera ótamente.

HERBÁRIO "BAREOSA RODRIGUES" — Sob o número 508 está herborizado um exemplar de *Quercus pedunculata* EHRL., da fam. das Fagáceas, denominado Carvalho; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul, em Setembro de 1912 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Casca, receptáculo dos frutos e bolotas.

USOS TERAPÊUTICOS — Tanto a casca, como o receptáculo de frutos e as bolotas são vendidas como medecinais nos hervanários. Trata-se também de outras espécies como *Q. sessiliflora*, etc.

31. CASCA D'ANTA

SINÔNIMOS — Paratudo — Melambo (Nova Granada) — Caporoca — Cataia — Acataia — Árvore bela — Casca de Winter — Winter (Esp.) — Canelle de Magelan ou Winter (Fr.) — Winter's Zimmt, Winterrinde (Al.) — Winter's bark tree (Ing.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Drimys Winteri* MARTIUS, Var. *granatensis* EICHLER. Família das Magnoliáceas.

FITOGRAFIA — Flôr de côr branco de leite, de 2.50 cm. ou mais de diâmetro, com odor de jasmim; pétalas 8 a 12; pedúnculos quasi simples, agregados, divididos em pedicelos alongados. Folhas oblongas, obtusas, glaucas sobre a face inferior (NICHOLSON & MOTTET, 2, 243).

FITOGEOGRAFIA — Árvore de 8 m. de altura. O gênero *Drimys* é nativo na América do Sul, Austrália e Bornéo. No sul do nosso Estado observa-se a Casca d'Anta tanto no alto da serra, como em baixo. No Norte (Itajaí) vegeta a *Drimys brasiliensis* MIERS.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 543 está registrado um exemplar de *Drimys Winteri* MARTIUS, da fam. das Magnoliáceas, denominado Casca d'Anta; foi colhido pelo autor em Sombrio, S. Catarina, aos 4 de Janeiro de 1943 e determinado pelo P. B. RAMBO.

PARTES USADAS — Casca do caule (Farmacopeia Brasileira).
CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Drimina — Óleo essencial — Tanino — Matérias resinosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, pó, tintura, elixir, vinho, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Estomáquico:** Com proveito é usado como estimulantes tomacal nas dispepsias atônicas, escorbuto, paralisia e fraqueza do estômago, flatulência, fastio, vômitos rebeldes, evacuações sanguíneas e nas indigestões. ST. HILAIRE elogia os efeitos desta planta e concita os brasileiros a usá-la nos casos acima citados. O nome da planta proveio do facto de os índios terem observado que a anta procurava coçar-se nesta planta e comer a casca quando sentia males de estômago. É um exemplo, entre muitos de como a observação humana chega a conhecer e introduzir novos medicamentos vegetais no ról dos remédios naturais. **Febrifugo:** no combate às febres intermitentes. O povo a emprega com resultado onde a medicina oficial falha, dizendo ser ela "para tudo". Na verdade, usada fresca, com critério, resolve muitos casos por ser extremamente tonificante do organismo, que por si assim pode reagir.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 5%: de 50 a 250 c. c. por dia — Pó: de 2 a 12 grms. por dia — Extrato flúido: de 2 a 12 c. c. por dia — Tintura: de 10 a 60 c. c. por dia — Elixir: de 40 a 120 c. c. por dia — Vinho: de 40 a 120 c. c. por dia — Xarope: de 40 a 120 c. c. por dia.

32. CEBOLA

SINÔNIMOS — Oignon (Fr.) — Zwiebel (Al.) — Onion (Ingl.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Allium cepa* LINNÉ. Família das Liliáceas.

FITOGRAFIA — Flores brancas, esverdeadas ou purpurinas, em grossa umbela rodeada duma espata mais curta que ela; haste grossa, ventrada no meio, fistulôsammente foleada na parte inferior, de 1 m. e mais de altura. Folhas cilíndricas, entumescidas no meio, fistulosas, mais curtas que a haste. Bulbos de forma muito variavel (NICHOLSON & MOTTET 1, 104).

FITOGEOGRAFIA — Pátria desconhecida. Em muitos lugares é subespontânea.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 535 está registrado um exemplar de *Allium cepa* LINNÉ, da Fam. das Liliáceas, denominado cebola; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul, em 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO.

USOS TERAPÊUTICOS — **Maturativo:** amadurece os tumores quando cortada e posta sobre eles. **Digestivo:** comida crúa, ajuda a digestão. **Béquico:** assada e comida com açúcar, é de proveito na tosse e nas inflamações da garganta. **Diurético:** cozida, desenvolve a urina.

Para curar defluxos: cozem-se três cebolas descascadas em uma chícara de leite, tiram-se depois e toma-se êsse leite, açucarado, ao deitar. **Vulnerário:** com o cozimento de cebolas, lavam-se tumores e feridas em putrefação. Untadas com sumo de cebolas, as verrugas caem. **Anti-hidrópico:** as cebolas picadas e misturadas com leite frio são aconselhadas como alimento exclusivo no tratamento da hidropisia. **Sedativo:** friccionando-se uma contusão com sumo de cebola, a

dôr passa. **Para cura de panarício:** para curar o panarício em três dias, cozinha-se uma cebola branca, que se parte em duas metades e coloca-se quente sôbre a parte doente, duas vezes por dia.

33. CEDRO

SINÔNIMOS — Cedro branco — Cedro del Brasil (Paraguai) — Cèdre (Fr.) — Zedertanne (por causa da qualidade de madeira), Zedernholz (AL.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Cedrella fissilis* VELLOSO. Família das **Meliáceas**. Var. *australis* ST. HIL. é o cedro branco e Var. *rubra* DUTRA é o Cedro vermelho.

FITOGRAFIA — *Cedrella fissilis* VELLOSO: folhas alongadas, pecioladas, abrupto-pinadas, 9-12 jugas; folíolos opostos subsésseis, lanceolado-oblongos, aguçados na ponta, na base obtusos e agudos, na página superior glabros, na inferior velutino-pubescentes; panículas terminais, superando pela metade as folhas, velutino-ásperas; flores brevíssimamente pediceladas; cálice 5-dentado, pubescente por fora; pétalos revurvados, flavescente-tomentosas; ginóforo e ovário glabros; cápsula ovado-oblonga. (MARTIUS, 11, 1, 224).

FITOGEOGRAFIA — Árvore dos trópicos. Vegeta em todo o país. É uma das madeiras mais apreciadas. É docil ao cepilho. É um dos colossos de nossas matas tropicais. No R. G. do Sul em 1900 foi abatido um exemplar que deveria ser conservado carinhosamente: tinha mais de 7 metros de circunferência e produziu 414 táboas.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 503 está registrado um exemplar de *Cedrella fissilis* VELLOSO, da família das **Meliáceas**, denominado Cedro; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul, em 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO.

PARTES USADAS — Casca e lenho.

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Óleo essencial — Um princípio amargo — Matérias resinosas, mucilaginosas, tânicas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, tintura, elixir, vinho, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Adstringente, estomacal:** ótimo tônico estomacal, nas inapetências, sendo também usado nas desinterias e diarreias. **Anti-térmico:** empregado nas febres epidêmicas e inespecificadas. **Vulnerário:** externamente o decocto é usado para lavagens de úlceras.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 5%: de 50 a 200 c. c. por dia; externamente, ad libitum — Extrato flúido: de 2 a 10 c. c. — Tintura: de 10 a 50 c. c. por dia — Elixir: de 20 a 100 c. c. por dia — Vinho: de 20 a 10 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

34. CHICÓRIA

SINÔNIMOS — Chicória selvagem — Almeirão — Chicória (Esp.) — Cicória iradice (It.) — Chicorée (Fr.) — Cichorienwurzel (AL.) — Wild succory (Ingl.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Chicorium intybus* LINNÉ. Da Fam. das **Compostas**.

FITOGRAFIA — *Chicorium intybus* LINNÉ: Capítulos de azul

vivo, axilares, sésseis, de 2,50 cm. de diâmetro, geminadas ou reunidos em três sôbre os ramos da panícula. Folhas inferiores oblanceoladas, espinhento-pinatífidas ou dentadas, sendo as superiores lanceoladas, meio amplexicaules, inteiras ou largamente denteadas, todas mais ou menos ciliado-glandulosas (NICHOLSON & MOTTET, 1, 168).

FITOGEOGRAFIA — Na Europa cultivam duas folhas selecionadas de chicórea, que produzem raízes napiformes de 500 grs. de peso, que cortadas em fatias são secadas, torradas e moidas, para produzir um pó sucedâneo do nosso café. Existem diversas formas, crespas ou não, próprias para fornecerem saladas, que é bastante amarga. Em Sta. Catarina cultiva-se muito o Almeirão.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 802 acha-se registrado um exemplar de *Chicorium intybus* LINNÉ, da Família das **Compostas**, denominado Chicória ou Almeirão, colhido pelo autor em Dezembro de 1941, no Turvo, Araranguá, Sta. Catarina.

PARTES USADAS — Filha e raiz (Farmacopeia Brasileira).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Chicorina (glucoside) — Óleo essencial (traços) — Insulina — Tanino — Matérias mucilaginosas, resinosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato, extrato flúido, tintura, elixir, vinho, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Estomacal e depurativo:** empregado nos embaraços gástricos e biliares (icterícia), e nas moléstias da pele, produzindo efeito diurético e laxativo. **Anti-febril:** como tal o seu emprego é mais raro. Calmante: é ainda aproveitável para combater o mal estar provocado por um sonho assustador e em qualquer ataque de nervos.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 5%: de 50 a 200 c. c. por dia — Extrato: de 0,50 a 2 grms. por dia — Extrato flúido: de 2 a 10 c. c. por dia — Tintura: de 10 a 50 c. c. por dia — Elixir: de 20 a 100 c. c. por dia — Vinho: de 20 a 100 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

35. C I D R Ó

SINÔNIMOS — Herva cidreira — Herva santa.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Lippia lycioides* STEUD — Família das **Verbenáceas**.

FITOGRAFIA — Ramos braquiados, sub-tetrágonos; folhas opostas, elíptico ou lanceolado-oblongas, obtusas, reflexas na margem, inteiras ou desde o meio largamente serradas, uninérvias; racimos axilares, solitários; cálice campanulado, 5 — costado (MARTIUS 9, 222).

FITOGEOGRAFIA — É natural do Rio Grande do Sul e de Sta. Catarina.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 537 está herborizado um exemplar de *Lippia lycioides* STEUD, da fam. das **Verbenáceas**, denominado vulgarmente Cidrô; foi colhido pelo autor em Antônio Carlos, Biguaçu, Sta. Catarina, em Janeiro de 1943 e determinado pelo Pe. BALDUINO RAMBO, S. J.

PARTES USADAS — Folhas.

USOS TERAPÊUTICOS — Escitante. Aromático.

36. CIPÓ MIL HOMENS

SINÔNIMOS — Mil-homens — Cassaú — Jarro — Jarrinha — Papo de peru — Papo de galo — Capa homem — Cipó mata cobras — Angelicó — Cassaú — Aristoloquia (Esp.) — Aristoloché (Fr.) — Hohlwurzel (Al.) — Bitwörth (Ingl.).—

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Aristolochia triangularis* CHAM. et SCHL. — Família das *Aristolochiaceas*.

FITOGRAFIA — *Aristolochia triangularis* CHAM. et SCHL. Tre-padeira perene; caule glabro; folhas sub-coreáceas, deltoidé-triangu-lares, sub-cordadas na base; flores glabras, lívido-purpúreas; o tubo do perianto é ventricoso na base, provido na parte superior de um grande lábio. (MARTIUS 4, 2, 104).

FITOGEOGRAFIA — Encontra-se em Sta. Catarina e no Rio Grande do Sul. Para o centro e norte do Brasil existem outras es-pécies como a *A. brasiliensis* M. et ZUCC., *A. Burchelli* MASTERS, *A. Chamissonis* Duch., etc., que possuem as mesmas propriedades te-rapêuticas. Os nomes Papo de peru e Jarrinha provêm da semelhança de suas flores com estas coisas.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 511 está re-gistrado um exemplar de *Aristolochia triangularis* CHAM. et SCHL., da família das *Aristolochiaceas*, denominados Cipó Mil-homens; foi cilhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul em 17.9.1942 e deter-minado pelo P. BALDUINO RAMBO.

PARTES USADAS — Caule e raiz (Farm. brasil.).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Óleo essencial (traços) — Ácidos aristolóchico ou aristolino, aristidínico, aristinico — Aristoloquina — Tanino — Matérias resinosas, etc. Segundo Dr. PECKOLT: Cimbiferina (princípio amargo) — Cassaunina crist. — Ácido cimbífero — Óleo essencial — Resina, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, pó, tintura, elixir, vinho, xarope, pílulas, cápsulas, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Sedativo**; **anti-histérico**, **anti-espasmódico**: exerce efeito sedativo nos ataques de histeria, convulsões, epi-lepsia, etc. **Emenagogo**: usado na amenorreia, na atonia uterina, pro-vocando o aparecimento das regras. **Estimulante**: aumenta o apetite e debela a sensação desagradável do formigamento do corpo, braços adormecidos e friciras. **Diurético**: além de **diurético** empregam-no ain-da nas hidropisias e cistites. **Anti-febriil**: tem igualmente papel no ata-que às febres palustres com vantagem de não atacar o estômago nem o fígado, e, antes beneficiar estes órgãos, atuando como poderoso tô-nico e calmante. **Anti-oftídico**: o suco obtido pela maceração do cipó na aguardente é usado no tratamento do veneno oftídico (veja obser-vação). Aplicado externamente desfaz as afecções cutâneas, o pruri-do do eczema sêco e as manifestações ulcerosas; em banhos de tron-co debela a orquite, etc. É ainda **anestésico** e **abortivo**.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 2, 5%: de 50 a 200 c. c. por dia; externamente a 5% ad libitum — Pó: de 1 a 5 grms. por dia — Extrato: de 0,20 a 1 gr. por dia — Elixir: de 20 a 100 c. c. por dia — Tintura: de 5 a 25 c. c. por dia — Elixir: de 20 a c. c. por dia — Vinho: de 20 a 100 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

OBSERVAÇÃO — O nome Cipó mil-homens, segundo o historia-dor e naturalista P. C. TESCHAUER, S. J. provêm de uma ocorrência

que tivera um curandeiro brasileiro. Expondo a energia que tem esta planta como contra-veneno da mordedura da jararaca, disse que tinha curado, por meio dela, mais de mil homens. Segundo o mesmo autor, para conseguirem os índios a preservação da mordedura offídica, trazem junto ao corpo um pedaço deste cipó. Afirma-se ainda, que enrolando ao redor do pescoço do animal alguns ramos de Cipó mil-homens, as cobras fogem, repelidas talvez pelo aroma da planta.

37. CIPÓ SUMA

SINÔNIMOS — Suma — Cipó sumá — Cipó sumã — Pereiguar — Pereiuar — Piraguara — Periguara — Piriguaia — Piraguaia.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Anchietea salutaris* ST. HILAI-RE — Família das **Violáceas**.

FITOGRAFIA — Planta trepadeira; raízes grossas; folhas alternas, estipuladas, ovais dentadas nas bordas; flores perfumadas, axilares, verdes, com uma pétala em forma de esporão. (MARTIUS, 13, 1, 33, 53).

NOTA FITOGRÁFICA — Muito comum nas roças e capoeiras. PIO CORREA o dá como espontâneo em Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas. Abunda igualmente em S. Catarina (Sombrio — Araranguá) e no R. G. do Sul. Floresce na primavera.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 547 está registrado um exemplar de *Anchietea salutaris* ST. HIL., da Família das **Violáceas**, denominado Cipó suma; foi colhido pelo autor em Sombrio, Araranguá, S. Catarina, aos 24 de Abril de 1943 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO.

PARTE USADA — Raiz (Farmacopeia Brasileira).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Anchietina (glucoside) — Amido — Matérias resinosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, tintura, elixir, vinho, xarope, pílulas, etc.

USOS TERAPEÚTICOS — **Siólogo**: o seu uso provoca abundante saliva, sendo bem tolerado pela mucosa estomacal, qualidade que permite uso prolongado, pois seus efeitos são lentos, mas seguros. **Depurativo; anti-dartroso**: é o depurativo vegetal mais enérgico e conhecido para combater as moléstias da pele. HOEHNE afirma ser melhor usar o caule como depurativo. Mas a raiz também o é. É usado nas manifestações sifilíticas secundárias; igualmente nos casos de afecções cutâneas, eczemas, furúnculos e empingem. Atua bem sobre as mucosas, combatendo as irritações, sendo usado nas faringites, coriza, conjuntivites, coqueluche, tosses, etc. **Purgativo**: o suco da raiz, em fresco, é um bom purgante, para o que basta tomar uma colher de sopa em jejum. Usam-no também em alta dose, no que é **drástico** e prejudicial. Do decocto serve-se, com chá de rosas brancas, em clisteres nalgumas pirexias e nas convulsões. MONTEIRO DA SILVA diz: "Para mim o Cipó suma é o **iodureto de potássio vegetal** com todas as suas qualidades curativas sem as partes prejudiciais, como irritantes da mucosa do estomago, que produz no infeliz doente a mais rebelde dispepsia".

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 1%: de 50 a 200 c. c. por dia: externamente, ad libitum — Extrato: de 0,20 a 0,40 do gr. por dia — Extrato fluido: de 1 a 2 c. c. por dia — Tintura: de 5 a 10

c.c. por dia — Elixir: de 50 a 100 c.c. por dia — Vinho: de 50 a 100 c.c. por dia — Xarope: de 50 a 100 c.c. por dia. Observação: em doses elevadas é emeto-catártico. (RAUL COIMBRA).

38. CORDÃO DE FRADE

SINÔNIMOS — Cordão de S. Francisco — Rubim — Pau de praga.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Leonitis nepetaefolia* (LINNE) — R. BROWN. Família das Labiadas.

FITOGRAFIA — *Leonitis nepetaefolia* BROWN — Flores: escarlate-alaranjado-brilhantes, em verticilos multiflorais, espaçadas, guardadas de brácteas sub-espinosas; lábio superior da corola avança um pouco mais que o inferior; cálice tubuloso, peludo no colo. Folhas: cordiformes, obtusa e profundamente dentadas em serra, verdes, subtomentosas (NICHOLSON & MOTTET 3,108).

FITOGRAFIA — Planta anual de 1 m. a 1 m.,50; tida como originária das Índias Orientais e África. Encontra-se no Brasil em todos os Estados e em S. Catarina em todos os municípios costeiros. Em Aranguá certas lavouras de milho acham-se literalmente infestadas desta erva.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o n. 505 está registrado um exemplar de *Leonitis nepetaefolia* (L.) R. BROWN, da fam. das Labiadas, denominado Cordão de frade; foi colhido em S. Pedro de Alcântara, S. José, S. Catarina, em 1943.

PARTES USADAS — Planta florida (Farmacopea Brasileira).

CONSTITUINTES QUÍMICOS — Óleo essencial — Leonotina (glucoside), etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, tintura, xarope, etc.

USOS FARMACÊUTICOS — **Tônico:** recomendado para banhos (em que se usam 500 grs.) de crianças frágeis e debilitadas; também na frásque geral de adultos. **Béquico, peitoral:** empregado nas inflamações bronco-pulmonares, a saber, nas bronco-pneumonias, asma, tosse, em que facilita a expectoração. **Balsâmico, anti-reumático:** é usado como tal no tratamento das vias urinárias e debelamento do reumatismo. É ainda indicado contra as hemorragias uterinas e perturbações do estômago. **Febrífugo:** também é usado nas febres. **Vulnérário:** externamente, o decocto é usado no tratamento das úlceras e feridas de mau caráter.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 2,5%: de 50 a 200 c.c. por dia; idem, idem para uso externo a 5%, ad libitum — Extrato flúido: de 1 a 5 c.c. por dia — Tintura: de 5 a 25 c.c. por dia — Xarope (F. B.) de 10 a 50 c.c. por dia.

39. COROA DE CRISTO

SINÔNIMO — Quina.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Colletia cruciata* GILL et HOOK. Família das **Rhamnáceas**.

FITOGRAFIA — Arbusto muito ramoso, quasi áfalo; espinhos achatados, triangulares, um tanto pubescentes; folhas elípticas, inteiras, cálice campanulado; lácínios reflexos (MARTIUS 11,1.99).

FITOGRAFIA — Vegeta, conforme a literatura, exclusivamente no Rio Grande do Sul; e tanto no norte, como no sul. Em excursões botânicas recentes identifiquei esta planta esquisita também no sul de S. Catarina. Habita na crista dos aparados da serra Geral. Cresce de preferência nas matinhas baixas, pela encostas dos capões. É notória a sua cor cinzenta e a quasi completa ausência de folhas; são estas reduzidas a poucos milímetros de comprimento e substituídas por longos espinhos. Suas flores pequeninas e brancas aparecem em abril; são abundantes e aromáticas.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 800 acha-se herborizado um exemplar de *Colletia cruciata* GILL. et HOOK., da família das **Rhamnáceas**, colhida pelo autor em Serra da Pedra, Araranguá, S. Catarina, a cerca de 1.000 m. de altura, em 28 de Dezembro de 1943.

PARTES USADAS — Cascas das raízes.

USOS TERAPÊUTICOS — **Febrífugo**: as cascas das raízes, têm propriedades febrifugas, amargas e tônicas.

40. CORTICEIRA

SINÔNIMOS — Sananduva — Sumavreira — Crista de galo — Erythrine, Crête-de-coq (Fr.) — Common Coral-tree (Ingl.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Erythrina Cristagalli* LINNE — Da família das Leguminosas papilionadas.

FITOGRAFIA — Flores de um vermelho-escarlate vivo e carregado, pediceladas, reunidas em grande cacho terminal. Folhas com folíolos ovais ou ovalo-lanceolados, glaucoscentes, coriáceas, sub-obtusas; pecíolos espinhosos, glandulosos. Haste ou cêpa lenhosa (NICHOLSON & MOTTET 2,326).

FITOGEOGRAFIA — Esta árvore, às vezes arbusto, é muito conhecida nos Estados do sul. É um dos melhores suportes vivos de orchidáceas, quer no mato, quer em cultura. Suas flores, de um vermelho intenso aparecem em dezembro. É despida de folhas no inverno. Vegeta profusamente, em geral à margem dos arroios ou nos lugares húmidos. Estende-se também para o R. G. do Sul.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o n. 500 está registrado um exemplar de *Erythrina cristagalli* LINNE, da Fam. das Leguminosas papilionadas, denominada Corticeira; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul, em 1942 e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO.

PORTE USADA — Casca.

USOS TERAPÊUTICOS — **Vulnerário**: é usado o decocto da casca misturado com aguardente, para lavar feridas recentes.

Usa-se também em gargarejos.

41. CRAVO DO MATO

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Tillandsia stricta* SOLAND. Família das Bromeliáceas.

FITOGRAFIA — Planta epífita, com numerosas folhas linear-lanceoladas, de cerca de 12 cm. de compr. Espiga pedunculada, superiormente com espiga multiflora. Flores roxas com largas brácteas róseas ou avermelhadas.

FITOGEOGRAFIA — Epífita muito comum nas árvores isoladas e nas pequenas matas de S. Catarina e R. G. do Sul.

PARTES USADAS — Toda a planta.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 827 está registrado um exemplar de *Tillandsia stricta* SOLAND, da Fam. das Bromeliáceas, denominado Cravo do mato; foi colhido pelo autor em Turvo, Araranguá, S. Catarina, em 11 de Novembro de 1943 e determinado por LYMAN B. SMITH, da Harvard University, U. S. A.

USOS MEDECINAIS — **Diurético**: para isso o decocto é usado internamente. Afirma-se ser também anti-blenorrágico.

42. ESPINHO DE CARNEIRO

SINÔNIMOS — Carrapicho bravo — Amor de negro — Cepa cebalo, Floravia (Esp.) Epino d'asino (It.) — Lampourde épineuse (Fr.) — Dornige Spitzklette, Choleradistel (Al.) — Bathurst-burr (Ingl.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Xanthium spinosum* LINNÉ — Família das Compostas.

FITOGRAFIA — Caule ramoso; pecíolos breves, armados na base de ambos os lados de espinhos estipulares, trifidos; folhas lanceoladas ou trilobadas; involúcro femíneo frutífero pequeno (MARTIUS).

FITOGEOGRAFIA — Indígena da América do Sul. Está se propagando por todo o mundo. Em 1926 já crescia espontaneamente em grande parte da Europa. Cresce, em geral, ao redor das habitações. Habita de S. Paulo ao R. G. do Sul.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 495 está registrado um exemplar de *Xanthium spinosum* L., da Família das Compostas, denominado Espinho de Carneiro; foi colhido no R. G. do Sul e determinado pelo P. BALDUINO RAMBO.

PARTES USADAS — Toda a planta.

CONSTITUINTES QUÍMICOS — Óleo essencial — Saponima (traços) Matérias resinosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato fluído, tintura, elixir, vinho, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Diurético**: na campanha gaúcha, as folhas e especialmente as raízes são preconizadas intensamente nos casos de moléstia do fígado; o efeito diurético é brando. **Depurativo**: é usado como tal nas manifestações sífilíticas cutâneas e dermatoses. O seu emprego contra escrófulas, papeira, gangrena, inflamações, e mesino contra o câncer, comprovam a sua ação. Nos tumores e linfates agudas age como **resolutivo** e **emoliente**.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 3%: de 50 a 200 c. c. por dia — Extrato fluído: de 1 a 6c. c. por dia — Tintura: de 5 a 30 c. c. por dia — Elixir: de 20 a 120 c. c. por dia — Vinho: de 20 a 120 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 120 c. c. por dia.

43. EUCALITO

SINÔNIMO — Eucalito globuloso — Gomeiro azul — Eucaliptus, Arbol de las fiebres (Esp.) — Arbre à la fièvre, Gommier bleu de Tasmanie (Fr.) — Blauer Gummibaum, Eucalyptus (Al.) — Tasmanian blue gum; Blue gum tree (Ing.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Eucalyptus globulus* LA BIL-LARDIÈRE — Família das Myrtáceas.

FITOGRAFIA — Distingue-se esta árvore pelo dimorfismo das folhas primárias; as folhas secundárias, ou seja, da planta adulta, não tem mais a cor azulada, sendo lanceoladas e acuminadas e terminando em ponta-goteira pendente verticalmente para baixo. As flores formam grandes panículas; faltam-lhes por completo o cálice e a corola; ovário plurilocular. O fruto é uma cápsula lenhosa que se abre no ápice por quatro fendas opostas, donde saem as sementes (DECKER).

FITOGEOGRAFIA — É nativo da Austrália, ou melhor da ilha Tasmania, ao sul da Austrália. Hoje é cultivado por toda a parte. No sul do Brasil aclimatou-se splendidamente estabelecendo aqui sua segunda pátria.

HERBÁRIO "BAREOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 490 está registrado um exemplar de *Eucalyptus* sp., da fam. das Myrtáceas, denominado Eucalito; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul, aos 5.4.1943.

PARTES USADAS — Folhas (Farm. Bras.).

CONSTITUINTES QUÍMICOS — Ácidos gálico e tânico — Um princípio amargo — Una resina — Óleo essencial, constituído por mistura de eucaliptol (60%), adeídos butírico, capróico, hexílico, valerianico; fencheno, endesmol, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Água, alcoolato, alcoolatura, infuso, decocto, extrato, extrato fluido, óleo, tintura, elixir, vinho, xarope pó, pílulas, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Antisséptico, balsâmico:** empregado nas cistites, uretrites, leucorrea, blenorragia, etc., bem como nas bronquites, porque a eliminação da essência pelas vias respiratórias e órgãos gênito-urinários determina benéfica modificação nas secreções das respectivas mucosas. **Estomacal:** é empregado, como estimulante, nas doenças do estômago, nos casos de inapetência, dispepsias atônicas, etc. **Anti-febril:** tem bom efeito contra as febres intermitentes, resfriados, etc. Nestes casos as folhas são aplicadas em pó (4 a 16 gramas, em 2 ou mais doses por dia nos intervalos em que não há febre), ou em infusão (7 gramas por 1 decilitro de água fervendo), que se adoça com assucar e toma-se de manhã, repetindo-se à noite.

Externamente a água é usada em gargarejos e na cura de feridas; o óleo é aplicado em instilações nasais e como **refrescante e antisséptico**, em inflamações, contusões, etc.; o infuso e o decocto em lavagens intestinais e em irrigações vaginais. **Anti-asmático:** os ataques pela asma costumam fumar cigarrilhos de suas folhas.

MODO DE EMPREGO — Água destilada: de 50 a 200 c.c. por dia; externamente, ad libitum — Infuso ou decocto a 2,5% de 50 a 200 c.c. por dia; externamente, a 5%, ad libitum — Pó: de 1 a 5 grms. por dia — Extrato: de 0,2 a 1 gr. por dia — Extrato fluido: de 1 a 5 c.c. por dia — Alcoolato: de 4 a 40 c.c. por dia; externamente, ad libitum — Alcoolatura: de 3 a 15 c.c. por dia; externamente, ad libitum — Tintura: de 5 a 25 c.c. por dia; externamente, ad libitum — Elixir: de 20 a 100 c.c. por dia — Vinho: de 20 a 100 c.c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c.c. por dia — Óleo essencial: de 0,2 a 2 grms. por dia; externamente, em instalações 0,1 por dose; como insecticida, diluído em álcool ou óleo a 5% Eucaliptol: de 0,2 a 2 grs. por dia; externamente, em inalações 0,1 por dose; como insecticida, diluído em álcool ou óleo a 4%.

44. FETO MACHO DO R. G. DO SUL

SINÔNIMOS — Samambaia — Sambambaia.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Polypodium lepidopteris* KUNZE — Fam. das **Polypodiáceas**.

FITOGRAFIA — *Polypodium lepidopteris* KUNZE — Esse feto tem o rizoma lenhoso de 2 a 6 mm. de espessura, coberto de pêlos sedosos, de cor ferruginosa, com os estípites separados, eretos, de 2 a 10 cm. de comprimento, e densamente cobertos de pêlos coloridos de pardo claro. As suas folhas (frondes), de um verde acinzentado e de cor ferrugínea na parte central, medem 32 a 40 cm. de comprimento, 30 a 50 jugas, sendo as inferiores menores e auriculiformes. Essas pínulas, na face superior, são cobertas de pêlos, claros e esparsos, entre os quais aparecem numerosos pontos brancos, que são cicatrizes de inserção dos pêlos caducos; na sua face inferior os pêlos são mais abundantes e de cor cinzenta quando novos, passando posteriormente à sua coloração ferrugínea. Nestas pínulas, existem sóros arredondados em número de 8 a 12 em cada uma, e cobertos por escamas e pêlos. (Rev. da Fl. Med. ano IX pg. 215).

FITOGEOGRAFIA — É encontrado em quasi toda a América tropical. Cresce no Perú, México, Uruguai, etc. No Brasil é comum no Alto Amazonas, Goiás, Minas, Baía, Rio. Observei-o no R. G. do Sul e em Sta. Catarina, onde é abundante; em nosso estado já foi colhido por botânicos em Passo Mansa (Blumenau), Warnow, Indaial, S. Bento, Lajes, S. Joaquim, Dna. Isabel, S. José, Biguaçu e Araranguá.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 167 herborizado um exemplar de *Polypodium lepidopteris* (L. & F.) KUNZE da fam. das **Polypodiáceas**, colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul; foi determinado pelo P. LUIZ SEHNEN, S. J., sob orientação do botânico DR. JOÃO DUTRA.

PARTE USADA — Toda a planta; principalmente as raízes (rizoma).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Mal conhecida.

FORMAS TERAPÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, tintura, xarope, pó, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Antelmíntico**: VON MARTIUS diz na sua "Matéria Médica Vegetal Brasileira" que esse Feto macho é um sucedâneo do *Dryopteris filix mas* (L.) SCHOTT, sendo muito empregado no interior do Brasil para combater os vermes intestinais. É usado no combate à tênia (solitária) e vermes. hóspedes habituais do intestino humano, das seguintes maneiras: quer o pó do rizoma tomado em jejum e acompanhado de um purgativo, quer o decocto do rizoma, na dose de 60 gr. dos rizomas contusos para 1 litro de coadura, sendo aplicados aos cálices de hora em hora. **Sudorífico, peitoral**: empregado nos resfriados, gripes, tósses, bronquites. **Anti-reumático**: é preconizado o seu uso no reumatismo gotoso e nas dores reumáticas, em geral. Como **diurético** e nas moléstias do estomago tem sido empregado com seguros resultados.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 5%: de 50 a 200 c. c. por dia — Extrao flúido: de 2 a 10 c. c. por dia — Tintura: de 10 a 50 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

OBSERVAÇÃO — O *Polypodium crassifolium* — LINNÉ é empregado também como antelmíntico nos mesmos modos que o Feto

macho do R. G. do Sul. No Herbário "Barbosa Rodrigues", sob o número 178 está registrado um exemplar de *P. crassifolium* L. colhido em S. Leopoldo e classificado pelo P. LUIZ SEHNEN S. J.

Em S. Catarina já foi encontrado por botânicos em Lajes, Blumenau, S. José, Biguaçu e Araranguá. Habita pois todo o Estado Bariga-verde.

45. F U M O

SINÔNIMO — Tabaco — Herva Santa — Petúm — Tabaco (Port. Esp.) — Tabaco (It.) — Tabac, Nicotiane (Fr.) — Taback (Al.) — Tobacco (Ing.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Nicotiana tabacum* LINNÉ — Família das Solanáceas.

FITOGRAFIA — *Nicotiana tabacum* LINNÉ — Herva anual de 1-2 metros de altura, inteiramente coberta de pelos simples e outros glandulosos. Folhas grandes, geralmente lanceolado-elípticas, acumina-das e inteiras. Flores tubulosas, mais ou menos róseas.

FITOGEOGRAFIA — A pátria da *N. tabacum* L. é provavelmente o leste da América do Sul, tendo como confins a Venezuela e a Bolívia. Quando Cristóvão Colombo chegou em nossas plagas, já notou o costume de fumar dos indígenas. Hoje é cultivada em todo o mundo.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 797 acha-se registrado um exemplar de *Nicotiana tabacum* L., da Fam. das Solanáceas, denominado Fumo. Foi colhido pelo autor em Sombrio, em 15-6-44.

PARTES USADAS — Folha.

CONSTITUINTES QUÍMICOS — Nicotina (óleo essencial concreto) — Nicotina, Nicotina, Nicotimina, Metilpirofidina, Nicotina, Pirilidina, alcalóides que se encontram combinados aos ácidos cítrico, málico, nicotânico e oxálico — Amido — Amoníaco — Oxalato de cálcio — Tanino — Matérias mucilaginosas, resinosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decoto, extrato fluído, pó, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Sedativo**: usado nas palpitações cardíacas e nervosas; também na prisão de ventre e na incontinência urinária. **Narcótico**: hoje em dia está praticamente abandonado o uso interno devido os graves e frequentes envenenamentos determinados pela nicotina. **Inseticida**: externamente é tradicional o seu uso como bom inseticida; aconselhado também em fricções contra o lumbago, nevralgias, etc. **Rapé**: é conhecido este modo de usar na oclusão ou entupimento do nariz. Determina hábito nos fumantes, que são os seus maiores consumidores; exerce nos fumantes ação calmante sobre o sistema nervoso e excita as funções intelectuais.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto: a 0,5%: de 50 a 200 c. c. por dia; idem. idem para o uso externo, a 2%, ad libitum. Extrato fluído: de 0,2 a 1 c. c. por dia.

46. F U N C H O

SINÔNIMOS — Hinojo (Esp.) — Finocchio (It.) — Fenouil comune, F. amer (Fr.) — Feuchel (Al.) Common (Ing.),

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Foeniculum ufulgare* MILL. — Família das Umbellíferas.

FITOGRAFIA — Flores amarelas, em umbelas bastante grandes, numerosas, longamente pedunculadas. Folhas três ou quatro vezes pinadas, de segmentos lineares, muito estreitas, subuladas, verde-carregadas; pecíolos alargados em bainhas membranosas. Hastes eretas, ramosas, verde-carreadas, glabérrimas e luzentas (NICH. & MOTT. 2, 393).

FITOGEOGRAFIA — Nativa nos países mediterrâneos e hoje espalhado pelo mundo.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 482 está registrado um exemplar de *Foeniculum vulgare* MILL., da Fam. das Umbellíferas, denominado Funcho; foi colhido em S. Leopoldo em 1942.

PARTES USADAS — Fruto (Farmacopeia Brasileira); raiz.

CONSTITUINTES QUÍMICOS — Fruto: Ácidos málico, fosfórico, succínico, tânico — Aleurona — Um óleo fixo — Açúcar — Matérias mucilaginosas — Óleo essencial, constituído por uma mistura de anetol, pineno, dipenteno, felandreno, fenono, androl, etc. — Raiz: Ácido málico — Óleo essencial — Matérias resinosas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Água, infuso, decocto, extratos fluidos, pó, tintura, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — a) Fruto: **Estomacal**, **carminativo**; é usado nas flatulências, embaraços gastro-intestinais; entra na composição de espécies carminativas e purgativas. **Expectorante**; entra também em espécies peitorais. **Oftálmico**; a decoção das sementes ou folhas, serve para lavar os olhos inflamados. **Galactogêneo**; os chás de funcho desenvolvem o aleitamento das mães ou amas de leite.

Externamente, os frutos contusos são aplicados em cataplasmas nos engorgitamentos e tumores, exercendo também ação antisséptica.

b) Raiz: **Diurético**, **carminativo**; é um dos componentes do extrato fluido das cinco raízes.

O cozimento da raiz emprega-se nas inchações das pernas e da barriga.

MODO DE EMPREGO — Água: de 50 a 200 c. c. por dia — Infuso ou decocto a 2,5%; de 50 a 200 c. c. por dia — Alcoolato: de 1 a 3 c. c. por dia — Pó: de 1 a 5 grms. por dia — Extrato fluido: de 1 a 5 c. c. por dia — Tintura: de 5 a 25 c. c. por dia — Óleo essencial: de 1 a 3 gotas por dia.

47. GIRASOL

SINÔNIMOS — *Helianthe*, *Grand soleil* (Rr.) — *Sonnenblume*, *Gemeine Sonnenrose* (Al.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Helianthus annus* LINNE — Da família das Compostas.

FITOGRAFIA — Planta herbácea de 2 a 4 ms. de altura. O exterior do tronco é áspero e o interior é constituído por uma medula branca e aerífera. Folhas grandes, cordiformes, ásperas e longe-pedunculadas. A "flor", aliás a inflorescência se compõe de inúmeras florzinhas insertas num disco comum.

FITOGRAFIA — Originária do México, mas cultivada em todo o mundo por causa do seu precioso óleo e propriedades alimentares.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 478 acha-se registrado um exemplar de *Helianthus annuus* LINEE, da fam. das Compostas, denominado Girasol; foi colhido em S. Leopoldo, R. G. do Sul, em Novembro de 1942 e classificado pelo P. BALDUINO RAMBO.

PARTES USADAS — Planta florida.

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Sais, notadamente nitrato de potássio. Óleo fixo, constituído por trigliceridos dos ácidos palmítico, aráquico, linólico e oleico. Matérias aromáticas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato fluido, tintura, poções, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Febrífugo:** empregado no tratamento de febres intermitentes ou palustres. **Vulnerário:** pode substituir a arnica; externamente é empregado no tratamento de úlceras, contusões, esfoladuras, golpes, etc.

Internamente tem aplicações nos seguintes casos: Supressão do ménstruo, retenção de urina, cardialgia, corisa, denticção, epistaxis, epilepsia, febres intermitentes, furúnculos, gastralgia, hematúria, oftalmia, panarício.

Diurético: exerce ligeira ação diurética.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 2%: de 50 a 200 c. c. por dia; idem, idem para uso externo, a 5%. ad libitum — Extrato flúido: de 1 a 4 c. c. por dia — Tintura: de 5 a 20 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 80 c. c. por dia.

48. GUABIROBEIRA

CLASSIFICAÇÃO — *Campomanesia aurea* BERG. — Família das myrtáceas.

FITOGRAFIA — Folhas brevemente pecioladas, coreáceas, oblongo-ovais, na página superior lustrosas, na inferior opacas; pedúnculos axilares, solitários, opostos, unifloros, mais compridos que as folhas; baga globosa, coroada de 5 sépalas arredondadas (MARTIUS 14, 1, 454).

FITOGEOGRAFIA — Entre nós há várias qualidades de Guabirobeiras. Suas frutas são comestíveis e assás apreciadas. Todas as espécies de guabirobeiras do país possuem as mesmas propriedades medicinais.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 474 está registrado um exemplar de *Campomanesia aurea* BERG., da fam. das Myrtáceas, denominado Guabirobeira; foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul a 17 de Setembro de 1942 e determinado pelo P. CANISIO ORTH.

Sob o número 473 acha-se registrado um exemplar de *Campomanesia xanthocarpa* BERG. colhido e determinado nas mesmas condições.

PARTES USADAS — Folha e casca.

USOS TERAPÊUTICOS — **Adstringente, aromático:** tais são as qualidades terapêuticas das folhas e casca. Emprega-se a infusão das folhas (15 gramas em meio litro de água) contra a diarreia mucosa, flores brancas, catarro da bexiga e da uretra, e contra o relaxamento do intestino reto. A infusão pode ser bebida, ou administrada em clisteres e injeções.

49. GUAXUMA

SINÔNIMOS — Mata-pasto — Vassourinha.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Sida rhombifolia* LINNE

Família das Malváceas.

FITOGRAFIA — Herva perene de caule éreto, ramoso, 25-40 cm. de alto; folhas brevemente pecioladas, dentadas; inflorescência sub-corbímbosa; flores solitárias, amarelas; cálice piramidado; as partes mais características talvez desta espécie são: o cálice piramidado junto à base, noduloso e 10-nervado e os pedúnculos em geral alongados (MARTIUS 12, 3, 337).

FITOGRAFIA — Viceja nos poteiros, nas ruas. Entre nós é popularmente conhecida como mata-pasto; é um dos inimigos avançados neste ofício malsão, pois, é provido de raízes profundas e cresce em agrupamentos característicos onde viceja tenazmente.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 467 está registrado um exemplar de *Sida rhombifolia* LINNE, da Fam. das Malváceas, denominado Guaxuma; foi colhido pelo autor em Sombrio, Araranguá, S. Catarina, aos 3 de Janeiro de 1943 e determinado por RAMBO.

PARTES USADAS — Toda a planta.

USOS TERAPEUTICOS — **Vulnerário:** o decocto das raízes, ou do caule com suas folhas é empregado interna ou externamente contra as inflamações. **Febrífugo, tônico:** CAMINHOÁ assinala essas suas propriedades. **Anti-diarreico:** entre nós é popularmente usada, especialmente a Guaxuma de talo róxo, contra as diarreias.

Usa-se ainda mastigar e aplicar as folhas no lugar mordido pelas vespas, ou qualquer outro hemíptero, para acalmar a dor.

50. HERVA SILVINA

SINÔNIMOS — Silvina — Herva Tereza — Cipó cabeludo — Solda (Sombrio).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Polypodium vacciniifolium* LANGSDORFF & FISCHER — Família das **Polypodiáceas**.

FITOGRAFIA — Caules epígeos, muito compridos, rastejantes sobre os troncos de árvores, folhas subsésseis, subcoriáceas, pequenas, obtusas, inteiras, as estéréis arredondado-oblongas, as férteis liguladas, sóros dispostos em série de ambos os lados da nervura principal. (MARTIUS 1, 2, 519).

FITOGEOGRAFIA — É abundante nas árvores das matas de todo o Estado de S. Catarina e Rio Grande do Sul. Já foi colhida por cientistas em Joinville, Passo Mansa (Blumenau) e em Indaial; em Biguaçu e Araranguá também é abundante.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 164 está herborizado um exemplar de *P. vacciniifolium* L. & F. da fam. das **Polypodiáceas**, colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul, em 1940; foi determinado pelo P. LUIZ SEHNEM, S. J.

PARTES USADAS — Toda a planta.

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Tanino — Matérias aromáticas, pépticas, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, tintura, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Adstringente:** empregado no tratamento das diarreias e disenterias. **Balsâmico:** é largamente usado nas afecções das vias respiratórias, tosses, bronquites, catarrhos crônicos, coqueluche, laringites, etc. É ainda empregado no tratamento das hemoptises e nos casos de hematuria.

Dão-se preferência às plantas que se desenvolvem sobre árvores ricas em tanino (ex.: mangueira).

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 2,5%: de 50 a 200 c. c. por dia — Extrato flúido: de 1 a 5 c. c. por dia — Tintura: de 5 a 25 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

OBSERVAÇÃO — Sob o mesmo nome estão agrupadas várias plantas do mesmo gênero, caracterizadas pelo crescimento rasteiro sobre as rochas e árvores.

51. HERVA SILVINA DE FOLHA GRANDE

SINÔNIMO — Feto macho.

NOME CIENTÍFICO — *Polypodium percussum* CAV., da fam. das **Polypodiáceas**.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Polypodium percussum* CAV. — Rizoma longamente rasteiro, rígido, com pêlos escamosos de cor ferrugínea. Pecíolos espalados, de 5 a 8 cm. de comprimento, firmes, eretos. Frondes de 15 a 30 cm. de comprimento e de 18 a 40 mm. de largura, inteiras, gradualmente estreitados nas duas extremidades, escamosas na face inferior. Soros arredondados, distintamente cravados em fileira, em igual distância da borda e da nervura principal. (NICHOL. & MOT. 4, 265).

FITOGEOGRAFIA — Habita quasi todos os estados tropicais do Brasil. Em S. Catarina é comum: como boa trepadeira alcança, tanto a copa das árvores mais altas, como o cume das rochas. Já foi colhida por cientistas em Velha (Blumenau), Passo Mansa, Warnow, Indaial, Itapocú, Luiz Alves e Joinville; na ilha de Florianópolis, em Biguaçu e Araranguá foi frequentemente identificada pelo autor.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 176 está registrado um exemplar de *P. percussum* CAV., da fam. das **Polypodiáceas**, colhida pelo autor em Luiz Alves, Itajaí, S. Catarina, ao 12-1-41; foi determinado pelo autor.

PARTES USADAS — Toda a planta.

USOS TERAPÊUTICOS — **Antelmíntico:** Dr. GUSTAVO PECKOLT diz: "Todas as partes desta planta são utilizadas para combater a maioria dos vermes intestinais.

Para este fim, esmaga-se a planta fresca com um pouco d'água e adiciona-se a cada 100 gramas, de planta 1 litro d'água. ferve-se até reduzir a 500 gramas, a coadura. Esse cozimento bem adocicado é usado aos cálices, 3 a 4 vezes ao dia, seguidamente até o hospedeiro consiga expelir todos seus vermes parasitas, "oxiuros" ou "ascaris". Para combater a opilação, o vulgo costuma empregar a seguinte fórmula: a certa porção de planta fresca e esmagada, juntar uma xícara d'água fresca fervente, esmagar novamente até o arrefecimento, coar com expressão e ao líquido coado ajuntar uma colher de mel de abelhas. Essa fórmula é usada em jejum, durante 4 a 6 dias consecutivos, e é acompanhada de um ferruginoso, o qual deve ser tomado às refeições. Dizem os "curandeiros" que este método é o melhor para curar o amarelão.

A alcooatura dos rizomas dessa planta é empregada contra a solitária, na dose de 10 gramas, adicionada de 2 colheres de mel para um copo de água e usada em jejum; na véspera o paciente usará alimentos salgados e no dia seguinte tomará o remédio, acompanhado uma hora depois de um purgativo: Água vienense ou sal amargo, na dose de uma colher para um copo de água açucarada e adicionada do suco de limão". (Flora medicinal ano IX pg. 220-221).

52. LYCOPÓDIO

SINÔNIMO — Pinheirinho.

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Lycopodium clavatum* LINNÉ da fam. das **lycopodiáceas**.

FITOGRAFIA — *Lycopodium clavatum* LINNÉ — Caulé e ramos delgados, fixados ao solo por meio de raízes adventícias, emitindo, de espaço a espaço, verticalmente ramificações, umas estéreis, outras com aparelhos reprodutores. Os caules e ramos são cobertos por pequenas e numerosas folhas estreitas, quer isoladas, quer verticiladas, são sésseis, quasi lineares. Os esporangios são solitários na base das folhas férteis. Os esporos são de forma tetraédrica e de cor amarelo-pálida. (Rev. da Fl. Med., ano IX pg. 615).

FITOGEOGRAFIA — É natural na Europa, Ásia, Austrália e ambas as Américas. Em S. Catarina também cresce. Já foi encontrado por botânicos em Lajes, Biguaçu, S. José e Pirabeiraba (Joinville).

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 248 acha-se um exemplar de *Lycopodium clavatum* L., da fam. das **lycopodiáceas**, colhido pelo autor em Antônio Carlos, Biguaçu, S. Catarina. Foi determinado por A. C. BRADE.

PARTES USADAS — Esporos (pó das ramificações férteis) (Farm. bras.).

CONSTITUENTES QUÍMICOS — Os esporos do Lycopódio contêm cerca de metade do seu peso de óleo fixo. Este contém principalmente glicerides de ácido lycopodioléico (cerca de 80%) e de ácido mirístico (cerca de 20%). Este ácido lycopódio-oléico assemelha-se ao ácido oleico ordinário porém não é bem idêntico. Além disso contem mais: fitosterina, proteína, açúcar, anido e traços de um alcaloide (Grenish).

FORMA FARMACEÚTICA — Pó (Farmacopeia brasileira).

USOS TERAPÊUTICOS — **Secativo**: é usado contra eritemas, intertrigo; também para envolver pílulas. **Diurético e anti-diarreico**: apesar de não ser usado, parece ter esses efeitos, tomado por via bucal.

53. MANGUEIRA

SINÔNIMOS — Mangueira da Índia — Manga — Mangífera — Mango (Esp.) — Manguier, Mango, Freycinet (Fr.) — Mango, Mangopflaumen, Manga (Al.) — Mango-tree (Ingl.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Mangifera indica* LINNÉ — Família das **Anacardiáceas**.

FITOGEOGRAFIA — Flores alvacentas e estriadas de amarelo, reunidas em "bouquets" ou panículas terminais; florescem na primavera. Frutas chamadas mangas, mais ou menos oblongo-ovais, amare-

ludas ou avermelhadas, pontuadas de preto quando bem maduras e de um gosto fino e agradável. Folhas oblongo-lanceoladas, pecioladas, de 18 a 20 cms. de comprimento e de 5 ou mais cms. de largura. (NICHOLSON 3,250).

FITOGEOGRAFIA — Árvore de 20 metros de altura, natural das Índias Orientais. No Brasil é vastamente cultivada, com cerca de 500 variedades. Foi a árvore que melhor se aclimatou no país. É frequente nos pomares barriga-verdes, principalmente no litoral. A fruta é tanto bela na forma, como excelente no gosto. Na Índia existe a crença que o fruto proibido no Paraíso não foi a Banana, nem a maçã e sim a Manga.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 799 acha-se registrado um exemplar de *Mangifera indica* LINNÉ, da família das Anacardiáceas, colhido pelo autor em Sombrio, Araranguá, S. Catarina, em Setembro de 1944.

PARTES USADAS — Casca, raiz, sementes, folhas e frutos.

CONSTITUINTES QUÍMICOS — Tanino — Terebentina, contendo óleo essencial, resenos, etc.

FORMAS FARMACÊUTICAS — Infuso, decocto, extrato flúido, tintura, xarope, poções, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — a) Casca:

Balsâmico: usado nas afecções das vias respiratórias, tosses, bronquites, coqueluche, catarro crônico, laringites, etc., facilitando a expectoração. Empregado nas afecções purulentas das vias urinárias, cistites, uretrites, blenorragia, leucorréia, bem como contra as afecções cutâneas. **Hemostático:** é de apreciável efeito nas hemoptises, hematúrias, metrorragias, etc. **Adstringente:** empregado como **anti-diarreico**.

Externamente, o decocto é empregado em gargarejos, nas inflamações da garganta, e em irrigações vaginais, nas leucorreias, metrites, etc.

b) Raiz — Em geral tem os mesmos empregos da casca.

c) Frutos — São uteis na cura do escorbuto.

d) Sementes: — **Antelmíntico:** empregadas no combate aos vermes intestinais. Dose usada: 4 a 8 gramas em pó.

e) Folhas: **Anti-asmático:** quando novas são empregadas como tal.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 5%: de 50 a 200 c. c. por dia; externamente, ad libitum — Extrato flúido: de 2 a 10 c. c. por dia — Tintura: de 10 a 50 c. c. por dia — Xarope: de 20 a 100 c. c. por dia.

54. MASSANILHA

SINÔNIMOS — Camomila vulgar — Matricária — Camomila dos alemães — Manzanilla común (Esp.) — Camomille commune ou d'Allemagne (Fr.) — Gemeine — ou Echte Kamille (Al.) — Cammon wild chamomille (Ingl.)

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Matricaria chamomilla* LINNÉ — Fam. das Compostas.

FITOGRAFIA — Capítulos brancos, de disco amarelo, medianos, solitários em cima dos ramos; receptáculos ocos; floresce na primavera. Haste ereta, racemosa, difusa. Flôr de pétalas brancas. O oco

dos receptáculos é uma das qualidades que a distingue de outras espécies afins, como, por exemplo, a Camomila romana.

FITOGEOGRAFIA — Planta de 20 a 50 cm. de altura, anual, odorante, aromática, nativa na Europa (Alemanha, França, Inglaterra, etc.) e cultivada em todo o mundo.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o número 412 está registrado um exemplar de *Matricaria chamomilla* LINNE, da fam. das Compostas com o nome de Massanilha. Foi colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul em Outubro de 1942 de determinado por RAMBO.

PARTES USADAS — Flôr (Farmacopéia Brasileira).

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Da flôr: Ácidos antêmico, dihidrocinâmico, tânico — Ácidos esteárico, cerótico, palmítico, oleico, linólico (traços) — Colina — Inosite — Fitorina — Apigenina que, por hidrólise, se decompõe em apigenina e glucose — Óleo essencial — Matérias resinosas, pépticas, etc.

FORMAS TERAPEÚTICAS — Agua, infuso, decocto, extrato, extratos flúidos, óleo, pó, suluto concentrado tintura, elixir, vinho, xarope.

USOS TERAPEÚTICOS — **Estomáquico:** usado como específico na diarreia infantil, e muito usado em qualquer embaraço gástrico e nas cólicas, enjões, indigestões, dôres de cabeça, falta de apetite proveniente dos males do estômago. **Sedativo:** seus efeitos sedativos atenuam crises e espasmos dolorosos. Na cefaléa gripal melhora muito a dôr sem o inconveniente de muitos analgésicos, que reduzem a diurése e favorecem a retenção no organismo de substâncias tóxicas. Segundo HENRI LECLERC esta Camomila obtém efeitos mais rápidos e constantes que a Camomila romana. Conforme êle, deve-se usar a seguinte forma farmacêutica: infuso concentrado obtido de uma colher de sopa de flores para 100 grms. de água fervente, com uma hora de contacto. **Maturativo:** é ainda muito usada para amadurecer pústulas, loucensos, etc., e até fistulas. Externamente, a infusão, é empregada, em lavagens intestinais, no tratamento de certas afecções do intestino e para combater as febres altas.

MODO DE EMPREGO — Agua destilada: de 50 a 150 c.c. por dia. — Infuso ou decocto a 3%: de 50 a 200 c.c. por dia; idem, idem para uso externo a 5%, ad libitum — Pó: de 2 a 6 grms. por dia — Tintura: de 10 a 30 c.c. por dia — Elixir: de 40 a 120 c.c. por dia — Vinho: de 40 a 120 c.c. por dia — Xaropê: de 40 a 120 c.c. por dia.

55. RABO DE CAVALO

SINÔNIMOS — Cavalinha — Cauda de raposa — Cauda de cavalo — Cauda equina — Rabo de rato — Cola de caballo (Esp.) — Coda di cavallo (It.) — Prêle (Fr.) — Rosschwanz (Al.) — Horsetail (Ingl.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Equisetum giganteum* MILDE — Família das *Equisetáceas*.

FITOGRAFIA — *Equisetum giganteum* MILDE — Caules verde-sujos, frageis, sulcados, mai sou menos escabros; bainhas dos caules cilíndricos, raríssimamente ampliados, folíolos 20-42, carena média angulada, imbutida em cada uma ou de duas em duas margens; ra-

mos densamente verticilados, 6-9 angulados, escabros; espiga apiculada (MARTIUS 1, 2, 639).

FITOGEOGRAFIA — Vegeta esta planta original de 4 até 6 metros de caule, lembrança dos matos prehistóricos, nos banhados e baixos do sul do Estado barriga-verde. Quem viaja de Araranguá a Tubarão, por via férrea há de notar esta planta nos banhados de Congonhas, nas proximidades de Tubarão. Distingue-se do junco por seus caules divididos em segmentos por articulações, brotando em cada uma destas os ramos em verticilo. As extremidades das hastes estão coroadas, no tempo da frutificação, por uma espiga a semelhança de cabeça de prego. A frutificação manifesta-se nos meses de Março e Abril. Observa-se a mesma planta desde os primeiros banhados de Paulo Lopes (rodoviária Florianópolis-Laguna) até curralinhos ao sudeste da lagoa de Sombrio, estendendo até Osório no Rio Grande do Sul. Vegeta ainda desde Colombia até Minas Gerais, pelos brejos e pântanos do interior do Brasil.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sobre o número 725 está herborizado um exemplar de *Equisetum giganteum* L., da Família da *Equisetáceas*, colhido pelo autor em Jundiá, Araranguá, S. Catarina, em 25 de Janeiro de 1944. Foi determinado pelo especialista A. C. BRADE.

PARTES USADAS — Toda a planta.

CONSTITUIÇÃO QUÍMICA — Ácido equisético — Sílica — Sais minerais, etc.

FORMAS FARMACEÚTICAS — Infuso, decocto, extrato fluido, tintura, pó, xarope, etc.

USOS TERAPÊUTICOS — **Diurético**: é um diurético enérgico, mesmo nos casos em que outros produtos falham no tratamento dos rins e da bexiga. **Hemostático**: como tal é poderoso. É usado nas hemoptises, fluxos hemorroidárias, metrorragias (regras muito abundantes) e epistaxis (sangue pelo nariz). Tem sido usado com vantagem nas afecções pulmonares. **Antigonorréico**: HOEHNE afirma ser bom medicamento nos casos de gonorreia. **Remineralizante**: RENON considera esta planta como um agente precioso para a remineralização do organismo nos casos de tuberculose; favorece ao organismo reações de defesa, provocando proliferação fibrosa ativa. COLLIN informa que na Rússia é medicamente popular contra córtes. Muitos médicos o recomendam, morno, na hipertensão de origem renal. Em dose elevada ocasiona perturbações digestivas, como, desinterias.

Externamente é usado no tratamento das úlceras varicosas, aftas, etc.

MODO DE EMPREGO — Infuso ou decocto a 5% como diurético, de 50 a 200 c. c.; como hemostático, até 500 c. c. por dia; externamente, ad libitum — Pó: como remineralizante de 1 a 3 gramas por dia; como hemostático, até 25 c. c. por dia — Tintura: como diurético de 10 a 50 c. c. — Xarope: como diurético, de 20 a 100 c. c. por dia.

OBSERVAÇÃO — Todas as plantas desta família possuem as mesmas qualidades terapêuticas. FAITH FYLES afirma ser tóxico para cavalos; aos bois é inofensivo. O gado vacum aprecia esta pastagem nos banhados de Curralinhos, ao sudeste da lagoa de Sombrio. No Estado seco é mais prejudicial. Contém grande quantidade de sílica; o que a torna fortemente áspera.

56. SAMAMBAIA

SINÔNIMOS — Samambaia comum — Samambaia das taperas, — Feito — Feto — Gougère à la aigle, F. Commune, Grande Fougère (Fr.) — Aderspit, Common Bracken (Ing.) — Adlerfarn (Al.).

CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA — *Pteridium aquilinum* (L.) KUHN. — Família das *Polypodiáceas*.

FITOGRAFIA — *Pteridium aquilinum* (L.) KUHN — Rizomas muito rasteiros, fortes, subterrâneos. Pecíolos de 30 a mais centímetros de comprimento, fortes eretos, no início verdes, de 60 cm. a 1m.20 e mais de comprimento, com 30 a 60 centímetros de largura, sub-deltoides, bi — ou tripinados, com divisões primárias superiores quasi simples; as medianas lanceoladas e divididas pouco mais ou menos até a ráquis em pínulas triangulares ou lineares; divisões primárias inferiores opostas, longamente pecioladas, de 30 cm. ou mais de comprimento, com pínulas amplo-lanceoladas, divididas até a ráquis em numerosos segmentos lanceolados, por seu turno pinadas, e cujos segmentos maiores medem 2,5 cm. de compr. e 4 mm. de largura, um pouco enroladas para baixo; a ráquis e as duas faces do limbo são às vezes pubescentes. Invólucro duplo, ou o interno ausente. (NICHOL. & MOT. 4, 372).

FITOGEOGRAFIA — É planta cosmopolita. Vegeta de preferência nas roças abandonadas. É o pesadelo de muitos agricultores.

HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES" — Sob o nr. 187 está arquivado um exemplar de *Pteridium aquilinum* (L.) KUHN da fam. das *Polypodiáceas*, colhido pelo autor em S. Leopoldo, R. G. do Sul em 1940, numa roça. Foi determinado pelo autor.

PARTES USADAS — Folhas.

USOS TERAPÊUTICOS — **Anti-reumático e emoliente:** as folhas da Samambaia são consideradas anti-reumáticas e emolientes. Usa-se por decocção ou infusão.

OBSERVAÇÃO — É notável que em alguns lugares da África e na Ilha de Tenenerife são reduzidas a pó os rizomas e assim empregados para preparar pão. O "Pão de Helecho" daquela ilha é feito dêste rizoma. O livro "Die Geschichte unserer Pflanzennahrung" (1927) de MAURIZIO, falando dos poderes nutritivos da Samambaia, diz que os povos das regiões árticas comem as folhas novas e fazem pão do rizoma dessa Samambaia. Os rebentos, enquanto tenros, são colhidos como aspargos e servem de alimento às pessoas do interior (HOEHNE). Acho que faço um obséquio ao agricultor transcrevendo um modo fácil e seguro da eliminação da Samambaia, descoberto por Hoehne e descrito à página 47 de sua utilíssima obra "Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medecinais": "Para eliminá-la têm sido indicados muitos remédios, mas nenhum tem dado melhores resultados que o processo por nós descoberto e empregado em Minas Gerais, com excelentes resultados. Esse processo consiste em se bater a referida planta com uma vara antes de haver ela começado a ramificar-se. Com uma forte pancada dirigida em horizontal partem e dilaceram-se êsses brotos e como continuam exsudando assim a seiva que contém, sem a possibilidade de realizarem a cicatrização, esgotam-se rapidamente o rizoma de que emergem e as plantas se extinguem naturalmente depois de se haver repetido a mesma operação por uma meia dúzia de vezes". Nota-se portanto que é um êrro cortar a Samambaia quando já adulta.

O célebre cientista canadense FAITH FYLES diz serem as Samambaias tóxicas para bois, cavalos e carneiros. O veneno é cumulativo, i. é, mata só ocorridos 20 a 30 dias após fortes dosagens diárias. Prejudica somente o gado quando este é obrigado a comer o *Pteridium aquilinum* por falta de pasto.

57. SAMAMBAIAS

Todas as **Felícneas** são popularmente denominadas "samambaias". Com excessão de pouquíssimas (**Ophioglossales**) tem as **felícneas** as folhas circircinais na prefoliação, i. é, enroladas em forma de um báculo episcopal. A mais conhecida delas é a

1. Samambaia-comum

Veja "Samambaia". Pertence, como outras muitas, á fam. das **Polypodiáceas**. No dizer de BACKER e ECHLER, autores das **Polypodiáceas** na "Flora Brasiliensis" de MARTIUS as frondes de muitas **Polypodiáceas** são mucilaginosas, levemente adstringentes e muitas vezes sub-aromáticas.

O rizoma de muitas espécies é amargo e adstringente, enquanto que o de outras goza de virtudes antelmínticas. Além de óleos graxos e voláteis encontra-se em algumas espécies também um princípio extrativo doce, enquanto que outras contem ácido gálico e tânico. Também âmilo contém o rizoma e o caule de muitas.

2. Fetos machos

Veja "Feto macho do Rio Grande do Sul". São todos eles **Felícneas** da fam. das **Polypodiáceas**.

3. Avenças

Veja "Avença". Trata-se igualmente de **Felícneas** do gênero *Adiantum*, da fam. das **Polypodiáceas**.

4. Silvina

Veja "Herva silvina e "Herva silvina de folha grande". É um feito da fam. das **Polypodiáceas** e do gênero *Polypodium*.

5. Lycopódios

Veja "Lycopódio" e "Pinheirinho do jardim". Nomeio os lycopódios aqui, apesar de não pertencerem à classe das **Felícneas** mas á das **Lycopodiáceas**. Isto porque o povo em geral as cita entre as Samambaias. E para isto tem fundamento científico pois as **Lycopodiáceas** pertencem às **Pteridóphytas**.

6. Rabo de cavalo

Veja "Rabo de cavalo". Também esta não pertence às **Felícneas** sendo **Equisetínea**.

Tanto a classe das **Felícneas** (ex.: Samambaia comum), como as **Lycopodiáceas** (ex.: Pinheirinho do jardim), e as **Equisetíneas** (ex.: Rabo de cavalo) todas elas pertencem à ordem das **Pteridóphytas**.

(Continua no próximo número).

B I B L I O G R A F I A

- Ávila — Manoel Cipriano D.: Tese apresentada à Faculdade de Medicina e Farmácia de Pôrto Alegre: "Da Flora medecinal do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre — 1937.
- Brockhaus: Handbuch des Wissens in vier Baenden — Alemanha — 1925.
- Boiteux — Henrique: Madeiras de Construção de Santa Catarina — Florianópolis — 1942.
- Barroso — Sebastião M.: Fitoterapia — Medicina Científica — Rio — 1940.
- Cabral — Osvaldo R.: Medicina, Médicos e Charlatães do Passado — Florianópolis — 1942.
- Caminhoá — Joaquim Monteiro: Elementos de Botânica Geral e Médica — Rio — 1877.
- Chácaras e Quintais — Revista — de 1910 até 1950.
- Coimbra — Raul: Notas de Fitoterapia — Catálogo dos dados principais sôbre plantas utilizadas em Medicina e Farmácia — Rio — 1942.
- Corrêa — M. Pio: Flora do Brasil — Algumas plantas uteis, suas aplicações e distribuição geográfica — Rio — 1909.
- Corrêa — M. Pio: As plantas alimentares, industriais e medicinais do Brasil — S. Paulo — 1914.
- Corrêa — M. Pio: Dicionário da Faculdade Úteis do Brasil e das Exóticas e Cultivadas — Volume I e II — Rio — 1926 e 1931.
- Costa — Osvaldo de Almeida — Estudo fármaco-químico da Unha-de-Vaca — Rio — 1942.
- Cruz — Jaime P. Gomes da: Revista da Flora Medecinal — Rio 1941-1950.
- Decker — João Siefried: Aspectos Biológicos da Flora Brasileira — S. Leopoldo — 1936.
- Emrich — Karl: Os nomes populares das plantas do Rio Grande do Sul — P. Alegre — 1935.
- Epling — C. & J. F. Toledo — Labiadas — Flora Brasílica — Vol. XLVIII; 1-14 — 1943.
- Fischer — Dr. Wilhelm J.: Heilpflanzen der Heimat in Wort und Bild — Leipzig — 1937.
- Herbário Anchieta de P. Alegre com 45.000 números de plantas.
- Herbário "Barbosa Rodrigues", de Itajaí com 5.000 números de plantas.
- Hoehne — F. C.: O que vendem os hervanários da cidade de S. Paulo — S. Paulo — 1920.
- Hoehne — F. C.: Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais — S. Paulo — 1939.

- Hoehne, Kuhlman e Handro — O Jardim Botânico de S. Paulo — S. Paulo — 1941.
- Hoehne — F. C.: Flora Brasílica — S. Paulo — 1942 até 1949.
- Quertzenstein — B. — Guia Catedral da Medicina Vegetal — 1940.
- Lilloa — Revista de Botânica — Tomos IX até XV — 1938 até 1949.
- Lorenz — Francisco Valdomiro: Receituário dos melhores remédios caseiros — S. Paulo — 1940.
- Lucas — Virgílio: Estudo Farmacêutico do Guaco — Rio — 1942.
- Maia — Emílio Joaquim da Silva: Plantas Monocotiledôneas Brasileiras empregadas na Medicina — Rio — 1940.
- Mata — Alfredo Augusto da: Flora médica brasileira — 1913.
- Martius, Eichler et Urban: FLORA BRASILIENSIS.
- Nicholson — G. & S. Mottet — Dictionaire Pratique d'Horticulture et Jardinage — 1896.
- Orth — P. Pedro Canísio — A Flora Medicinal do Herbário Anchieta na Exposição Farroupilha — P. Alegre — 1935.
- Peckolt — Gustavo: Antelmínticos Brasileiros.
- Peckolt — Gustavo: As dez árvores genuinamente brasileiras mais úteis na medicina — Rio — 1942.
- Penna — Meira: Dicionário Brasileiro de Plantas Mediciniais — Rio — 1946.
- Penna — Meira: Botânica pitoresca — Rio — 1945.
- Pereira — Huascar: Dicionário das Plantas Úteis do Estado de S. Paulo — 1939.
- Piso — Guilherme: História Natural do Brasil Ilustrada — S. Paulo — 1948.
- Rambo — P. Balduino: A Fisionomia do Rio Grande do Sul — Porto Alegre — 1942.
- Rambo — P. Balduino: Organizador, coordenador e diretor do Herbário Anchieta.
- Revista da Flora Medicinal — Rio — 1939 até 1949.
- Rosenstock — E. (Gotha) — Beitrage zur Pteridophytenflora Suedbrasiliens — Hedwigia, XLIII Band e XLIII Band.
- Schmeil — Fitschen: Flora von Deutschland.
- Silva — J. Monteiro da Silva & Cia. — Flora Medicinal.
- Silva — Rodolfo Albino Dias da: Farmacopeia dos Estados Unidos do Brasil — Oficializada.
- Teodoro — Irmão, Irmão Augusto, Irmão Edésio e Major Karl Emrich — Flora do Rio Grande do Sul — Fasc. I e II. — P. Alegre — 1941.

IDENTIFICAÇÃO DAS PLANTAS

Serviram como base de identificação as plantas das coleções do Herbário Anchieta do P. Balduino Rambo, S. J., as do Herbário "Barbosa Rodrigues" de Itajaí com a colaboração de diversos especialistas nacionais e estrangeiros.

IMBITUBA DE PÉ

P. Raulino Reitz

Entro com prazer na liça quando é necessário defender algo no forum das plantas.

Nos últimos dias de 1949 achava-me na Secção de Cartografia e Geodésia do Conselho Nacional de Geografia do Rio de Janeiro para consultar sôbre altitudes catarinenses. Nesta ocasião ouvi a nova sôbre a mudança do simpático e sonoro nome de Imbituba para Henrique Lage. Como tenho uma antipatia natural à mudança de coisas bem fundamentadas me veio incontinenti forte reação que manifestei a algumas das pessoas mais altamente colocadas e formadas em geografia. Todos achamos um absurdo inqualificavel em querer eliminar êsse nome histórico e de sabor genuinamente brasileiro que já pertence ao patrimônio cultural da Nação. É política sugeriu um. Política deve existir, mas não em geografia, emendei.

Foi na baía de Imbituba que se abrigou a esquadilha, que, em 1839, foi expedir de Laguna as forças dissidentes, oriundas do Rio Grande do Sul. O nome de nossa progressista cidade já consta nos mapas mais antigos.

O topônimo IMBITUBA ((nesta grafia) é único no Brasil e determina a baía do mesmo nome, em S. Catarina, e o farolete situado na extremidade do morro de igual nome, inaugurado a 9 de agosto de 1882. Há, no entanto, fóra de S. Catarina, outros topônimos com a mesma significação e com o mesmo radical, mas com grafia modificada, como Imbitiba, Imbituva e Imbituvinha.

A etimologia do termo IMBITUBA nos demonstra o seu valor geográfico. Deriva-se de "Imbé" e "tuba".

IMBÉ, também denominado guaimbé, é uma planta muito conhecida tanto pelo índio como pelos homens do mar, agricultores, construtores e jardineiros. Pertence a família das Aráceas e os botânicos a chamam *Philodendron bipinnatifidum* SCHOTT. Suas folhas são magestosas e diversas vezes fendidas. Sua copa frondosa faz com que se conte entre as plantas ornamentais mais formosas. Vive indiferentemente no solo ou nas árvores. No último caso emite de cima raízes adventícias que caem por espaço de muitos metros e penetram no chão. É este o famoso cipó imbé. A casca deste cipó é assás procurada para cordas e substitui, em muitos casos, com vantagem, o arame e diferentes fibras vegetais. O índio firma com o cipó a ponta da flechas na haste e protege as pernas com cordinhas do mesmo cipó. Quando um índio adocece, apertam-lhe o corpo inteiro com cordas de imbé, e deitam em baixo do leito, desde a cabeça até o grosso das pernas, hervas sôbre brasas para produzirem densa fumaça.

"Imbé" provém de "Ym-mbé" que significa planta que rasteja segundo VON MARTIUS e a maioria dos entendidos. Outros autores interpretam diferentemente o nome "Imbé". CRISTOVAM DE MAURICÉA afirma significar: "y-embé": praia, orla de água. Esta interpretação não é provável no nosso caso porque o mesmo nome, somente trocando "b" com "v", é dado a um rio e cidade da zona serrana do Paraná. Aí só se pode referir à planta imbé e não aos cômodos de areia e orlas arenosas do litoral. ST. HILARE ainda acha que "imbé" significa coisa reunida, coisa em cacho, certamente com referência ao sistema peculiar da inflorescência do Imbé.

"Tuba", ou "tuva", "tiba" ou "tiva" significa abundância.

IMBITUBA significa, pois, lugar onde abunda o imbé, ou o cipó imbé.

Nada mais justo do que conservar este único topônimo que na língua do autóctone significa "Imbé em abundância" um dos mais típicos ornamentos e utilidades de nossas verdes matas, cerradas de lianas e coloridas de belas e perfumadas flôres.

O amigo leitor já nota que meu intento não é atacar e nem de leve desmerecer os méritos indiscutíveis de HENRIQUE LAGE que com suas valiosas organizações industriais e comerciais de verdadeiro patriôta ninguém desconhece. A administração atual deve, em memória de sua vida, ligar o nome deste espírito empreendedor e administrador inteligente a muitas organizações de seu ramo e mesmo a praças e avenidas de todo o país para exemplo às novas gerações. Sem dúvida é destes tipos sociais que o Brasil carece. O que acho, porém, descabido é trocar um nome histórico-geográfico único, antiquíssimo e de grande significação para o nosso Estado só por fins insignificantes e inexplicáveis. Imituba é uma relíquia geográfica que não poderá desaparecer.

Imbituba ficará de pé.

Fico tranqüilo ao levantar o meu protesto nas colunas de nossa imprensa, pois, traduzo o espírito de quantos se interessam pelo culto de nossas tradições, pela integridade do nosso patrimônio cultural. Acho-me estribado em nossa consciência coletiva de povo culto e zeloso de suas tradições.

Faço uso da grande arma de GUTENBERG para confirmar a atitude do povo de Imbituba que diante do câmbio antidemocrático do nome de seu lugar guarda silêncio, "in verbis et scriptis", nunca usando oficialmente o novo nome imposto. O silêncio do povo no caso tem valor de veemente protesto à infeliz inovação.

Imbituba de pé

Brusque, 5 de março de 1950.

Obs. Consta que oficialmente o nome da cidade sulina voltou a ser chamada Imbituba. N. A. — Julho de 1950.

ARÁCEAS RIOGRANDENSES

B. Rambo S. J.

A família das Aráceas, como essencialmente tropical, está fracamente representada no Rio Grande do Sul; como ainda não existe uma vista de conjunto para este Estado, publico aqui as espécies encontradas em quase vinte anos de pesquisas de campo.

ANTHURIUM L.

Anthurium Willdenowii Kunth, Enum. Plant. III. (1841) 71. — Engler, FB III. 2. (1878) 84; PR IV. 23B (1905) 150.

Herbário Anchieta, 31564, det. Emrich-Rambo.

Sta. Catarina, Sombrio perto de Araranguá, mato do Pirão Frio, sobre árvore caída, 3.2.1946, com flores e frutos, colhidos por B. Rambo.

Até o momento a presente espécie ainda não foi colhida no próprio território do Rio Grande; como, porém, o lugar citado dista apenas 30 kms. da divisa do município de Torres, não duvido da sua existência nos matos baixos e húmidos ao pé da Serra Geral; isto tanto mais, quando a quase totalidade das espécies tropicais e características de Sombrio já foi constatada para os arredores de Torres e o litoral norte do RGS.

Segundo FB a espécie é central-brasileira; segundo PR foi achada na Ilha de Santa Catarina e perto de Tubarão; Sombrio, portanto, é, até agora, o ponto mais meridional certo para esta espécie.

A. Scandens (Aubl.) Engl., FB., FB III. 2. (1878) 78, tab. 7; PR IV. 23B (1905) 57, fig. 21.

Dracontium scandens Aubl., Hist. Pl. Gui. franç. (1775) 836.

Herbário Anchieta, det. Emrich-Rambo:

26. Pôrto Alegre, Vila Manresa, epifítica na mata virgem, 16.9.1933, com flôres, colhida por B. Rambo S. J.

29446. Pôrto Alegre, Vila Manresa, epifítica na Mata virgem, 4.10.1945, com flores, colhida por B. Rambo S. J.

31691. Sta. Catarina, Sombrio perto de Araranguá, epifítica na mata palustre do Pirão Frio, 3.2.946, com frutos, colhida por B. Rambo S. J.

Este último exemplar apresenta os frutos levemente tintos de azul, o que sugere a var. *violaceum* (Sw.) Engl., FB III. 2. (1878) 78, tab. 7 (*Pothos violaceum* Sw., Prodr. (1788) 32; provavelmente todo o material pertence a esta variedade).

Esta espécie mostra bem o caminho, que tomaram raros representantes da flora tropical a partir do sul de Sta. Catarina ao longo

da Serra Geral até Pôrto Alegre; aqui é raríssima, tendo sido constatada ainda num mato ao lado sul do Morro da Polícia por Karl Emrich.

Pertencem ao mesmo contingente tropical de imigração *Euterpe edulis* Mart., *Cecropia lyratiloba* Miq., *Coussapoa Schottii* Miq., *Anona cacans* Warm., *Heliconia biaihi* L. e outras.

PHILODENDRON Schott.

Ph. Selloum G. Koch, Bot. Ztg X. (1852) 277. — Engler, FB III. 2. (1878) 169, tab. 37; PR 23Db (1913) 135.

Herbário Anchieta, det. Emrich-Rambo.

28511. Nonoai perto de Sarandí, epifítica na selva virgem marginal do Uruguai 6. 3. 1945, esteril.

Embora esta espécie conste uma única vez no herbário, é frequentíssima em dois centros disconexos o Alto Uruguai e o litoral norte.

No Alto Uruguai sua zona de dispersão coincide com a da selva marginal deste rio; é tão abundante que determina parte da fisionomia do interior do mato. Na beira do campo, de geralmente epifítica, passa frequentemente a terrestre.

No litoral do norte é preferentemente terrestre, especialmente em matos abertos e brejosos. Observei postos avançados perto de Sto. Antônio da Patrulha, na mata virgem do alto do Morro Ferrabraz, e exemplares terrestres perto de Novo Hamburgo; estes últimos serão provavelmente as extremas pontas de penetração a partir de Torres. Do Herbário "Barbosa Rodrigues", tenho um fragmento incompleto (n. 839, Herbário Anchieta 31998) de Sombrio, determinado com *Ph. bipinnatifidum* Schott; não posso julgar a respeito de sua identidade, mas o certo é que todo o material riograndense, também o do litoral norte em contato com a flora de Sombrio, sem dúvida pertence à espécie acima citada.

A existência em dois centros separados é fitogeograficamente interessante; a do litoral norte corresponde ao lugar citado em FB (Santos), a do Alto Uruguai aos lugares citados em PR, S. Paulo, Paraguai. Na realidade, estas duas regiões são as únicas que permitem a estadia de espécies tropicais no RGS.

Ph. imbe Schott, Melet. I. 19. — Engler, FB III. 2. (1878) 161, tab. 33.

Herbário Anchieta, det. Emrich-Rambo.

2533. Cerro do Umbú perto de Osório, epifítico na mata virgem das ribanceiras do Maquiné, 31.12.1934, com flôres, colhida por B. Rambo SJ.

31548. Sombrio perto de Araranguá, epifítico na mata palustre do Pirão Frio, 3. 2. 1946, com flôres, colhida por B. Rambo SJ.

Esta espécie pertence ao contingente tropical do litoral, sem penetrar tão profundamente como as anteriormente citadas. Frequente perto de Torres, escasseia rapidamente em direção sul. Observei-a ainda no ângulo interno norte da Lagoa dos Barros. Seu ponto mais meridional é, por enquanto, o vale do rio Maquiné.

Ph. Sonderinum Schott, Österr. Bot. Woch. (1857) 237. — Engler, FB III. 2. (1878) 148, tab. 29, fig. 1.

Herbarium Anchieta, det. Emerich-Rambo.

2533. S. Francisco de Paula, epifítico na mata virgem da Serra Geral, 14. 1. 1937, com flores, colhida por B. Rambo SJ.

6451. Iraí no Alto Uruguai, epifítico na mata virgem, 1941, com flores colhido por K. Emerich.

ASTEROSTIGMA Schott.

Asterostigma lividum (Lodd.) Engl., PR IV. 23F (1919) 46.

Caladium lividum Lodd., Bot. Cab. (1829), tab. 1590.

Staurostigma concinnum C. Koch, Ender Index Ar. (1864) 77. — Engler, FB III. 2. (1878) 204.

Asterostigma concinum Schott, Österr. Bot. Woch. II. (1852) 674. Herbário Anchieta, det. Emerich-Rambo.

28216. Nonoai perto de Sarandí, na selva marginal do Alto Uruguai, 3.3.1945, esteril, colhido por B. Rambo SJ.

Embora esteril, a folha coincide perfeitamente com a var. *typicum*

Engler, PR 1. c. 47, fig. 5

No herbário encontram-se mais dois espécimes estéreis da selva marginal do Alto do Uruguai; as folhas diferem bastante da acima mencionada, mas com a variabilidade é grande, só a inflorescência poderia decidir, se pertencem a ela ou não; outro espécimen, igualmente indeterminável, provém do vale do Rio Pelotas, no município de Bom Jesús.

Em todo o caso, *Asterostigma* se acha limitado ao vale do Uruguai.

SPATHICARPA Hook.

S. hastifolia Hook., Bot. Misc. II. (1831) 187. — Engler, FB III. 2. (1878) 211; PR IV. 23F (1919) 57.

Herbário Anchieta, det. Emerich-Rambo.

27. Pôrto Alegre, Morro da Glória, beira de matinha campestre, 16.8.1933, com flores, colhida por B. Rambo SJ.

7412. S. Leopoldo, 1906, com flores, colhida por F. Theissen SJ.

9286. Jarí perto de Tupanciretan, beira do mato, 26. 1. 1942, com flores, colhida por B. Rambo SJ.

26534. Parecí Novo perto de Montenegro, 6.1944. com flores, colhida por E. Henz SJ.

26699. Cerro Largo perto de S. Luiz, 8.1944, com flores, colhida por E. Friderichs SJ.

28380. Nonoai perto de Sarandí, 5. 3. 1945, esteril, colhida por B. Rambo SJ 29457. Sapucaia perto de S. Leopoldo, beira do mato, 5.9 1945, com flores, colhida por B. Rambo SJ.

31245. Vila Oliva perto de Caxias, em pinhal aberto, 15.1. 1946, com flores, colhida por B. Rambo SJ.

É a única das espécies riograndenses espalhada, ao que sugerem os lugares citados, através de todo o território; já e FB e PR a citam para o RGS, e Herter *Florula uruguayensis* (1930) 44, para o norte do Uruguai.

As folhas diferem bastante de espécimen a espécimen, sendo às vezes, especialmente em exemplares mais novos, cordado-ovadas, agudas, sem lobos; na maioria dos casos, porém, são tipi-

camente cordado-ovado-hastadas, com os lobos basais ovados, fortemente divergentes e obtusos; por vezes, estes lobos estão na base fendidos até quase a nervura principal.

Seu habitat predileto é a beira graminosa e ensombrada das matinhas campestres; na Serra Geral é ainda frequente nas roças, onde resiste graças aos tubérculos profundamente enterrados no solo.

S. lanceolata Engl., DC Mon. Phan. . II. (1879) 531; PR 23F (1919) 54.

Herbário Anchieta, det. Emerich-Rambo.

8754. Bom Jesus perto da cidade, em lugar brejoso e inundável à beira dum arroio, 16.1. 1942, com flores, colhida por B. Rambo SJ.

30.913. Vila Oliva perto de Caxias, num banhado, 2.1.1946, estéril, colhida por B. Rambo SJ.

Esta espécie, citada para o Paraguai, no RGS parece limitada ao planalto do nordeste; habita sempre nos banhados, no meio de densa vegetação de *Cyperus*, *Xyris*, *Juncus*, *Eryngium*, *Heleocharis*, onde os pecíolos das folhas atingem por vezes 0,75 ms. de comprimento.

Constitue densos conjuntos, com os tubérculos profundamente enterrados no lodo, e raras inflorescências.

S. sagittifolia Schott, citada por Bornmüller para Neu-Württemberg (hoje Panambi no planalto noroeste) (Florula riogr., Rev. Sudam. Bot. I. n. 5 (1934) 133) parece basear-se numa determinação errônea; segundo FB e PR, esta espécie ocorre no nordeste do Brasil (Bahia, Piauí); em todo o caso, nunca colhi nem observei esta espécie no RGS.

PISTIA L.

P. stratiotes L., Gen. Pl. ed. I. (1737) 275, n. 694. — Engler, FB III. 2. (1878) 212, tab. 52; PR 23F (1919) 259.

Herbário Anchieta, det. Emrich-Rambo.

1891. S. Leopoldo, em banhado, 6-5-1935, esteril, colhida por B. Rambo SJ.

10855. Marcelino Ramos no Alto Uruguai, em água parada, 1.1945, esteril, colhida por E. Friderichs SJ.

10856. Linha Imperial perto de Nova Petrópolis, em banhado, 1-1-1943, esteril, colhida por B. Rambo SJ.

26881. Porto Alegre, em aquário, 1944, com flores, colhida por P. Buck SJ.

Esta espécie é largamente espalhada pelos banhados e remansos de água parada na região média e sul do Estado. Nas águas marginais do Guaíba forma grandes conjuntos em união com *Eichhornia crassipes* (Mart. Solms e Pontederia cordata L. Florece raras vezes.

A estas 9 espécies riograndenses existentes no Herbário Anchieta deve acrescentar-se mais uma, até agora não encontrada por mim:

Mangonia Tweedieana Schott, segundo FB e PR no Uruguay e RGS limitrofe; Herter a menciona para Artigas, província uruguaia fronteiriça.

Com alguma probabilidade podem ser esperadas para o RGS as seguintes espécies:

Anthurium undulatum Schott, segundo PR. em Sta. Catarina.

A. Gaudichaudianum Kunth, segundo PR. em Sta. Catarina.

Philodendron bipinnatifidum Schott, segundo FB e PR na Ilha de Sta. Catarina.

P. ochrostemon Schott, segundo PR em Sta. Catarina.

P. Tweedieanum Schott, segundo Herter no Uruguai.

Asterostigma Tweedieanum Schott, segundo FB e PR na Ilha de Sta. Catarina.

Heteropsis Spruceana Schott, segundo PR em Sta. Catarina.

As espécies mais comuns **cultivadas ao ar livre** são:

Alocasia macrorrhiza Schott, *Richardia africana* Kunth, e *Monstera deliciosa* (L.) De Vriese.

Temos assim 9 espécies certamente existentes no RGS, das quais 8 no Herbário Anchieta; uma (*Anthurium Willdenowii* Kunth) com máxima probabilidade; e 7 possíveis.

Relativamente a estas últimas, a probabilidade não é muito grande, visto as Aráceas serem plantas que dificilmente escapam ao colecionador.

A discussão fitogeográfica das Aráceas riograndenses apresenta ao seguinte quadro:

Só duas espécies, *Spathicarpa hastifolia* Hook. e *Pistia stratiotes* L., se acham espalhadas por todo o território.

Três espécies, *Anthurium Willdenowii* Kunth, *A. scandens* (Aubl.) Engl., e *Philodendron imbe* Schott, limitam-se à flora tropical costeira imigrada através da porta de Torres; delas só *A. scandens* atinge Porto Alegre.

Uma espécie, *Asterostigma lividum* (Lodd.) Engl., confina-se à selva marginal do Alto Uruguai.

Uma espécie, *Spathicarpa lanceolata* Engl., foi encontrada só nos banhados do planalto nordeste.

Uma espécie, *Mangonia Tweedieana* Schott, é exclusiva da fronteira do sudoeste.

Dois espécies, *Philodendron Selloum* G. Koch, e *P. Sonderianum* Schott, habitam o Alto Uruguai e a região de Torres.

Esta distribuição esporádica e parcialmente desconexa evidencia dois fatos:

Primeiro, que o RGS constitui o limite sul das Aráceas brasileiras.

Segundo, a penetração se operou através das duas zonas de contato entre a selva subtropical riograndense e a mata virgem do Brasil meridional: O Alto Uruguai e a porta de Torres.

Na fisionomia da vegetação riograndense só duas espécies exercem influxo:

Philodendron Selloum G. Koch no Alto Uruguai e na região de Torres; e *Pistia stratiotes* L. na vegetação flutuante dos aguapés.

Porto Alegre, 26 de abril de 1950.

B. Rambo SJ.

A PORTA DE TORRES

Estudo fitogeográfico

B. Rambo SJ.

A porta de Torres é formada pelo oceano e a Serra Geral; esta, enviando um contraforte rebaixado até o Atlântico, deixa lugar para uma estreita passagem, única estrada natural entre a fronteira nordeste e leste do RGS com Sta. Catarina. Por momentos, os rochedos de Torres interrompem a monotonia do litoral arenoso, que se estende desde o Chuí até Tubarão.

O trecho rebaixado da Serra Geral, cujo esporão mais avançado é o ilhote dos Lobos ao largo de Torres, permite a formação de tres pequenos rios profundamente escavados nos flancos da escarpa: o Mampituba ao norte, recebendo a maior parte de suas águas do lado rio-grandense; o Tres Forquilhas no meio; e o Maquiné ao sul; estes dois últimos, através das lagoas costeiras intercomunicantes, desembocam unidos em Tramandaí.

Um rosário de lagoas se estende ao pé da Serra: A Lagoa dos Barros ao sudoeste de Osório, sem tributários de importância e sem desaguadouro; a Lagoa dos Quadros no meio; a Lagoa Itapeva ao norte; estas duas últimas, através de sangradouros naturais adaptados permitem a pequena navegação a começar de Osório até perto de Torres. São lençóis de água rasa, não passando de 10 metros de profundidade, com margem rochosa do lado interno, cercadas de vastos pantanais no lado externo e nos trechos intermediários. A Lagoa dos Quadros é particularmente rica em peixes, distinguindo-se o peixe-rei, cuja criação é efetuada por um posto federal moderno.

A faixa arenosa da praia, especialmente na parte norte, estreita-se sempre mais, até desaparecer em Torres. Atrás dos medanos móveis começa a planura coberta de gramináceas e arbustos baixos, muitas vezes interrompida por trechos brejosos.

A esta tríptica divisão da paisagem corresponde o aspecto geral da vegetação:

A faixa de areias solidificadas ou semi-móveis é dominada por trechos desnudos, matinhas secas no alto de dunas imobilizadas, campos secos e ralos, baixadas húmidas subarborescentes, pequenas lagoas e pantanos invadidos pela vegetação, e matinhas palustres densas, mas de pouca altura.

A zona das lagoas, além dos quadros de vegetação palustre mencionados, apresenta, sempre do lado externo e nos trechos intermediários, um tipo particular de mata virgem densa e húmida, superabundantemente carregado de espécies epifíticas, Orquídeas, Cactáceas, Bromeliáceas, Aráceas.

A própria escarpa da Serra Geral ostenta densa cobertura de mata virgem subtropical, que em virtude do forte declive se acha muitas vezes reduzida a pouca altura ou inteiramente interrompida, principalmente debaixo da aba do planalto, coroado de pinheiros.

O clima é relativamente quente, mas benéficamente temperado, tanto no verão como no inverno, pela brisa marítima. Esta ainda é a principal causadora das abundantes chuvas de ascensão, derramadas sobre os flancos da Serra. Em virtude destas condições climáticas o café, a banana, a cana de assucar, o abacaxi e outras plantas tropicais são cultivadas com vantagem; o reverso é a malária, praga endêmica na parte extrema do norte.

Até o aproveitamento do litoral entre Tramandaí e Torres como estrada de comunicação com Sta. Catarina, a zona em apreço permaneceu entregue a si, efetuando-se os transportes por cargueiros ou pela longa e circunstanciosa navegação lacustre até P. Alegre; colonos alemães localizados nos fundos de Torres desde 1826 não tiveram o pujante desenvolvimento observado no resto do Estado.

Este fato explica os poucos dados botânicos datados do século passado. Dos exploradores antigos, só Saint-Hilaire, no inverno de 1820, percorreu o litoral entre Torres e Tramandaí, demorando-se algum tempo na histórica fazenda do Arroio perto de Osório (antiga Conceição do Arroio); sua colheita não foi numerosa. Sellow, desde Novembro de 1826 até maio de 1827, fez a viagem em sentido oposto, saindo de Porto Alegre e passando, sobre Sto. Antônio da Patrulha, ao território catarinense; colheu, nesta travessia, os ns. 4.098-4239.

Dos botânicos posteriores só Dutra colheu material botânico na região em apreço, limitando-se, porém, quase exclusivamente a filicíneas e orquídeas.

Em fevereiro de 1946 travei o primeiro conhecimento com a flora do litoral, trabalhando duas semanas em Sombrio, além do Mampituba, em solo catarinense; a começar do novembro de 1949 durante todo o verão realizei 10 excursões maiores entre Osório e a margem norte da Lagoa dos Quadros, que deram como resultado cerca de 1.000 números com aproximadamente 500 espécies. Embora os próprios arredores de Torres me sejam ainda terra desconhecida; embora o material colhido não passe, certamente da quarta parte da flora local; embora, ainda, grande número de espécimens aguarde classificação; o conhecimento adquirido me parece suficiente, para satisfazer ao título deste trabalho.

Não sendo minha finalidade enumerar todas as espécies identificadas com segurança, senão de apenas mostrar o fato da corrente imigratória tropical através da porta de Torres, limito-me a citar espécies absolutamente características, indicando sua penetração no interior do RGS, com bases em quase vinte anos de pesquisas botânicas neste Estado.

PALMEIRAS

Euterpe edulis Mart. — Esta espécie, abundantíssima nas matas catarinenses no âmbito da Serra do Mar, penetra no RGS ao longo do talude da Serra Geral, subindo por esta até cerca de 500 metros de altitude. Faltante na matinha baixa do litoral arenoso, torna-se a palmeira dominante em muitos lugares da mata virgem da baixada ao pé da Serra.

Até o rio Maquiné, sua dispersão é contínua; de lá para o oeste, sempre entre 400 e 500 metros de altitude, seu território torna-se desconexo, até terminar por completo no vale do Jacuí médio, no centro do Estado.

Esta discontinuidade oferece aspectos singulares: ausente a largos trechos, reaparece de repente em grande quantidade, limitando-se porém a lugares bem determinados. Assim, p. e. no vale médio do arroio S. Salvador, afluente direito do Caí, é abundante na mata montanhosa do lado noroeste, faltando por completo, sem aparente razão, no lado oposto.

Geonoma Schottiana Mart. — Ocorrem, no RGS, ao menos duas variedades, no sentido de Drude (FB 3.2.492): uma de segmentos muito desiguais e largos, por vezes quase sem divisões, frequente ao longo de toda a Serra Geral e no Alto Uruguai; outra, de divisões estreitas, mais ou menos de igual largura, só perto da ponta coerentes. Esta última é imigrante através da porta de Torres. Ao lado de Euterpe é a palmeira mais frequente na mata virgem brejosa ao pé da Serra; avança, porém, mais longe do que aquela, estabelecendo-se com frequência na matinha pantanosa entre as dunas semi-móveis perto da costa do mar. De lá irradia sobre a planície central, lançando os seus postos mais avançados até S. Leopoldo e Porto Alegre.

ARÁCEAS.

Anthurium scandens (Aubl.) Engl. — Desta espécie multiforme, a var. *violaceum* (Sw.) Engl., foi por mim encontrada nos dois pontos extremos do território em questão: Sombrio no sul de Sta. Catarina, e Vila Manresa ao sul de Porto Alegre. Parece muito rara, pois em centenas de excursões nos arredores de P. Alegre só a encontrei em dois lugares pouco distantes.

Anthurium Willdenowii Kunth. — Até o momento só conheço um único espécimen de Sombrio, fronteira catarinense perto de Torres; não duvido, porém, que exista também no território riograndense limítrofe.

Philodendron Selloum C. Koch. — Esta espécie ocorre no RGS em dois centros separados: a margem do Alto Uruguai, onde é preferentemente epifítica, e a zona em aprêço, onde é mais terrestre. Sua zona de maior frequência são os matos semi-brejosos muito abertos com numerosas figueiras. A partir de Osório em direção a Porto Alegre começa a rarear; observei exemplares em Glorinha perto de Gravataí, em Novo Hamburgo, e na mata virgem no alto do Morro Ferra-braz, entre Taquara e S. Leopoldo.

Philodendron imbe Schott. — Habita a mata alta dos pântanos ao pé da Serra Geral; sua frequência, na região em aprêço, não é grande; encontrei um parco exemplar no ângulo interno da Lagoa dos Quadros, outro no vale médio do Maquiné; mais para o sul parece faltar por completo.

Philodendron Sonderianum Schott. — Tenho um único exemplar da mata virgem da parte superior da Serra, perto de S. Francisco; outro provém de Iraí, no Alto Uruguai, o que prova que sua imigração no RGS não se deu unicamente pela porta de Torres.

CYCLANTHÁCEAS.

A presença desta família altamente tropical entre os paralelos 29

e 30 certamente é notável. Tenho um exemplar da boca da caverna no lado interno da Lagoa de Sombrio, 30 Kms. da fronteira riograndense; sua ocorrência ao sul da porta de Torres é provável. Embora não faltem dúvidas, parece ser *Carludovica tetragonopus* Mart..

ERIOCAULACEAS.

Paepalanthus polyanthus (Bong.) Kunth. — Esta bela espécie, frequente no litoral catarinense, parece ter o seu limite meridional nos arredores de Torres, onde foi colhida por Reitz; pessoalmente nunca a encontrei no RGS.

Segundo Ruhland, Pflanzenreich IV. 30,199, teria sido encontrado "em lugares húmidos no RGS" por Sellow, levando o número 1.934. Como os números Sellowianos 1293-1503 são duma excursão ao Rio Pardo no centro do Rio Grande; e como esta espécie posteriormente jamais foi vista por outro botânico em tal região, tenho as minhas dúvidas a respeito desta indicação.

Syngonanthus chrysanthus (Bong.) Ruhl. — O fato de ter sido esta espécie, a mais comum e mais abundante das Eriocauláceas do litoral, encontrada unicamente por Sellow (n. 2.404), bem demonstra a deficiência das pesquisas nesta região. Frequente em Sombrio, cresce aos milhares sem conta de exemplares nos terrenos húmidos, gramíneos ou pantanosos entre as dunas fixadas pela vegetação. Parece escassear rapidamente em direção sul, pois não a encontrei na linha Viamão — Cidreira; nem Malme a cita para os arredores da cidade do Rio Grande.

Eriocaulon megapotaemicum Malme. — O lugar típico desta espécie é Povo Novo perto de Pelotas; entretanto, é o *Eriocaulon* predominante dos arredores de Osório, onde cresce de mistura com o *Syngonanthus* acima mencionado.

Eriocaulon magnificum Ruhl. — Até o momento só o conheço de Sombrio; sua constatação ao sul de Torres é questão de ulteriores pesquisas. Seja dito de passagem, que após comparação minuciosa do material com *E. megapotaemicum*, não estou convencido duma verdadeira diferença entre as duas espécies.

Eriocaulon modestum Kunth. — Citada por FB para a Ilha de Sta. Catarina, foi constatada em Mostardas por um exemplar da Herbario Anchieta, para os arredores da cidade do Rio Grande por Malme, e para o Uruguai por Herter; no litoral norte ainda não a encontrei.

BROMELIACEAS.

Nidularium procerum Lindm., e *N. Innocentii* Lam. foram encontradas na região fronteira de Sta. Catarina, existindo provavelmente também perto de Torres.

Wittrockia superba Lindm., comum em Sombrio, foi ultimamente encontrada por mim na mata paludosa da margem interna da Lagoa dos Quadros.

Prionophyllum maritimum (Bak.) Mez descoberto por Tweedie nos rochedos de Torres, iradia, embora em exemplares escassos, até os morros graníticos de Porto Alegre e os rochedos despidos da aba superior da Serra Geral até Canela.

O genero *Vriesea* no RGS (*V. platynema* Gaud., *Mosenii* Mez, *psittacina* Lindl. Saundersii (C. Koch) E. Morr., *corcovadensis* Mez) provavelmente todas entraram pela porta de Torres; *V. Philippo-Coburgi* Wawra, *carinata* Wawra, *erythroactylon* E. Morr. foram por Reitz colhidas na região fronteiriça de Sombrio.

O território das *Vrieseas* riograndenses, por enquanto é difícil de se precisar: parece que se acumulam na mata da planície central em contato com o litoral norte.

LILIÁCEAS.

Herreria salsaparilha Mart. ocorre em Sombrio, devendo ser esperado na região fronteiriça do RGS.

MUSÁCEAS.

Heliconia biahi L. — É uma das espécies tropicais mais típicas de irradiação através da porta de Torres. Do lado catarinense ocorre frequente na mata paludosa ao pé da Serra Geral, subindo ocasionalmente até cerca de 100 metros sobre o mar. No RGS é frequentíssima na margem interna superior da Lagoa dos Quadros, mas parece faltar na Lagoa dos Barros. De lá para o interior, suas ocorrências desconexas tomam um aspeto semelhante às de *Euterpe edulis* Mart. Como por vezes é cultivada, difícil se torna precisar sua proveniência. Conheço apenas um lugar, onde é certamente indígena: ao longo dum arroio no alto do Morro Itacolumi, perto de Gravataí.

MARANTÁCEAS.

Maranta divaricata Roscoe foi por mim encontrada em Sombrio, faltando, por enquanto, no RGS, onde é frequente *M. arundinacea* L.

Duas outras Marantáceas, uma *Calathea* e uma *Sarante*, ainda não plenamente determinadas, existem na mata virgem pantanosa ao lado norte interna da Lagoa dos Quadros.

Ctenanthe Mülleri Peters., frequente na mata virgem da hacia do Caí, certamente pertence à mesma corrente imigratória, mas ainda sem ligação direta com a zona em aprêço.

ORCHIDÁCEAS.

Esta família foi particularmente bem estudada por Dutra do lado riograndense e por Reitz no sul de Sta. Catarina; ultimamente G. Pabst enriqueceu o inventário daquela região com várias novidades geográficas. Limito-me aqui à escolha de poucos tipos significativos da Flora de Torres.

Psilochilus modestus Barb. Rodr., segundo Schlechter perto de Torres.

Cleistes australis Schltr., segundo Schlechter perto de Torres; encontrei a mesma espécie na Fazenda do Arroio entre Osório e Tramandaí.

Vanilla Chamissonis Kl. ex. Cogn., abundante na matinha esportiva de Sombrio e Torres, parece não existir mais para o sul.

Há, porém, duas outras espécies de *Vanilla* riograndenses geo-

gráficamente novas: uma, várias vezes encontrada por mim na mata virgem ao sul de P. Alegre, parece-se *V. Edwalli*; outra, achada por Pabst na mata montanhosa da Serra Geral ao lado interno da Lagoa dos Quadros, talvez seja *V. verrucosa* Haum.

Laelia purpurata Ldl., e *L. elegans* Rchb. f., são ambas frequentes nos arredores de Torres; a segunda penetra até o centro do Estado.

Brassocattleya Lindleyana (Rchb. f.) Rolfe, até agora só constata para Torres.

Promenaea riograndenses Schltr., com o lugar típico Torres.

Notylia pubescens Ldl., até agora só encontrada em Torres.

Das cerca de 300 espécies riograndenses, a maioria das epifíticas certamente entrou pela porta de Torres; em virtude da extensão da família da falta dum trabalho de conjunto (Schlechter com sua 174 espécies enumera pouco mais da metade), é difícil julgar da proveniência geográfica das espécies de origem tropical.

BURMANNIACEAS.

Dictyostegia orobanchoides Miers foi encontrada por Reitz em Sombrio.

MORACEAS.

Coussapoa Schottii Miq., é muito frequente nas matinhas do litoral, estendendo-se até os morros graníticos de Porto Alegre.

Cecropia obtusa Trec. é uma componente característica da mata de pouca altura na parte inferior da Serra Geral catarinense; é ainda muito frequente nos municípios de Torres e Osório. De lá para o oeste torna-se sempre mais rara; encontrei exemplares isolados à meia altura do Morro Ferrabraz entre Taquara e Novo Hamburgo.

Cecropia lyratiloba Miq., ao contrário da anterior, é árvore campestre comum em toda a zona norte do litoral; é ainda frequente nos arredores de S. Leopoldo e P. Alegre.

SANTALACEAS.

Thesium aphyllum Mart., por ora só consta dos campos arenosos e sub-húmidos do litoral de Sombrio; não duvido de sua presença na prolongação riograndense do mesmo ambiente.

CHENOPODIACEAS.

Salicornia Gaudichaudiana Mey., frequente ao longo do litoral catarinense ocorre também em Tramandaí.

MAGNOLIACEAS.

Talauma ovata Stbil., uma das árvores mais comuns da mata virgem ao pé da Serra Geral catarinense, transpõe o Mambituba, ocorrendo, embora com pouca frequência, até a bacia superior do Rio dos Sínos.

ANONACEAS.

Anona cacans Warm., mantém uma linha de conexo suficiente-

mente definida a partir de Torres até os arredores de S. Leopoldo, onde não é rara.

Rollinia emarginata Schl., no RGS só se encontra nas matinhas campestres em contato direto com o litoral do norte; é muito frequente nas cercanias e ao sul de P. Alegre.

LEGUMINOSAS.

Sem dúvida boa parte das espécies riograndenses, especialmente das silvestres, entrou pela porta de Torres; em vista da grande dificuldade de as discenir fitogeograficamente, limito-me a uma única:

Schizolobium excelsum Vog., árvore comum na Serra do Mar catarinense, atravessa a fronteira do RGS em poucos lugares; parece que não alcança Osório, sendo, porém frequentemente cultivada.

RUTÁCEAS.

Esenbeckia grandiflora Mart., é um arbusto do interior da mata virgem da baixada litorânea, cujo território se estende em contato com o sul de Sta. Catarina até P. Alegre.

MALPIGHIÁCEAS.

Stigmatophyllum litorale Juss., é frequente em Sombrio, seguindo o litoral até o Uruguay; nunca a encontrei longe da faixa costeira; nos arredores de P. Alegre existe, embora raro, *S. jatrophifolium* (Lam.) Juss.

POLYGALÁCEAS.

Polygala paniculata L., entre as numerosas espécies riograndenses parece ser a única, cujo território se limita ao litoral do norte em contato com Sta. Catarina.

AQUIFOLIÁCEAS.

Ilex pseudobuxus Reiss., é um arbusto ou pequena árvore típica da matinha paludosa atrás da linha de dunas móveis; o fato de não ter sido citado por nenhum dos botânicos antigos, novamente demonstra a falta de pesquisas nesta região. Parece não avançar além da linha Viamão-Cidreira (paralelo 30).

RHAMNÁCEAS.

Colubrina rufa Reiss., é frequente nas selvas do sul de Sta. Catarina e de Torres; em raros exemplares avança até S. Leopoldo e Porto Alegre.

MALVÁCEAS.

Hibiscus amoenus Link et Otto, em franca contradição com seu nome um arbusto cheio de acúleos pungentes, restringese, no RGS, à margem das lagoas do litoral norte.

STERCULIÁCEAS.

Guzuma ulmifolia StHil., a partir das matinhas do litoral norte penetra na planície central, sendo frequente na mata de meia altura na região arenítica de S. Leopoldo.

GUTTIFERAE.

Rheedia Gardneriana Planch. et Triana., pequena árvore do interior do mato, é abundantíssima no sul de Sta. Catarina e na matinha brejosa do litoral norte riograndense; ocorre ainda em P. Alegre, S. Leopoldo e na mata virgem da Serra Geral.

OCHNÁCEAS.

Sauvagesia erecta L., frequente em Sombrio e perto de Osório.

BEGONIÁCEAS.

Das cerca de 15 espécies riograndenses desta família, a maior parte parece ter entrado pela porta de Torres; limito-me a duas, em que a estrada de imigração é evidente.

Begonia Hilariana ADC, bela espécie rupestre, encontrada por Reitz perto de Sombrio, sem dúvida ocorre também na parte fronteira do RGS.

Begonia fruticosa ADC, no lado catarinense da Serra Geral sobe até cerca de 800 metros sobre o mar; no RGS achei-a em muitos lugares do talude da Serra: assim no alto do Itacolumi (junto com Heliconia) na mata virgem de S. Salvador (600 ms.), perto de Nova Petrópolis no vale do Caí, e particularmente abundante na mata virgem da aba superior da Serra perto de S. Francisco de Paula (900 ms.).

MELASTOMATÁCEAS.

Esta família conta no RGS com cerca de 50 espécies, acumuladas em dois centros principais: a borda oriental do planalto, e o litoral do norte; como, segundo o estado atual das pesquisas, na maioria dos casos é impossível precisar a via de ingresso, contento-me com citar alguns exemplos fora de toda a dúvida.

Tibouchina asperior Cogn., é, das espécies litorâneas irradiadas para o interior talvez a mais espalhada. Cresce em profusão nas baixadas húmidas entre as dunas; observa-se frequentemente ao longo da estrada Osório-Porto Alegre, sendo mais rara nos arredores da capital; acha-se ainda com grande frequência nos campos húmidos que cercam os cursos inferiores do Caí e do Rio dos Sinos.

Tibouchina multiceps Cogn., é a mais bela das espécies litorâneas, confinada; quanto posso julgar, à região entre Osório e Torres. Constitue parte integrante da matinha palustre densa e baixa, em companhia com *Gaylussacia brasiliensis* Meissn., *Ilex pseudobuxus* Reiss., *Myrceugenia durifolia* (Berg) Legr., *Ocotea* sp., *Rheedia Gardneriana* Planch. et Triana, etc. Forma arbustos muito densos, até 2 metros de altura, que em março e abril se cobrem de inúmeras flores violáceo-róseas, simulando parques de *Rhododendron*.

Tibouchina simplicicaulis Cogn., subarbusto baixo com flores pequenas e pálidamente rosadas, ocorre nos campos arenosos e sub-húmidos.

Tibouchina semidecandra Cogn., com as flores maiores do gênero no RGS, também é exclusiva do litoral norte; cresce em densos conjuntos tanto nas baixadas húmidas como também nas areias algum tanto húmidas nos flancos das dunas semi-móveis.

Acisanthera alsinifolia Tr., frequente nas baixadas húmidas e arenosas, penetra no interior do Estado, sendo frequente nos arredores de S. Leopoldo.

Do gênero *Miconia* (7 espécies riograndenses no Herbário Anchieta) não conheço nenhuma de procedência litorânea certa; verdade é que as duas mais comuns (*M. hyemalis* StHil. et Naud., e *M. Sellowii* Naud.) são abundantes no litoral e ainda 150 km. no interior; mas também ocorrem da mesma forma na borda oriental do planalto.

O mesmo vale do gênero *Rhynchanthera* (2 ou 3 espécies), cujos representantes existem tanto nos campos húmidos da região em aprêço como nas areias turfosas do planalto do nordeste.

As 15 espécies de *Leandra* são essencialmente planaltinas, tanto nos pinhais como principalmente na matinha da aba superior dos aparados do leste; no litoral e nas zonas em contato, a mais frequente é *T. australis* Cogn., que parece faltar no planalto.

HALORRAGHIDACEAE.

Serpicula tetrandra (Kanitz) Schott, é muito frequente nos campos brejosos do litoral norte riograndense em contato com o de Aranguá; parece faltar mais ao sul, pois a lista de Malme não a menciona para os arredores da cidade do Rio Grande.

Um problema à parte é a existência de *Gunnera Herteri* Osten no litoral catarinense médio e sul; como o lugar clássico se acha 600 kms. mais ao sul, no Uruguay, resta saber, se migrou em direção norte sul ao longo do litoral, ou em sentido inverso. A presença de *G. brasiliensis* Schindler e de numerosos outros membros da flora austral no planalto próximo, fala em favor da primeira hipótese; entretanto, há vários pontos de contato sistemático entre esta flora no planalto riograndense e elementos da flora uruguaia, de maneira que se trata provavelmente de dois centros desconexos da antiga flora austral. Falam em favor desta última idéia as 3 espécies de *Pamphala*, gênero, cujo centro de dispersão se acha no Uruguay.

ARALIACEAS.

Gilibertia cuneata E. March., é um dos elementos imigratórios mais bem caracterizados; estende-se, em linha ininterrupta, desde o sul de Sta. Catarina através do litoral riograndense do norte às planícies centrais, sendo abundante nas cercanias de Porto Alegre e S. Leopoldo; é árvore essencialmente campestre, faltando completamente na mata virgem da Serra Geral.

Didymopanax Morotoni (Aubl.) Dcne. et Planch., ao contrário da espécie anterior, é exclusiva da mata virgem. Proveniente do sul de Sta. Catarina, acompanha, embora pouco frequente, o talude meridional da Serra, ao menos até a bacia do Taquari. É de notar, que tam-

bém ocorre no Alto Urugual, de maneira que se devem admitir duas vias de imigração, fato aliás observado na maioria das famílias tropicais.

ERICACEAS.

Gaylussacia brasiliensis Meissn., segue o litoral catarinense e atravessa a porta de Torres, sendo frequente nas cercanias de Osório; de lá irradia para o interior, ocorrendo esporadicamente nos morros areníticos entre St. Antônio da Patrulha e S. Leopoldo.

Parece ser a única espécie riograndense desta família entrada pela porta de Torres; as outras, cerca de 12, acumulam-se na borda oriental da Serra Geral.

PLUMBAGINACEAS.

Statice brasiliensis Boiss., frequente no litoral da Ilha de Sta. Catarina, parece ter seu limite austral em Torres, onde foi constatada por Reitz.

APOCYNACEAS.

Rhabadadenia latifolia Malme, é comum nos banhados invadidos pela vegetação arbustiva de toda a região em aprêço.

Tabernaemontana Hilariana M. Arg., frequente no litoral de Sombrío, foi por mim constatada na margem interna da Lagoa dos Quadros.

Forsteronia rufa M. Arg., cujo ponto mais austral até agora se achava em Sta. Catarina, é frequente na matinha brejosa entre Osório e Tramandaí até a margem norte da Lagoa dos Patos.

RUBIACEAS

Bathysa australis Hook. f., pequena árvore de folhas gigantesas, muito frequente ao sul de Sta. Catarina, principalmente no andar inferior da Serra Geral, parece muito rara na região em aprêço; tenho um único exemplar esteril da margem interna da Lagoa dos Quadros.

Posoqueria macropus Mart., espécie comum na matinha litorânea do sul de Sta. Catarina, tem, por enquanto, seu ponto mais meridional na altura da Lagoa da Pinguela, entre Osório e o vale do Maquiné, onde faz parte do mato de meia altura ao pé da Serra; parece ser rara na região em aprêço, pois encontrei um único exemplar esteril. Na região de Torres, segundo Dutra, ocorre com mais abundância.

Não duvido que grande parte das Rubiáceas arbustivas (*Faramea*, *Psychotria*, *Rudgea*, *Mapouria*) riograndenses tenha seguido a mesma via de imigração.

Esta seleção de 75 espécies está muito longe de ser completa; talvez não alcance 10% das espécies riograndenses imigradas pela porta de Torres. Só o inventariamento sistemático da flora de Torres e sua irradiação geográfica para o interior do Estado — tarefa, que ultrapassará o presente século — poderia preencher as lacunas do presente esboço. Entretanto, o material apresentado parece permitir o seguinte quadro geral:

1. A porta de Torres, única comunicação franca entre o sul de Sta. Catarina e o nordeste do RGS, é na realidade uma **estrada de migração** importante para as espécies tropicais e sub-tropicais vindas do norte e do centro do Brasil.
2. Os elementos imigrados, no seu aspecto sistemático, pertencem quase sem exceção, a **faunlias tipicamente tropicais**: Palmeiras, Aráceas, Orchidáceas, Bromeliáceas, Musáceas, Moráceas, Melastomatáceas; se algumas do mesmo caráter, como as Leguminosas, Euphorbiáceas, Myrtáceas, foram aqui deixadas de lado, isto é devido apenas à falta de elementos certos sobre sua distribuição no RGS em conexo com Torres.
3. Boa parte das espécies aduzidas apresentam, em sua ocorrência a partir de Torres, a **distribuição desconexa** típica para os limites fitogeográficos extremos; Euterpe, Philodendron Selloum, Didymopanax podem servir como exemplos.
4. Grande parte das espécies imigradas não avança além de Osório, onde a inflexão da Serra Geral para o oeste com seu consequente afastamento do litoral altera sensivelmente as **condições climáticas**; pertencem a este grupo: Philodendron imbe, Laelia e numerosas outras Orchidáceas, Bathysa, Posoqueria.
5. Os elementos imigrados no RGS pertencem a todos os **grupos ecológicos** principais do litoral catarinense: espécies halófilas, como Salicornia; espécies arenícolas, como Thesium; espécies dos prados húmidos, como Serpicula. Sauvagesia; espécies da matinha sobre as dunas solidificadas como Vanilla, Butia, Coussapoa; espécies da matinha húmida ou semipaludosa, como Gaylussacia, Rheedia, Geonoma, Ilex pseudobuxus; espécies francamente palustres, como as Eriocauláceas, Rhabdadenia; espécies da mata alta e húmida ao pé da Serra, como Euterpe, Heliconia, Talauma; finalmente espécies da mata virgem dos flancos da Serra, como Cecropia obtusa, Colubrina, Bathysa, Begonia fruticosa, e muitas outras.

Comprimidias na estreita entrada de Torres, primeiramente acompanham o litoral riograndense em faixas paralelas até a margem sul da Lagoa dos Barros; em seguida, os grupos ecológicos, já muito rarefeitos, expandem-se em leque; o grupo halófilo e arenícola mais a maior parte dos elementos paludosos segue o litoral, rarefazendo-se sempre mais, de maneira que raríssimos representantes alcançam o extremo sul, p. e. Eriocaulon megapotaemicum Malme; provavelmente a linha Viamão — Cidreira (paralelo 30) serve como limite convencional.

Os grupos campestre, paludícola e silvestre lançam elementos dispersos para o interior, p. e. Cecropia tyratiloha, Acisanthera, Coussapoa, Anona, Anthurium scandens, cujo limite oeste se pode fixar esquematicamente aos 52° WG; geograficamente, a maior parte destas espécies se encontra nos municípios de P. Alegre, Viamão, Gravataí e S. Leopoldo. Os elementos da mata virgem, finalmente, seguem o talude meridional do planalto; entre eles Didymopanax e Euterpe parecem ser os que mais avançam para o oeste.

Em vista disto, parece lícito tirar algumas **conclusões fitogeográficas gerais**:

1. A flora tropical imigrada pela porta de Torres, constitui um verdadeiro **limite fitogeográfico** contra os elementos pampeanos, andinos e austrais nos municípios de Viamão, Pôrto Alegre e S. Leo-

poldo; são paradigmáticas desta corrente contrária: Arjonia, Escallonia, Colletia, Chloraea, Bipinnula, Codonorchis, Reussia, Pamphalea, Quillaja, Pratia e muitos outros gêneros com centro de dispersão austral ou andino, presentes nesta região de mistura com a corrente tropical em foco.

2. A causa deste limite é, certamente, em grande parte, climática; isto vale em primeiro lugar para as espécies definidamente tropicais entre as Palmeiras, Orchidáceas, Bromeliáceas, Aráceas. Mas este motivo não me parece suficiente para as espécies campestres e paludosas; prefiro admitir a forte interferência do fator histórico: **a corrente de imigração meridional é mais antiga** do que a tropical. Os elementos imigrados através da porta de Torres, mais ao sul, já encontraram conjuntos ecológicos e sistemáticos constituídos, em cujo meio só raras espécies conseguiram infiltrar-se. Deixo esta questão, por enquanto, aberta à discussão; não disponho dos dados necessários para a solução.
3. Não há, porém, possibilidades de dúvida que **o conjunto austral-antártico do planalto** (Araucaria, Podocarpus, Fuchsia, Gunnera, Drymis etc., bem como parte dos musgos e dos pteridófitos) seja **mais antigo do que a imigração por Torres**. Sua chocante discontinuidade (Planalto sulbrasileiro — Andes Meridionais — Austrália Nova Zelândia — Oceania) o faz remotar a um período bem mais antigo do que o da constituição da flora tropical sulamericana com foco na Amazônia, que sem solução de continuidade irradiava para todos os lados.

Desta maneira resultaria para o RGS a seguinte estratificação cronológica: A flora mais antiga é conservada nos restos do grupo austral-antártico no planalto; segue, em segundo lugar, o grupo irradiado do lado atlântico dos Andes meridionais e médios; vem, por último, a imigração tropical, que entrou por três vias principais: A porta de Torres para a vegetação costeira; o Rio Pelotas (nascentes do Uruguai) para a flora campestre do Brasil central; o Alto Uruguai para a flora tropical da bacia do Paraná.

Estas duas últimas frentes de entrada, bem como suas relações com os grupos meridionais mais antigos, constituiriam atraentes objetos de estudo, para o qual, porém, no momento faltam os elementos em número suficiente.

Pôrto Alegre, 28 de abril de 1950.

B. Rambo SJ.

ATIVIDADES FLORESTAIS NO ESTADO DE SANTA CATARINA

Eng. José Carlos de Mattos Horta Barbosa
Executor do Acôrdo Florestal de Sta. Catarina

Trabalho preparado para a Reunião do Conselho Florestal Federal, convocada para tomar conhecimento das atividades florestais em todo o Brasil.

A organização de um Serviço Florestal em Santa Catarina, há muito tempo que vinha sendo reclamada.

O corte intensivo dos pinhais, os desmatamentos desordenados nas zonas coloniais para as plantações de roça e os promovidos pelo Serviço Nacional da Malária para efeito de saneamento de regiões malarígenas, as dificuldades de abastecimento de lenha das cidades e Cias. de Estradas de Ferro e demais problemas relacionados às atividades florestais aos poucos foram despertando a atenção do governo no reconhecimento da necessidade de ser dispensada uma maior atenção no trato das questões florestais do Estado.

Investigando-se, porém, sobre a legislação florestal de Santa Catarina, observa-se que vem de longe o interesse do governo, na defesa de seu patrimônio florestal. Cita-se a Lei N. 997 de 6 de outubro de 1914 "autorizando o Poder Executivo a criar o Serviço Florestal para regularização do corte da lenha, etc.", a Lei N. 1.629 de 4 de outubro de 1928, "autorizando a criar florestas protetoras e reservas florestais do Estado", o Dec.-Lei N. 132 de 11 de junho de 1938, "determinando providências para a defesa do patrimônio florestal". Na legislação federal o Dec.-Lei N. 2.014 do Governo Federal de 13 de Fevereiro de 1940, "autorizando os governos estaduais a promoverem a guarda e fiscalização das florestas", além do Código Florestal Federal, aprovado pelo Decreto n. 23.793, de 23 de janeiro de 1939, que regulamenta a exploração das florestas e prevê a criação de um conselho Florestal, órgão consultivo com a função de promover e zelar a fiel observância do Código, além de outras incumbências.

Sendo sempre crescente a necessidade de serem tomadas providências mais positivas no setor florestal, o atual governo, a par das conclusões resultantes da 1ª. reunião econômico-agrícola de Santa Catarina, assinou com o Governo Federal um Acôrdo visando a articulação de serviços de florestamento, reflorestamento e proteção florestal, criando em seguida o Serviço Florestal do Estado, que funciona em conjugação com o mencionado Acôrdo Florestal, estando prevista a criação do Conselho Florestal do Estado.

O Acôrdo Florestal, iniciando suas atividades em, praticamente outubro do ano passado, seguindo um plano de trabalho previamen-

te delineado, vem desenvolvendo sua ação tendo em vista, como pontos principais:

- 1 — formação de viveiros municipais em forma de Campos de Cooperação com as Prefeituras Municipais, Repartições do Governo ou Particulares.
- 2 — Formação de Agências Florestais Municipais com cargos remunerados, tornando em seguida, essas Agências em Delegacias Florestais para receberem a orientação competente da Secção de Protecção Florestal do Ministério da Agricultura.

Até o momento já foram fôrmosos os seguintes contratos de co-
operação, em numero de quatorze: Prefeituras de Laguna, Ibirama, Mafra, Itajaí e Palhoca; com as Fazendas de Aviação da Secretaria da Agricultura "Assis Brasil" e "Ressacada", Circunscrição Sul do Serviço Nacional da Malária na cidade de Brusque, Postos Agro-Pecuários da Secção do Fomento Agrícola de "Urussanga" e "Indaial", Destacamento da Base Aérea de Florianópolis, Diretoria de Terras e Colonização do Estado na cidade de Blumenau e Núcleo Colonial "Dr. Aderbal Ramos da Silva" e com o Colégio S. Antônio de Blumenau. Além destes contratos, muitos outros estão em vias de serem firmados especialmente com Repartições do Governo e Particulares, interessados no reflorestamento de suas terras.

Dos contratos citados, já estão em execução os das Fazendas de criação "Assis Brasil" e "Ressacada", Destacamento da Base Aérea de Florianópolis, Prefeituras de Mafra e Palhoca e Circunscrição Sul do Serviço Nacional da Malária na cidade de Brusque.

A cooperação prestada pelo Acôrdo Florestal, compreende o fornecimento gratuito de sementes e máquinas para fabricação de torções, empréstimo de ferramentas e máquinas para aração das terras e extinção de formigueiros, além de toda assistência técnica. Em alguns casos, o Acôrdo têm mesmo posto à disposição do Campo, um ou dois homens permanentes para a execução dos trabalhos; em outros, a orientação técnica é feita por meio de uma fiscalização periódica sistemática.

Está sendo adotado com êxito, o sistema de sementeira em torções prensados, compostos de uma liga de barro e estrume, mais vantajoso e econômico por dispensar a operação de ripicagem, em menor escala, contudo, são adotados os outros sistemas de plantação em laminados e sementeira em canteiros por repicagem para caixas.

Para o corrente ano, prevê-se a formação mínima e global de 500 mil mudas de essências diversas.

As essências que estão sendo empregadas, são: *Eucalyptus saligna*, robusta, citriodora, alba e tereticornis, pinheiro brasileiro, pinheiro marítimo, acacia negra, e essências diversas para ornamentação e arborização de ruas como *Ligustrum*, oití, casuarinas, *Tipuana Spenciosa* e muitas outras.

Está merecendo nossa atenção, no momento, um fomento mais intensivo para o reflorestamento do pinheiro.

Estamos estudando uma fórmula de cooperação com as Prefeituras e os Particulares da região serrana, onde o pinheiro tem seu "habitat", no sentido de procedermos ou promovermos todas as facilidades para o reflorestamento do pinheiro brasileiro. A plantação dessa essência apresenta a particularidade de exigir a sementeira direta no local definitivo, o que diferencia do sistema adotado para a

plantação das outras essências. Aparentemente, dá a impressão da sua cultura ser mais fácil, pois não exige a formação de viveiros. No seu caso, basta o fornecimento de sementes em vez de mudas formadas com 4 a 6 meses de idade. No entretanto, justamente essa facilidade é que constitui o maior embaraço do fomento para o reflorestamento dessa essência. Para o governo é mais seguro ou por outra, oferece maior garantia de aproveitamento, promovendo o fornecimento de mudas em vez de sementes especialmente no caso do pinheiro, que a semente é gostosa para comer e boa para engordar porcos, mesmo com a exigência de um compromisso de plantação.

A proteção florestal no Estado é exercida pelos Agentes Florestais, regulamentados pelo decreto-lei estadual n. 132 de 11-7-1938 e, mais recentemente, pelos Delegados Florestais, de nomeação do Sr. Diretor do Serviço Florestal Federal e instruídos pela Seção de Proteção Florestal por intermédio da Delegação Florestal Regional com sede em Florianópolis, cujo Delegado Regional é o próprio Executor do Acôrdo Florestal, que também é o Diretor do Serviço Florestal do Estado, pois que este Serviço funciona, por ora, no regime de Acôrdo.

Há, desta forma, uma ação coordenadora das atividades florestais no âmbito federal e estadual, visando um melhor aproveitamento de esforços. Esta ação se estende também ao âmbito Municipal, pois que, embora o Agente Florestal pertença ao quadro de funcionários do Município, remunerado ou gratuito, a orientação de suas atividades é dada pela autoridade florestal estadual.

Atualmente, dos 52 municípios do Estado, 20 possuem Agentes Florestais que, na maioria, ocupam cargo remunerado. Dedicavam-se quase que exclusivamente à tarefa de registro de serrarias, pois que não recebiam nenhuma outra orientação.

Delegados Florestais, existem quatro e, dentro em breve, cerca de onze Municípios terão seus Agentes nomeados Delegados Florestais. Exercerão a função cumulativamente, percebendo vencimentos pelo Município, na qualidade de Agentes e recebendo instruções para melhor desempenho de suas funções, pela repartição competente do Governo Federal, na qualidade de Delegados.

O Acôrdo Florestal, visando conseguir maior eficiência do trabalho dos Agentes e Delegados Florestais, deverá dotar de meio de transporte adequados, algumas das Delegacias de maior movimento visto que a dificuldade de locomoção, tem sido o maior entrave para o exercício da fiscalização florestal.

HORTOS E RESERVAS FLORESTAIS

O Acôrdo Florestal prevê, em uma de suas cláusulas, a criação imediata e manutenção de um Horto Florestal para estudo e multiplicação de essências nativas e exóticas, em terras cedidas pelo Estado, satisfeitas as condições de área, fertilidade, localização, meios de acesso, salubridade, água e mais condições técnicas exigidas.

Devido à exiguidade do tempo em 1948, foi praticamente impossível tratar deste assunto, mas em 1949 deverá ser resolvido já estando em cogitação a obtenção de uma área à margem da Estrada de Rodagem Federal, no Município de Curitiba.

Não obstante, providências foram tomadas no sentido das Companhias de Estrada de Ferro que explorem largos trechos do Território

Catarinense, cumprirem um dos dispositivos do Código Florestal, que determina seja mantido o cultivo das florestas indispensáveis ao suprimento regular da lenha e dormentes.

Neste sentido e oferecendo cooperação para a organização de Hortos Florestais, foram iniciados entendimentos com a Rêde Viação Paraná-Santa Catarina e a Estrada de Ferro Santa Catarina.

A criação de reservas florestais faz parte do plano de ação do Governo Catarinense no setor florestal. É, sem dúvida, a medida protetora mais eficaz. O Governo para não entrar em choque com os interesses da iniciativa particular, em defesa do bem estar da comunidade e das gerações futuras, tem que delimitar e reservar as áreas que julgar de importância sua conservação. Em Santa Catarina existem diversas áreas indicadas para este fim, porém, nenhuma medida ainda oficial.

CONSELHO FLORESTAL DO ESTADO E LEGISLAÇÃO FLORESTAL

Está em vias de conclusão o projeto da criação do Conselho Florestal do Estado. Com a sua criação, deverá ser feita, então, a revisão da legislação florestal do Estado e serão debatidos todos os problemas relacionados com a defesa do patrimônio e a exploração racional dos cursos florestais.

PROVIDÊNCIAS DIVERSAS SOBRE INVESTIGAÇÃO E EDUCAÇÃO FLORESTAL

Providências nesse sentido já estão sendo levadas a efeito pelo "Acôrdo Florestal". Estão sendo feitos, no momento, inquéritos junto a todas as Prefeituras Municipais, com respeito à avaliação das áreas já reflorestadas artificialmente, essências empregadas, número de pés existentes, etc., sobre as essências florestais comuns em cada Município e, ainda, uma compilação sobre toda legislação florestal, quer estadual como municipal.

Dentro em breve deverá ser admitido um Naturalista pelo "Acôrdo", para o estudo da flora Catarinense e auxiliar nas investigações silviculturais que forem procedidas.

Visando instruir o público sobre diversos aspectos do problema florestal, foram confeccionados cartazes como os que vão anexados ao presente relatório.

ATIVIDADES FLORESTAIS DE PARTICULARES E ENTIDADES DO GOVÊRNO

No concernente às atividades particulares, conforme já foi dito linhas atrás, está sendo feito no momento um inquérito junto às Prefeituras Municipais, a respeito das áreas reflorestadas artificialmente, motivo porque ainda é prematuro tecer quaisquer considerações a respeito. Posso adiantar, no entretanto que existem no sul do Estado, na zona carbonífera, grandes plantações de eucaliptus nos municípios de Tubarão e Criciúma e de pinheiros e carvalho europeu, nos municípios de Ibirama e São Bento do Sul.

No município de Canoinhas, possui o Instituto Nacional do Pi-

nho, um Parque Florestal, serviço de vulto é bem delineado, com plantações de pinheiro brasileiro e cedro. Tenho conhecimento que o Instituto Nacional do Pinho, está levando a efeito investigações sobre a frequência de outras essências nas zonas de pinhais. Como existem representantes do INP presentes nesta Reunião, seria interessante ouvir uma dissertação sobre todos os trabalhos atualmente em execução por esta entidade.

Em 20 de Junho de 1949.

Representante do Governo de Santa Catarina.

Executor do Acôrdo Florestal.

“A natureza fez tudo a nosso favor, nós, porém, pouco ou quasi nada temos feito a favor da natureza”.

JOSE BONIFÁCIO, o Patriarca.